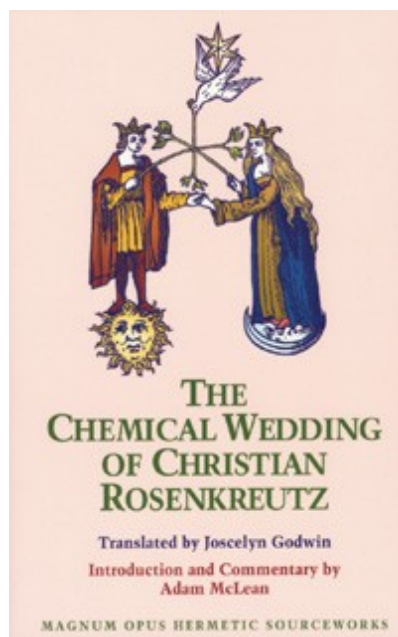


AS BODAS ALQUÍMICAS DE CHRISTIAN ROSENKREUTZ

Johann Valentin Andreae

Chymische Hochzeit

(1616)



SINOPSE: No decorrer de sete dias C.R.C. vivencia diversas cerimônias e provas; finalmente é sagrado Cavaleiro da Pedra Áurea. Precedendo os sete dias há um prólogo e um sonho. Depois de diversas aventuras, ocorre a pesagem das virtudes dos candidatos. Quando, ao chegar ao final de suas provas, C.R.C. deve escrever seu nome em uma pequena capela, ele escreve: "O mais elevado saber é que nada sabemos"

ISBN: 85-85485-01-9

BIBLIOTECA UPASIKA

www.upasika.com

Coleção "Rosae Crucis" N° 26



*Os segredos perdem seu valor;
a profanação destrói a graça.
assim, não arrojé pérolas aos porcos
nem faça leitões de rosas para os asnos.(1)*

Ver Mateus VII-6.

*"Não dêem as coisas santas aos cães nem arrojem
suas pérolas aos porcos, não deixem
que as pisoteiem com seus pés e, revolvendo-se, eles destroçam".*

ÍNDICE

Introdução

Origens e documentos fundamentais da Rosa-Cruz

A Fama Fraternitatis

A Confissão

As Bodas Alquímicas

A Alquimia Cristã e o Rosacruzismo

Christian Rosacruz

Jean Valentín Andrae

A Maçonaria e a Rosa-Cruz

As Bodas Alquímicas e o Tarot da Marsella

O Simbolismo da Rosacruz

Primeira jornada

Nota à Primeira Jornada

Segunda jornada

Nota à Segunda Jornada

Terceira jornada

Nota à Terceira Jornada

Quarta jornada

Nota à Quarta Jornada

Quinta jornada

Nota à Quinta Jornada

Sexta jornada

Nota à Sexta Jornada

Sétima jornada

Nota à Sétima Jornada

Apêndices

O Canto da Pérola

O Velocino de Ouro

A Alegoria do Merlin

A Confissão

Nota ao Apêndice

INTRODUÇÃO

Origens e documentos fundamentais da Rosa-Cruz

Recebe o nome de Rosa-Cruz uma irmandade oculta de buscadores espirituais que surgiu na Alemanha no século XVII; entretanto, as primeiras notícias de uns "Irmãos da Rosa-Cruz" na Europa datam do século XIV. (René Guénon, *Aperçus sur l'Initiation*, Paris 1976).

Por outra parte, a primeira manifestação pública da Rosa-Cruz como escola constituída parece ter tido lugar em Paris quando, em agosto de 1623, apareceram fixados em algumas paredes desta cidade uns pôsteres que diziam:

"Nós, deputados do Colégio principal dos Irmãos da Rosa Cruz, tornamos morada visível e invisível nesta cidade pela Graça do Altíssimo, para a qual volta-se o coração dos Justos. Ensinamos sem livro, nem máscara, falando em todas as línguas dos países onde queremos estar, para liberar os homens, nossos semelhantes, dos enganos da morte." (Ver Gabriel Naudé, *Instruction a France sur a vérité de l'histoire de Frères de a Rose-Croix*, Paris 1623).

"Nós, deputados do Colégio da Rosa Cruz, assessoramos a todos aqueles que desejem entrar em nossa Sociedade e Congregação ensinando-lhes o perfeito conhecimento do Altíssimo [...], advertimos ao leitor que conhecemos seus pensamentos, que se sua vontade é nos ver unicamente por curiosidade, nunca se comunicará conosco; mas se a vontade o leva realmente a inscrever-se no registro de nossa confraternidade, nós, que julgamos os pensamentos, faremo-lhe ver a verdade de nossas promessas, de tal modo que não damos a direção de nossa morada, já que os pensamentos unidos à vontade real do leitor serão capazes de fazer que nos conheça e de que lhe conheçamos." (Ver Anônimo, *Efroyables pactions faites entre o Diable et os prétendus invisíveis*, Paris 1623).

Nove anos antes destas manifestações públicas apareceu em Cassel um curioso opúsculo de 15 páginas que tratava da Rosa-Cruz: *A Fama Fraternitatis*. (O título completo desta obra é *Allgemeine und geral REFORMATION. Der gantzen kreutzes Gedruet and Cassel durch Wilhelm Wesell, Anno N.DC.XIV.*)

O termo latino "*fama*" designa um rumor público, uma voz comum, "O que no Ocidente chamaram *Rosa-Cruze* a partir do século XIV, e que recebeu outras denominações em outras épocas e em outros lugares, porque o nome não possui aqui mais que um valor puramente

simbólico e tem ele mesmo que adaptar-se às circunstâncias, não é uma associação qualquer, é a coletividade dos seres que alcançaram um mesmo estado superior ao da humanidade ordinária, um mesmo grau de iniciação efetiva... Por esta razão, reúnem-se no Templo do Espírito-Santo, que está em todas partes".

Acredita-se, entretanto, que esse livro circulava em forma de manuscrito uns vinte anos antes de sua publicação. Uma notícia que vai de boca em boca, trata-se de uma "Comum e geral reforma de todo o vasto mundo, seguida da Fama *Fraternitatis* da louvável ordem da Rosa-Cruz".

Tudo o que se pôde averiguar a propósito das origens da Rosa-Cruz procede deste livro, onde se encontra a narração da vida do Christian Rosacruz.

Como veremos mais adiante, este personagem, que no fundo é simbólico, esteve em contato com o mundo islâmico. Isto levou a muitos autores, entre eles René Guénon e Emile Dantinne, a ver uma origem islâmica na fraternidade Rosa-Cruz.

A Fama *Fraternitatis* alude a uma fraternidade secreta fundada pelo Christian Rosacruz que, ao longo de suas viagens pelo Oriente muçulmano, obteve a revelação dos secretos de "a ciência harmônica universal". Apoiando-se nestes ensinamentos, concebeu um plano para reformar filosófica, religiosa, artística, científica, política e moralmente o mundo, para cuja realização se rodeou de alguns discípulos. Segundo Emile Dantinne (Ver Emile Dantinne, "*Do Forigine Islamique dê Rose-Croix*" na revista *Innconnues*, nº 4, pág. 8 e ss. Henry Corbin parece estar de acordo com este autor. Ver *L'imagination créatrice dans o soufisme d'Ibn Arabi*. Ed. Flammarion, pág. 20, Paris 1977), Christian Rosacruz teria entrado em contato com "Os Irmãos da Pureza", sociedade filosófica formada em Basra na primeira metade do século IV da *Hégira* (622). As doutrinas desta sociedade não estavam em tudo de acordo com a ortodoxia islâmica, mas sim se apoiavam em grande parte nos antigos filósofos gregos e nos neopitagóricos.

Os "Irmãos da Pureza" diferem dos sufis em alguns pontos, embora estejam de acordo em muitos outros. Ambas são "místicas que derivam da teologia alcoronista. O dogma está aqui suplantado pela fé na Realidade divina". (Ver R. A. Nicholson, *Studies in Islamic mysticin*, pág. 79, 1921).

Apoiando-se sobretudo em seus precursores gregos e alexandrinos, os sábios do Islã estudaram e desenvolveram a astrologia e a alquimia que, através das Cruzadas, voltariam para a

Europa. Muitas das idéias principais destas duas ciências aparecem não só na Fama *Fraternitatis*, mas também nas "Bodas Alquímicas".

Os verdadeiros Rosa-Cruzes que, como veremos, não terá que confundir com os rosacruzes do século XVII ou, menos ainda com os atuais, permaneceram sempre no anonimato. Se algum deles teve um papel importante na história, guardou-se bem de apresentar-se como Rosa-Cruz. Como os sufis no esoterismo islâmico, os Rosa-Cruzes autênticos não utilizaram nunca em público este título. Como escreve Guénon de um modo taxativo, "Se alguém se declarou a si mesmo Rosa-Cruz ou Sufi, pode-se afirmar, sem necessidade de examinar as coisas mais profundamente, que realmente não o era". (Ver René Guénon, op. cit., pág. 246). Afirmação suficientemente clara para dar-se conta do que são, no fundo, os rosacruzes atuais que se anunciam na imprensa. É inegável que houve, nas origens da Rosa-Cruz, uma colaboração entre iniciados nos dois esoterismos: o cristão e o islâmico; esta colaboração continuaria realizando-se, sob outras formas, já que sua razão de ser é precisamente manter o laço entre as iniciações do Oriente e Ocidente.

A Fama Fraternitatis

O breve texto da Fama *Fraternitatis* está precedido de um prefácio "ao avisado e entendido leitor" no que se expõem as idéias fundamentais da doutrina Rosa Cruz.

"A Sabedoria, sopro do poder divino e raio da magnificência do Altíssimo, é para os homens um tesouro infinito."

"Nosso pai Adão possuía em sua totalidade este tesouro antes da queda, e graças a ele pôde nomear aos animais dos campos e aos pássaros do céu que o Senhor Deus pôs diante dele. (Ver a respeito nossa introdução aos *Ensinos do Jesus Cristo a seus Discípulos*, Editora Obelisco). "A triste queda no pecado diminuiu esta jóia magnífica da Sabedoria e propagou a orgulhosa obscuridade e incompreensão pelo mundo. Entretanto, Deus a desvelou por instantes a seus amigos, pois o sábio rei Salomão nos dá testemunho deste fato: acessou, por sua oração aplicada a sua aspiração, a esta sabedoria, de modo a conhecer como foi criado o Mundo, a força dos elementos, o meio e o final dos tempos, como começa e acaba o dia, como se transformam as estações, como evolui o ano, etc." (Ver Sabedoria VII-7 a 21). "Todo cristão tem que ser um verdadeiro Jesuíta, ou seja, há de caminhar, viver, ser, permanecer em Jesus."

"Aqui está o verdadeiro rubi real, a nobre, brilhante pedra vermelha da qual se diz produzir nas trevas: um resplendor luminoso; é um medicamento perfeito para todos os corpos; transforma em ouro puro os metais; deixa para trás todas as enfermidades, angústias, penas e melancolias dos homens." O texto prossegue comentando o sacramento da Eucaristia, comparando os ensinamentos da Bíblia com os de Platão, Aristóteles e Pitágoras, atacando com fúria os "aventureiros e vadios" que inutilmente pretendem fabricar ouro. Desde os primeiros parágrafos, a *Fama Fraternitatis* apresenta-se como porta-voz de um cristianismo gnóstico que pretende ir mais a fundo que o catolicismo oficial de Roma. O nome do protagonista da obra que, como veremos, é Christian Rosacruz, evoca já a idéia de um "cristianismo rosacruz". Trata-se de um modo de abordar as doutrinas cristãs que gozam de uma grande falta de rigor no concernente à mitologia, o simbolismo ou a alquimia. Se esta elasticidade pôde ser causa de heresia, como freqüentemente o foi, terá que admitir, não obstante, aproximar-se com uma perspectiva mais ampla o problema do esoterismo cristão.

Na segunda parte deste opúsculo aparece o relato da vida do irmão C. R. Se acreditarmos na *Confissão*, o segundo livro rosacruz que apareceu ao ano seguinte da publicação da *Fama Fraternitatis*, trataria-se de Christian Rosacruz.

Nascido em 1378, no seio de uma família nobre, Christian perdeu a seus pais quando era ainda menino. Foi educado em um convento no qual entrou aos quatro anos e não saiu até os dezesseis (ou seja doze anos simbólicos), para realizar as viagens narradas em *Fama Fraternitatis*. No convento adquiriu um conhecimento bastante aceitável do latim e o grego, travando amizade com um irmão, o P. A. E., com o qual empreenderia uma peregrinação ao Santo Sepulcro. C. R. desembarcou em Damcar, onde entrou em contato com os sábios desta cidade, "capazes de grandes maravilhas". Não há como averiguar onde está esta cidade que, por outro lado, não pode estar muito longe de Jerusalém, mas que não corresponde nem a Damasco nem a nenhuma outra cidade cujo nome pareça com Damcar. Aprendeu árabe com tanta celeridade que em um ano traduziu para o latim o famoso livro *M.3.* que levaria com ele.

Permaneceu uns três anos em Damcar, passando pelo Egito, dirigiu-se a Fez onde ficou em contato com os iniciados desta cidade, passando logo pela Espanha antes de retornar à Alemanha, onde formaria o primeiro núcleo da confraria da Rosa-Cruz.

Quão sábios encontrou em Fez estavam em contato com os iniciados dos outros países islâmicos e conheciam todas as chamadas "Ciências Ocultas", que C. R. estudaria com eles.

Se meditarmos nos breves extratos da *Fama Fraternitatis* que acabamos de ler, veremos que se trata de uma filosofia cristã profundamente ligada ao hermetismo. Falou-se de sincretismo entre os ensinamentos herméticos e o cristianismo. Com efeito, na *Fama Fraternitatis* (assim como na *Confissão* e nas "*Bodas Alquímicas*"), recolhem-se com toda naturalidade doutrinas herméticas e kabalistas. Este livro não foi encontrado embora, segundo a *Fama Fraternitatis*, Christian Rosacruz o teria traduzido ao latim. Tanto os historiadores como os pseudo-rosacruces do início do século quebraram a cabeça tentando identificá-lo com algum livro existente, à alguma obra de Magia ou de Alquimia conhecida. Não conseguiram esclarecer nada, pois se trata de um livro simbólico, do "*Livro*" por excelência, que o Adepto tem que procurar no Oriente. Não falamos aqui do Oriente situado em nossos mapas, mas sim do Oriente místico. Para mais precisões, remetemos ao leitor à toda obra do ilustre filósofo, já falecido, Henry Corbin, especialmente seu *L'Homme do Lumière dans o Soufisme Iranien*, Ed. Présence, Paris 1971. É o *Liber Mundi*, porque se trata do mundo espiritual que, segundo a feliz definição de Corbin é "a totalidade concreta que o homem alimenta com sua própria substância, acima dos limites desta vida", como se fora um livro que permanece intacto eternamente. Trata-se, sem dúvida, do *Liber Mundi*, o "*Livro do Mundo*", por oposição ao *Liber Gratiae*, o "*Livro da Graça*". (Recordemos que esta cidade Santa de Marrocos foi, durante a Idade Média, um dos centros mais florescentes referente à prática da alquimia).

Mas o autor de *Fama Fraternitatis*, como ocorre com muitos dos chamados alquimistas e kabalistas cristãos da época, não tenta pôr de acordo doutrinas diferentes, nem aproveitar elementos pertencentes a culturas distintas. Como escreve Henry Corbin, "abusa-se com facilidade do emprego da palavra "sincretismo". Quase sempre, esta palavra serve como argumento para não levar a sério algum generoso projeto que traga doutrinas convenientemente pertencentes ao "*passado resolvido*". Entretanto, nada há mais flutuante que esta noção de "passado"; de fato, depende de uma decisão ou de uma pré-decisão superada por outra que volte a dar futuro a este passado". (Ver Henry Corbin, *L'Homme do Lumière...*, op. cit.- pág. 29).

O autor da *Fama Fraternitatis* utiliza a linguagem e a cultura cristãs para expor umas

doutrinas encontradas em todas as tradições e em todas as épocas. Não inventa nada; não remodela nada, limita-se a dizer de novo o que já foi dito, mas esquecido. O mito da queda e a excelsitude da sabedoria não são monopólio de Roma; os livros dos kabalistas contêm alusões constantes a estes e outros temas; e mais, a chamada "filosofia hermética" dos alquimistas se apóia em grande parte nestes pressupostos. (Ver nossa introdução a *Quatro Tratados de Alquimia*, pág. 11, Ed. Visão Livros, Barcelona 1979).

Mas a originalidade com as quais estas verdades universais, sem estar na maioria das vezes em contradição com a ortodoxia, são apresentadas, é enorme; algumas afirmações resultaram um pouco fortes e suscitaram o ódio nos meios eclesiásticos. Entre seus numerosos caluniadores, dois jesuítas, o padre Gaultier e o padre Goelessius, chegaram a falar de ateísmo e relacionaram a fraternidade Rosa-Cruz com o pensamento de Lutero, o qual, na época e em certos meios era quase como falar do diabo. (Ver Jean-Pierre Bayard, *A Symbolique de Rose-Croix*, Payot, Paris 1976, pág.23). De qualquer modo, não esqueçamos que Juan Valentín Andreae, suposto autor de as "*Bodas Alquímicas*", era neto do Jacobo Andreae, conhecido por "*O Lutero de Württemberg*", que foi um dos mais ardentes defensores do luteranismo.

A Confissão

No ano seguinte à publicação de *Fama Fraternitatis*, aparece, ao mesmo tempo em Cassel e em Frankfurt a *Confissão*, o segundo livro básico da literatura Rosa-Cruz. Anônimo como o anterior, este livro exala a mesma exaltação mística e apocalíptica apreciada em *Fama Fraternitatis*, apoiando-se freqüentemente na Astrologia e apresentando alguns elos evidentes com a Kabala. Uma das idéias mais curiosas encontrada nele, denotando profundo conhecimento do esoterismo kabalístico, é que os caracteres ou letras que Deus incorporou na Santa Bíblia, estão também nitidamente impressos na maravilhosa criatura que são os céus e a terra. Adivinhamos aqui que a Bíblia é um símbolo, um arquétipo do *Liber Mundi* ao qual aludia a *Fama Fraternitatis*. As referências a este misterioso livro dentro da literatura esotérica, kabalística ou alquímica são constantes, poderíamos dizer que só falamos dele, mas são terrivelmente tão obscuras que esperou quatro séculos para encontrar-se com esta idéia claramente expressa em "*A Mensagem de novo Encontrada*": "O livro onde Deus tem escrito seu segredo é o céu e a terra. Por isso o homem santo e sábio estuda a Ciência do Senhor na paz do Jardim de Éden." (Ver

Louis Cattiaux, *A Mensagem de novo Encontrada*, Ed. Sírio, Málaga 1987, X. Vers. 64).

Não estendemos aqui a propósito deste libero no qual a letra e o espírito estão unidos, no qual o Sol e a Lua estão casados, mas não duvidamos em afirmar que é o *Livro das Eternas Bodas* perfeitamente simbolizado por "*As Bodas Alquímicas*".

Segundo seu autor, o objetivo da *Confissão* é completar *Fama Fraternitatis*, "preencher suas lacunas", "formular em melhores termos as passagens insondáveis". Devemos, pois, considerar esta obra como um complemento da anterior. O aspecto apocalíptico da *Fama Fraternitatis* se encontra também na *Confissão*, que oferece a felicidade de um século (Trata-se de *Olam Habá*, ou "*mundo que vem*", por oposição ao *Olam Hatsé*, "*este mundo*"; o termo latino *sæculum* é a tradução exata de *Olam*. Ver nossa introdução ao *Apocalipse de Esdrás*, publicado por Edições Obelisco) que goza da intervenção divina, opondo-se ao atual que se caracteriza pela falsidade, a mentira e as trevas. Trata-se do fim do mundo cantado nas diferentes evocações apocalípticas, (O Fim do Mundo, tal como o entendiam os antigos, não é nem o fim do planeta, nem o fim do Cosmos. Frequentemente se refere ao final de uma civilização; quase sempre se trata do fim do mundo que cada homem se criou e viveu, e o advento de que levava dentro dele.) mas aqui não aparece tão terrível como no Apocalipse de São João, trata-se de "uma nova manhã".

O autor da *Confissão* induz apaixonadamente seus discípulos à "leitura aplicada e permanente da Santa Bíblia", já que o verdadeiro Rosacruz faz do Livro Sagrado "a regra de ouro de sua existência"; "o objetivo e término de seus estudos"; "o resumo e quintaessência do mundo inteiro" (Cap. X). Estas breves apreciações serão suficientes para o leitor explicar o êxito da Rosa-Cruz em uma época em que a Igreja manifestava tanta dureza e intolerância. O ódio que chegou a ter dos Rosa-Cruz é, entretanto, completamente lícito se pensarmos que, frente a algum adepto verdadeiro que professasse estas doutrinas, encontramos com um sem-fim de grupos, mais ou menos isolados que, movidos por sua fantasia, orgulhosamente se acreditavam Rosa-Cruz, sem sê-lo em realidade.

Os três livros fundamentais do Rosacruicismo ofereciam, como tentamos demonstrar, um amontoado de doutrinas e idéias permitindo, aos ávidos de esoterismo, formarem, apoiando-se nestas, grupos de estudo e de busca que, mais tarde, deram lugar às associações e fraternidades

de buscadores que se auto-intitularam Rosacruces. Estas pessoas, em sua imensa maioria bons cristãos, que desejaram aprofundar no aspecto oculto de sua religião, não seriam nunca bem vistas pelas autoridades eclesiásticas. Com a aparição dos manifestos nas paredes de Paris, a situação só se complicou.

Acredita-se, e nisto estamos completamente de acordo com o Guénon, que a aparição pública dos Rosacruces coincidiu, em certo modo, com seu desaparecimento. "O que se faz público se envilece", sábia máxima do hermetismo, poderia aplicar-se aqui à famosa fraternidade.

As Bodas Alquímicas

Em 1616 aparecia em Estrasburgo uma das obras mais relevantes da literatura esotérica européia, "*As Bodas Químicas de Christian Rosacruz*". Advertimos que, na época, nada "químico" era sinônimo de "alquímico", portanto falamos aqui de umas "Bodas Alquímicas", e inclusive consideramos este livro como um tratado de alquimia. "*As Bodas Alquímicas de Christian Rosacruz*" são algo mais que um simples tratado hermético, trata-se de uma obra multidimensional, em que as noções correntes de espaço e tempo se encontram transcendidas das primeiras linhas. A trama tem lugar em um espaço e em um tempo reais, mas distintos aos que normalmente conhecemos. Desenvolve-se no sugestivo plano do símbolo, que está em um nível de consciência superior ao nosso, e não inferior como acreditam alguns psicólogos.

Este livro contém a descrição simbólica, não poderia sê-lo de outro modo, do processo de Iniciação. Aborda-o com uma beleza e uma precisão tais, que cativou à maioria de esoteristas posteriores. Aos sentidos alquímico e iniciático tem que acrescentar-se o místico. O equivocado termo de místico não possui aqui, entretanto, o significado inadequado e desencarnado que lhe atribui há alguns séculos. Ao investigarmos a raiz *mystikos*, veremos que o místico é o "Iniciado aos Mistérios". Esse mistério é o do homem mesmo, o do homem interior, ora prisioneiro em uma torre, ora cativo com uma serpente, ou réu de um feroz dragão. As "*Bodas Alquímicas*", divididas em sete dias são, pois, uma delicada e formosa alegoria das *Sete Portas* que o místico tem que atravessar; os sete órgãos sutis do homem, que segundo o sufismo, despertam progressivamente ao longo de sua ascensão espiritual; ou dos sete dias da *Criação do Homem Perfeito*, o Adam Kadmon dos kabalistas. Sete dias porque sete são as jornadas nas quais se divide este livro, evocando sem dúvida as sete pétalas da rosa mística. Entre os egípcios o sete era o número da

vida eterna, e esta vida eterna é igual a que acontece à ressurreição, o grande mistério para o qual, como veremos, se dirige a trama das "*Bodas Alquímicas*".

Fazemos estas comparações porque acreditam que as "*Bodas*" apareceram em um momento histórico-cultural muito especial, abrangendo e, em certo modo, conjugando os conhecimentos esotéricos anteriores. Nelas encontramos a sabedoria ancestral dos egípcios, caldeus e gregos; junto à perspicácia dos kabalistas; e a simbólica poética do Islã. Tudo isso, evidentemente, na linguagem típica dos esoteristas da época, alimentado principalmente no espírito cristão e a revelação hermética; evocador de uma gnosis não desprovida de humor e de poesia. O protagonista, Christian Rosacruz, relata sua maravilhosa viagem ao "Palácio Fechado do Rei", onde tem que assistir às Bodas Reais. Uma ou várias aventuras particulares ocupam cada uma das sete jornadas que compõem o relato. A primeira começa a véspera de Páscoa quando, durante sua meditação e suas orações, Christian Rosacruz recebe a visita de uma mulher alada de extraordinária beleza que lhe entrega uma carta lhe convidando às Bodas Reais. Esta idéia, exposta de outro modo, aparecia já no Evangelho, ou em um muito belo escrito do cristianismo primitivo chamado "*O Canto da Pérola*". Para assistir a tão magno acontecimento, Christian veste-se com uma túnica de linho branco, coloca em seu peito uma cinta vermelha em forma de cruz e fixa quatro rosas vermelhas em seu chapéu. Assim empreende a fantástica viagem cuja leitura apaixonará a mais de um leitor, despertando possivelmente nele uma nostalgia misteriosa e cativante, a do *Banquete das Bodas* ao qual muitos são chamados, mas cujo caminho poucos são eleitos. (Ver Mateus, XXII-9).

A Alquimia Cristã e o Rosacrucismo

Ao estudar as *Bodas Alquímicas* é imprescindível, como vimos, referir-se à Alquimia, cujos ensinamentos afloram ao longo de suas sete jornadas. Toda a obra escrita e a arte plástica atribuída aos membros da Rosa-Cruz goteja o saber dos alquimistas, até mesmo a idéia da "Rosa" e a "Cruz" associadas já expressa uma operação alquímica.

Os dois manifestos Rosacruces e as *Bodas Alquímicas* se apóiam em numerosos pontos das doutrinas alquímicas. Embora, é certo, que o hermetismo exerceu, na época, uma influência notável nos meios artísticos e literários; seu simbolismo se encontra em quase todas as manifestações do espírito humano; temos, com a trilogia rosacruz, um muito belo exemplo do que

se conveio em chamar "*Alquimia Cristã*".

Todos os autores, herméticos e profanos, remontam à "Arte Régia" e ao Antigo Egito. Através dos gregos, cuja mitologia, aparentemente contraditória e confusa; é uma das exposições simbólicas mais precisas e completas da Arte Hermética; e dos hebreus, a Alquimia se impôs na Europa culta. Não é desdenhável, entretanto, a contribuição árabe; foi decisiva, através dos sábios instalados na Península Ibérica e os intercâmbios culturais que facilitaram as Cruzadas.

Apoiando-se em orçamentos que não estão em contradição com nenhuma das grandes religiões reveladas, a alquimia pôde florescer no Egito, Israel, Índia, Tibet, China ou Grécia. Como escrevia Emmanuel d'Hooghvorst: "a alquimia não é um dos ramos do esoterismo, é sua chave ou sua Pedra Angular". (Ver seu Ensaio sobre a *Arte da Alquimia*, pág. 20. - Reeditado em *LA PORTA - ALQUIMIA*, Ed. Obelisco.). É, portanto, lógico que a Grande Arte se encontre nas bases mesmas das doutrinas rosacruces.

Mas, acima de tudo, vejamos o que é a alquimia. Para Pierre Jean Fabre se trata de "uma ciência verdadeira e sólida que ensina a conhecer o centro de todas as coisas, chamado na Linguagem Divina "Espírito de Vida". (Ver P. J. Fabre, *Abregé de Secrets Chymiques*, Paris 1636, pág. 10.). Para o Roger Bacon trataria-se de "a ciência que ensina a preparar uma certa medicina ou elixir que, projetado sobre os metais imperfeitos, comunica-lhes a perfeição". (Ver Roger Bacon, *Speculum Alchimiae, septem Capitibus*, Norimbergæ 1614.). O alquimista é, acima de tudo, um filósofo que conhece perfeitamente as Escrituras Sagradas e que está dotado da Sabedoria a que ama (não esqueçamos que, literalmente, filósofo significa "amante da Sabedoria"). O alquimista é capaz de elaborar a "Pedra Filosofal" que regenerará o homem e a natureza decaída.

Os alquimistas árabes, que tanta importância tiveram no shiismo, eram todos muçulmanos. Os alquimistas chineses, graças aos trabalhos de Mircea Eliade, o professor Chkashige ou outros, que puderam conhecer, professavam a religião taoísta; é, pois, lógico que os adeptos europeus medievais fizessem uma alquimia cristã. A alquimia cristã floresceu ao mesmo tempo que a chamada "Kabala Cristã". Sabemos que alguns dos representantes mais notáveis desta, foram também alquimistas (pensamos especialmente em Pico de la Mirandola e Blaise de Vigenère). Em todos eles existe uma constante: seu profundo e original conhecimento das Escrituras, que interpretam sob uma hermenêutica kabalística ou alquímica.

Na trilogia rosacruz podemos apreciar também um profundo conhecimento do Livro Sagrado, assim como uma imensa cultura mitológica. O autor das "*Bodas Alquímicas*", por exemplo, começa seu livro inspirando-se nos evangelhos (ver nossa nota à primeira jornada), manifesta também uma certa erudição na qual a mitologia greco-romana se refere. Este mesmo autor parece também ter um grande conhecimento dos escritos dos autores herméticos, como observamos ao longo da obra.

Christian Rosacruz

Segundo a *Confissão* e as "*Bodas Alquímicas*", o herói da trilogia rosacruz, o mítico personagem ao qual deve seu nome e acaso sua existência esta enigmática fraternidade, nasceu em 1376 e morreu em 1484. Para Miguel Maier, Christian Rosacruz foi contemporâneo de Raimundo Lúlio, situando seu nascimento mais de um século antes do que declara a *Confissão*. Para algumas escolas atualmente auto-denominadas "Rosacruces", Rosacruz seria um professor, um "superior invisível", que reencarna ao longo dos séculos com nomes distintos e personalidades diferentes. Notemos, entretanto, que em nenhum dos autênticos tratados rosacruces comenta-se em momento algum sobre "reencarnação".

Seja como for, seu nome é muito revelador, Christian Rosacruz é um personagem mítico, simbólico, sem origem histórica. Mas, dizer mítico, não quer dizer irreal. A realidade de Rosacruz, como a dos avatares hindus, ou a do Kezr islâmico é trans-histórica. Embora Whittemans, (ver Fr Wittemans, *Histoire de Rose-Croix*, Ed Adyar Paris 1925) um autor de filiação teosofista, esforçou-se em corresponder ao protagonista da *Fama Fraternitatis* com um membro da família Von Roesgen Germalhausen, suas afirmações carecem de documentação adequada onde apoiar-se e estão em contradição com os dados contribuídos por rosacruces da época dos manifestos.

Pouco terá que dizer dos delírios teosofistas de madame Blavatsky ou Annie Besant, sem contribuírem com nenhum tipo de prova aceitável, afirmam que Rosacruz viveu no século XIV; reencarnando-se, sucessivamente, em Francis Bacon (1561-1626) e, posteriormente, no enigmático Conde de Saint-Germain (1696-1784). Só terá que deter-se em seu nome e seu sobrenome para adivinhar que Christian Rosacruz se refere a algo concreto, a uma realização espiritual precisa. Christian indica tratar-se da realização crística, e Rosacruz alude ao caminho que conduz a ela: a cruz. Um dos adágios rosacruces mais evocadores, que comentaremos mais

adiante, *per crucem ad rosam*, contribui com a chave para compreender o que acabamos de afirmar. Por outra parte, as mesmas siglas C. R. podem interpretar-se como *Christi Resurrectio* (ressurreição do Cristo), rememorando o mistério máximo das religiões reveladas, a realização precisa a qual nos referimos. René Guénon não se cansa de repetir que o estado de Rosa-Cruz é o estado primitivo do homem, restaurado. Deduzimos disso que existiram Rosacruces autênticos em outras épocas e em outras latitudes, recebendo outras denominações. Christian Rosacruz é, em certo modo, seu arquétipo.

A Rosa-Cruz é, pois, uma *gnosis* no verdadeiro sentido desta palavra (*Gnosis* procede de *gignere*, engendrar e se refere à regeneração e ao conhecimento que esta permite que tenha lugar. Como ocorreu com muitas outras palavras, este termo se aplica na atualidade em um sentido abstrato muito desviado do original) tal como entendia T. Basilide, ou seja, o estado no qual se conhece "Verbo Redentor que nos faz encontrar a Palavra Perdida, sendo um dos aspectos do mistério da Cruz". (Ver T. Basilide em "O Voile d'Isis", resseco-septiembre de 1930, págs. 128 e 219). Esta *gnosis*, repetimos, nunca foi patrimônio de uma época ou de um lugar. Encontra-se em todos os povos e em todas as épocas.

Jean Valentin Andreae

Jean Valentin Andreae, o suposto autor das "*Bodas Alquímicas*" nasceu em Herrenberg em 1586; seguindo a tradição familiar, consagrou-se ardentemente ao estudo e à difusão do luteranismo, alcançando diversas dignidades eclesiásticas concedidas pelo duque Augusto de Brunswick.

Sendo seu pai abade do Königsbrom, Jean Valentin recebeu neste convento sua primeira educação, notado por sua extraordinária sensibilidade e sutil inteligência. Este episódio de sua vida recorda a de Christian Rosacruz, cuja infância também transcorreu em um convento até os dezesseis anos. Esta semelhança é tão curiosa, e não entendemos como nenhum dos especialistas no tema o assinalou, a idade em que Christian Rosacruz abandona o convento e inicia sua peregrinação para o Santo Sepulcro, é a mesma em que Jean Valentin Andreae declara ter escrito seu livro: dezesseis anos. Graças a sua inacabada autobiografia póstuma, conhecemos alguns detalhes íntimos da vida deste homem; ele confessa que sua existência foi cheia "de extravios, mudanças, tempestades, obstáculos, calúnias, perseguições, lutas, opressões,

enfermidades e má sorte".

Jean Valentin Andreae, assustado possivelmente pelo inesperado êxito das "*Bodas Alquímicas*"; pela enorme influência que teve esta obra sobre grupos esoteristas rapidamente declarando-se "Rosa-Cruz", afirmou que as "*Bodas Alquímicas*" não eram mais que "um divertimento de juventude" escrito aos quinze anos. (Outros autores, por exemplo Auriger - *Les noces Chimiques de Christian Rosenkreutz*, pág. VI - afirmam que foi aos dezesseis).

Para alguns estudiosos posteriores, isto teria que interpretar-se "quinze anos depois de sua iniciação", o qual não é tão desatinado se pensarmos na idade em que Ireneo Filaleteo escreveu seu "*Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei*" (Ver nossa edição desta obra, publicada por Edições, Obelisco) ou, por exemplo, as idades maçônicas que são também simbólicas. Utilizando o pseudônimo do Florentius da Valentia, Andreae publicou um *Convite à Fraternidade de Cristo, a Rosa Florida (Invitatio ad Fraternitatem Christi Rosa Florescens*, Argentorati 1617) exortando à prática da vida cristã, a simplicidade, o amor fraternal e a oração em comum.

Entre as numerosas obras deste autor se conta também uma Descrição da República de Cristianópolis (*Republicae Christianopoliae Descriptio*, Estrasburgo 1619) na qual descreve a cidade e a sociedade ideais, manifestando idéias muito próximas às das *Fama Fraternitatis* e a *Confissão*.

Inspirando-se em suas obras, formaram-se várias sociedades ou fraternidades que tanto por sua exaltação como por seu número, chegaram a assustar às autoridades eclesiásticas.

A Maçonaria e a Rosa-Cruz

Reconhecido em 1787 e plenamente aceito em 1804, temos, no Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria, o grau 18, chamado "Soberano Príncipe Maçom da Rosa-Cruz, Cavaleiro da Águia e do Pelicano". Segundo alguns autores, desenvolveram-se, adquiriram poder e entraram na Maçonaria os membros dos grupos rosacruces; com eles, introduziram-se seus ritos e seu simbolismo. O grau de "Cavaleiro Rosa-Cruz" foi introduzido pelo Barão de Tschoudy, famoso por seus conhecimentos relativos ao hermetismo, mais ou menos por volta de 1765.

O "*Sapientíssimo*", ou seja, o presidente de um capítulo que trabalha neste grau 18, recebe o nome de *Athirsatha*. Segundo Jean-Pierre Bayard, (Op. cit., pág. 244) *Elaz Athirsatha*, que em

hebreu significa "fundidor de Deus", corresponderia ao Elías Artista dos Rosa-Cruzes. Este autor cita um ritual do grau 18 do Rito Escocês para o "Cavaleiro Rosa-Cruz" o qual traduzimos a seguir uma passagem muito reveladora:

O Sapiientíssimo:

- Cavaleiro primeiro Guardião, que objetivo se propõem os Cavaleiros da Rosa-Cruz?

Primeiro Grande Guardião:

- Combater o orgulho, o egoísmo e a ambição, para fazer que em seu lugar reinem a abnegação e a caridade.

O Sapiientíssimo:

- Quem lhes recebeu?

Primeiro Grande Guardião:

- O mais humilde de todos.

O Sapiientíssimo:

- Por que era o mais humilde?

Primeiro Grande Guardião:

-Porque era o mais iluminado e sabia que toda inspiração vem de cima.

Em outros rituais dos Cavaleiros da Rosa-Cruz recolhidos por Forestier (A F. M. *Templière et Occultiste au XVIIIème et XIXème siècles*. Prefaciado por Antoine Faivre. Ed. Aubier Montaigne, Paris 1970) encontramos alguns detalhes extremamente curiosos, relacionados todos eles com a Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo. Um dos mais significativos é uma cruz com um letreiro escrito *I.N.R.I.*, na qual penduram um pano e uma rosa. Na mesma sala há também três colunas nas quais constam os nomes das três virtudes teológicas. O recipiendário, o qual tem que encontrar a Palavra Perdida, é conduzido sucessivamente ante cada uma destas três colunas fazendo-o ler em voz alta as inscrições: "Fé, Esperança, Caridade" até chegar à Palavra Perdida: *I.N.R.I.* Se alguns autores compararam a cruz ao crisol dos alquimistas, (*Crisol* procede do latim *crucibulum*, da mesma raiz que *crux-cis*) para outros a rosa seria o fogo renovador, interpretando a divisa *I.N.R.I.* como *Igne Natura Renovatur Integra* (Pelo Fogo a Natureza se renova integralmente).

Conforme evoca outro ritual maçônico, influenciado pelo rosacruzismo, durante o qual

iluminam-se sete velas (não esqueçamos que as "*Bodas Alquímicas*" compõem-se de sete jornadas), ao acender a última o Sapiientíssimo exclama:

- "A Palavra da Vida, a Palavra da Regeneração foi reencontrada, saibamos, como o Mestre , proclamar o perigo de nossas vidas!".

Não deixa de ser casual que esta cerimônia tivesse lugar no domingo de Páscoa, depois da cerimônia da Ceia, ou seja, na mesma época do ano em que começam as *Bodas Alquímicas*. Autores como Paul Naudon, que tanto investigaram sobre a origem deste grau 18 do Rito Escocês Antigo e Aceito, opinam que com ele "saem do desenvolvimento do simbolismo maçônico no sentido estrito para alcançar outra forma de tradição, esta síntese da vasta corrente hermética". (Paul Naudon, *Histoire et Rituels de Hauts Grades Maçoniques*, Dervy-Livres, Paris 1966, pág. 50).

Este mesmo autor, que soube ver na franco-maçonaria uma via iniciática que ensina a ascensão do homem ao plano divino, afirma que houvera interferências importantes entre os grupos rosacruces e maçons. "Terá que pensar que houve, por ambas as partes, mútuos intercâmbios rituais, já que os dois simbolismos estão ligados entre si por estreitas afinidades mútuas com o hermetismo e a alquimia mística... entre a Franco-maçonaria e a Rosa-Cruz as fontes e as vias iniciáticas eram muito próximas para que ocorresse de outro modo". (Paul Naudon, *A Franc-Maçonerie Chrétienne*, Dervy-Livres, Paris 1970, págs. 64 e 65).

Como iremos assinalando no texto das "*Bodas Alquímicas*" mediante nota no rodapé da página, os símbolos que aparecem com uma profusão surpreendente ao longo de toda a obra, freqüentemente estão relacionados com a maçonaria. Não esqueçamos que em suas origens esta Ordem perseguia fins espirituais, sendo seu objetivo a "edificação do Templo" que não é, no fundo, mais que uma alegoria da edificação do homem interior a partir da "Pedra Bruta", que tem que ser esculpida para contribuir a tão nobre fim. Se na atualidade seus objetivos e trabalhos estão mais orientados para o mundo profano e a política, temos que pensar tratar-se, no fundo, do mesmo dessagnar, ou secularização pela qual passa a Igreja. Não deixa de ser curioso que estas duas entidades, a Igreja de Pedro e a Igreja de João, tão criticadas entre si, cometam o mesmo engano. Trata-se, sem dúvida, de um "sinal dos tempos" e como tal terá que vê-lo.

As Bodas Alquímicas e o Tarot da Marsella

Ao estudar o simbolismo das "*Bodas Alquímicas*" é importante, quase imprescindível, referir-se ao Tarot. À alguns chocará a comparação aqui destes dois livros; até a data, além de algumas notas pouco convincentes de Auriger, manifestando tanta boa vontade como incompreensão. Acreditam que ninguém publicou nenhum estudo mais ou menos acertado e documentado no qual fique frente a frente o Tarot e as "*Bodas Alquímicas*". Nós não o faremos aqui, estaria tão fora de nossas possibilidades como dos objetivos habituais de uma introdução, mas sim, vamos adiantar algumas constatações, que acreditamos, serão úteis na hora de ler as "*Bodas Alquímicas*". Assinalemos também que nos apoiamos no *Tarot de Marsella*, o único a nosso parecer que conserva em quase sua totalidade os nomes, cores e detalhes do Tarot autêntico. As "*Bodas Alquímicas*" começam uma noite em que Christian Rosacruz está sentado ante sua mesa, depois de realizar suas orações. O mesmo texto indica-nos a época do ano na qual ocorre isto: na primavera. Esta cena tem sua contrapartida na carta N° 1 do Tarot, "O Bateleur" ou "O Mago"; estando também atrás de uma mesa. A cor verde do interior de seu chapéu e de um arbusto entre suas pernas (o que está acima é como o que está abaixo), evocam também o verdor primaveril. O chapéu em questão mais parece um recipiente indicando que o Mago recolhe a virtude da primavera, que lhe permitirá começar seu trabalho. Notemos que na mesa do Tarot há exatamente doze objetos, o número dos apóstolos que assistiram à Santa Ceia e dos doze signos do Zodíaco.

Esta primeira carta interpreta-se em cartomancia como o princípio de algo, denotando as idéias de originalidade, de criatividade. Trata-se do começo da Obra da Criação, que tem que restituir ao homem a sua origem divina. A obra que tem que realizar-se, a viagem que tem que empreender-se, ou o livro que é preciso abrir e ler é, no fundo, o mesmo: aquilo que conduz à celebração das Bodas Reais. O simbolismo da mesa, lugar no qual o Mago realiza seu trabalho, pode associar-se a do espelho ou a da tábua (em latim *tabula* é ao mesmo tempo mesa e tábua) O *Corão* (*Sura* 85, 19 a 22) fala da "Tábua Preservada", a Tábua de Allah, como num espelho no qual está escrito todo o Livro Sagrado. Observemos que o 85 precede o famoso *Sura* do "Visitador Noturno". Este é "uma estrela fulgurante", que atravessa as trevas, guardião da alma. Não é, pois, desatinado relacionar à estrela, que voltará a aparecer no Tarot, com o anjo feminino,

hierofante de sua própria alma, que aparece ao Christian Rosacruz.

O famoso *Liber Mundi* do qual falamos, aparece em várias ocasiões ao longo das "*Bodas Alquímicas*", recorda-nos o que sustenta a Papisa do segundo naipe do Tarot. Assinalemos unicamente que este livro está aberto, descoberto e a Papisa pode lê-lo. Já realizou-se a famosa união da Rosa com a Cruz, pois a cor vermelha do vestido da Papisa (ver nossa segunda nota às "*Bodas Alquímicas*") une-se aos suspensórios dourados em forma de cruz. Recordemos que ao iniciar suas aventuras, antes de penetrar no Palácio, Christian Rosacruz tem que colocar em seu peito uma cinta vermelha em forma de cruz e pôr em seu chapéu quatro rosas vermelhas, sendo a verdadeira cruz. A cruz de ressurreição, é uma cruz de luz, uma cruz dourada. Como escrevíamos em um sucinto estudo sobre a alquimia (ver *Mundo Desconhecido*, N.º 6, pág. 46.) "Isis, mãe natureza, contempla-se a si mesmo no livro da natureza..." Mas, ninguém pensou que possivelmente este enigmático livro é igual ao da misteriosa tábua da qual falamos?

O Imperador e a Imperatriz (Cartas números III e IV) recordam-nos o Rei e a Rainha das Bodas.

As duas colunas que podemos ver no naipe N.º V do Tarot, apareciam no segundo dia das "*Bodas Alquímicas*" (Ver notas 27 e 28 às "*Bodas Alquímicas*"). Trata-se das duas colunas do Templo. O Cupido, que com seus afiados dardos está sempre à espreita dos mortais, encontramos-lo com freqüência ao longo das "Bodas"; não é, pois, estranho vê-lo também no Tarot, no oculto N.º VI, onde se dispõe a disparar, precisamente na mão, de um dos personagens que nele aparece. Ao ler o quinto Dia das "*Bodas Alquímicas*", veremos que Christian Rosacruz também feriu a mão, "por surpreender-se ao ver sua mãe", Vênus.

Como já comentaremos em uma nota de página à segunda jornada, o naipe N.º VII ou "O Carro" tem também sua relação com as "Bodas Alquímicas", já que as misteriosas siglas S. M. aparecem no centro desta carta. A cerimônia mais misteriosa das "*Bodas Alquímicas*", narrada no terceiro dia, é aquela na qual os convidados serão pesados. O ato justiceiro terá lugar no Tarot recebendo o nome de «A Justiça», através do oculto N.º VIII no qual apreciamos a espada e a balança. A figura que aparece, bem poderia ser Astrea, deusa da justiça na mitologia grega. O oculto N.º XIII do Tarot, "A Morte", é muito evocador quanto ao mistério que este se refere. Vemos nele as cabeças do Rei e da Rainha, que acabam de ser cortadas pela mortífera foice; trata-se da

separação do princípio masculino do feminino.

O anjo alado do naipe N.º XIV do Tarot, que recebe o nome de "A Temperança", bem poderia ser o mesmo que apareceu ao Christian Rosacruz ao princípio das Bodas e que voltou a ver no interior do Palácio.

Uma das passagens mais curiosas do primeiro dia das "*Bodas Alquímicas*" é aquele no qual Christian Rosacruz se encontra, junto com outros personagens, no interior de uma torre. Todo o relato transcrito no interior da torre é extremamente simbólico. Não esqueçamos que nas litâneas se relaciona à Virgem com a Torre: "*Turris Davidica*", "*Turris Ebumea*"... Recordemos também a torre em que, encadeada, estava prisioneira Danae. Não pôde sair dela até que caiu a chuva fecundadora e liberadora de Zeus.

A Dama ordenando que lancem as cordas liberadoras aos prisioneiros da torre e que, sob outra aparência, é no fundo a mesma que apareceu ao Christian Rosacruz ao princípio das "*Bodas*", está representada no Tarot por "A Estrela" do naipe N.º XVII. No XVI, "A Casa de Deus", aparecia uma torre cujo teto se abre como veremos ocorre também nas "*Bodas Alquímicas*". E deixou sair dois personagens que saltam e dançam de alegria. Como teremos ocasião de ver no texto das "*Bodas*", Christian Rosacruz "implorou a misericórdia divina" para que lhe tirasse da torre. As marcas que podem apreciar-se nos joelhos da calça dos personagens do naipe N.º XVI confirmam o desgaste pela prece, que no fundo é quem faz descender a graça liberadora, em que imploraram sua liberação.

O personagem feminino que aparecia no oculto N.º XVII bem poderia ser Isis, a Mãe das Águas, Mãe Natureza enchendo de bens os homens se "suas ambições não fossem tão desmesuradas", como indica um dos poemas que aparecem na primeira Jornada.

O oculto N.º XX do Tarot, "O Julgamento", não está tampouco sem relação com nosso livro. A trombeta que tange o anjo que nele aparece assim como a mensagem que sustenta em sua mão esquerda, são os mesmos dos quais nos falará a primeira jornada das "*Bodas Alquímicas*". Esta mensagem não está tampouco sem relação com a recebida pelo protagonista do "Canto da pérola", cujo conteúdo lhe é extremamente familiar, pois se trata das palavras já escritas em seu coração. Na Quinta Jornada (Ver nota 88 às "*Bodas Alquímicas*") faremos alusão a esta sugestiva carta que é "O Mundo". Como assinalaremos em outra nota, (Ver nota 100 às

"*Bodas Alquímicas*") a Gênese fala, no fundo, da Obra Hermética que, segundo os alquimistas era comparável à Criação do Mundo. O primeiro capítulo da Bíblia ensina mais a gênese do microcosmos filosófico que o do mundo que nos rodeia. Se considerarmos, e esta é a posição do esoterista, que este mundo é um véu, a Bíblia ou qualquer outro livro revelado nos falarão daquilo que está detrás dele.

Algo parecido ocorre com o Tarot e as "*Bodas Alquímicas*", que não colocaremos na categoria dos livros revelados, mas cujo objetivo é despertar em nós a nostalgia do Mundo de Luz que nosso mundo de trevas recobre e oculta, e indicamos o caminho que se dirige a ele.

Não podíamos deixar de citar, uma vez feitas estas modestas apreciações sobre o Tarot, dois inspirados artigos que sobre o tema apareceram nos números 8 e 9 da revista belga *O Fil d'Ariane*, e que teremos ocasião de referirmos (tais artigos foram publicados em *LA PORTA - MAGIA* Ed. Obelisco, Barcelona).

O simbolismo da Rosa-Cruz

Uma análise rigorosa e completa do simbolismo Rosacruz exigiria de antemão o estudo de um grande número de documentos, gravações, textos, etc, muitos dos quais nunca foram publicados. Com estas linhas finais só desejamos colocar algumas apreciações relativas aos dois elementos principais deste simbolismo: a Rosa e a Cruz, que acreditamos, servirão de apoio na hora de interpretar outros símbolos menos fundamentais.

Todo simbolismo é duplo, e isto se verifica ainda mais no caso de uma "Bodas" nas quais, logicamente, casam-se dois elementos. As letras C. R. que apareciam na *Fama Fraternitatis* e que são verossímeis quão mesmo R. C., siglas da Rosa-Cruz, parecem indicar os dois elementos principais deste simbolismo. C. R., já o assinalamos, designa tanto o protagonista da trilogia rosacruz, Christian Rosacruz, como o mistério da Ressurreição de Cristo: (*Christo Resurrectio*) ou a Cruz e a Rosa (*Crux-cis; Rosa-Æ*).

Encontramos o motivo da rosa em quase todos os escritos esotéricos, especialmente os de procedência muçulmana. Recordemos somente a Rosa Cândida, a Rosa da Jerusalém Celeste de *La Divina Comédia*, obra que, conforme demonstrou Asín Palácios, manifesta uma profunda meditação e inspiração em fontes árabes. Na mística iraniana, a rosa se associava à Daena, o anjo feminino hierofante da alma do místico que, acreditam, aparece também representado na

primeira jornada das "*Bodas Alquímicas*".

Respirar o perfume embriagador desta "Rosa mística", era uma das maneiras de descrever metaforicamente o arrebatamento místico ou o despertar espiritual. (Respeito ao simbolismo da rosa aconselhamos a leitura do excelente artigo de Raimón Arola publicado no N.º 27 de *La Puerta*).

Na iconografia cristã, a rosa aparece algumas vezes como a taça que recolhe o sangue de Cristo, o Graal, e em outras como a transfiguração destas gotas de sangue.

Segundo Frederic du Portal (*De couleurs symboliques*, Paris 1837, págs 218 e ss) "a rosa e sua cor eram símbolos do primeiro grau da regeneração e da iniciação aos mistérios". Recordemos que a etimologia de *rosa*-Æ procede de *ros-ris*, *rocio*, chuva, um dos símbolos da bênção que dá entrada aos Santos Mistérios. Trata-se da Torah dos hebreus, como nos deixa entrever o Zohar em suas primeiras páginas.

Como a Daena iraniano, perfeitamente evocada no traje luminoso do Canto da Pérola, a Rosa procura encarnar-se, notar-se no mundo da matéria, reunir-se com seu contrapartida terrestre: a Cruz.

Anterior ao cristianismo, o simbolismo da Cruz enriqueceu-se prodigiosamente com ele. Se estudarmos um pouco a fundo, o cristianismo primitivo conheceremos o sugestivo tema da "cruz luminosa", especialmente em "Os Atos de João". Nele narra-se a experiência que este apóstolo teve na montanha "para ouvir o que um discípulo tem que aprender de seu Mestre e um homem de seu Deus"; onde gozou da visão da cruz luminosa e pôde escutar as seguintes palavras: "João, é necessário que algum homem ouça de mim estas coisas; necessito que um homem me entenda. Por culpa sua chamei esta cruz de luz: ora palavra, ora inteligência, ora Jesus, ora Cristo, ora porta, ora caminho, ora pão, ora semente, ora ressurreição, ora Filho, ora Pai, ora Espírito, ora vida, ora verdade, ora fé, ora graça. Recebe todos estes nomes por culpa dos homens. Em realidade, concebida por si mesmo e expressa exteriormente para vós, é a marca que distingue a todas as coisas, a força que mantém as coisas fixas... "Esta cruz, pois, reúne todas as coisas nela por uma palavra e as separa das coisas inferiores e, sendo única, devolve todas as coisas à unidade. Mas não é a cruz de madeira que verá indo daqui..." (Atos de João XCVIII-XCIX).

Jesus Cristo, neste parágrafo tão poético como revelador, deixa bem claro que sua cruz não é a de madeira, aquela idolatrada há vinte séculos, e sim uma mais real, que transcende as noções de espaço e tempo às quais nos condicionamos. O sentido profundo da religião cristã, sua originalidade mais genuína baseia-se, a nosso entender, na compreensão profunda e a realização do mistério desta cruz luminosa.

Outros textos, entre eles a Epístola de Barnabé (IX-9) relacionam a cruz com a letra *Tau* que, em grego tem esta forma: *T*. Barnabé comenta uma curiosa passagem da Gênese fazendo alarde de uma perspicácia própria de um kabalista: "E circuncidou Abraham, em sua casa trezentos e dezoito homens". Barnabé destaca que o texto "põe primeiro os dezoito e, fazendo uma pausa, os trezentos". (Recordemos que este autor se apoiava em uma tradução grega das Escrituras. Ver Gênese XVII). Isto se deve, segundo ele, a que dezoito se compõe de 1 e que vale 10 e de *H*, que vale 8, logo: *IH* (*óī d̄æ*) (O nome de Jesus). O *T*, que vale 300 representa a cruz. Por outra parte, o 18 ou 14 correspondem, como a Rosa, ao aspecto volátil ou celeste, enquanto que *T*, a Cruz, ou o 300 correspondem ao terrestre, ou que está fixo. Assim como dissemos que a Rosa procura fixar-se, encarnar-se, a *IH* a que alude Barnabé seria o que os kabalistas chamariam a Sabedoria, que busca quem a receba, quem a acolha e fixe-a. É a bênção errante que grita aos homens, mas estes não a escutam; não esqueçamos a oração hebraica das 18 Bênçãos. Nisto baseia-se todo o sentido profundo da hospitalidade, tão importante nas civilizações tradicionais.

Como acabamos de ver na magnífica passagem dos Atos do João, a Cruz é a "força que mantém todas as coisas fixas"; não sem razão era, entre os alquimistas, o símbolo do *sal*, capaz de fixar o orvalho celeste. Na Rosa, recordemos sua etimologia, e a Cruz consiste, pois, todo o segredo das "Bodas"... Mas não só a Rosa procura à Cruz... O ser humano, nostálgico de suas origens de luz, deseja unir-se e comungar com esta rosa mística, e o único caminho para chegar a isso é através de sua vida encarnada, de sua Cruz.

Como afirma um texto muçulmano opondo-se àqueles que acreditam cegamente em uma liberação *post mortem*: "OH Amigo!, tenha esperança nele enquanto viva, pois na vida reside a liberação". Uma das obras mais divertidas e edificantes da antigüidade, *O Asno de ouro* ou *A Metamorfose de Apuleyo* nos relatam a história de um homem, Lucius, passando por uma série de

desventuras sob a forma de um asno, até que consegue comer uma rosa vermelha, consagrada à Isis. É a história da Queda e da Redenção. Esta história seria a melhor explicação do adágio rosacruz: *Per Crucem ad Rosam*. Lucius, como seu nome indica, é a luz prisioneira no ser humano, o homem interior cansado que tem que comungar com a Rosa para desfazer-se de sua pele de besta e recuperar sua dignidade perdida. Mas, qual é o papel do asno? Tudo depende de onde nos situemos. Este animal, símbolo de Tufão entre os egípcios, representa o homem exterior, à pele de besta que nos recobre e nos oprime. (Ver nossa introdução ao Apocalipse de Esdrás, obra publicada nesta mesma coleção. Como Adão e Eva, Lucius peca por curiosidade, mas do mesmo modo, tal e como o afirmam vários santos padres, sem o Adão, Cristo não seria possível, se Lucas não tivesse pecado, nunca chegaria a comungar com Isis). Entretanto, se considerarmos de um ponto de vista mais elevado, veremos que em suas costas se desenha a forma de uma cruz. É, pois, através dele, por mais horroroso que nos pareça, como podemos chegar até Isis e comer a Rosa. Esta "pele de besta", cruz dolorosa, resultado da Queda, será, indiretamente, quem nos permita alcançar a regeneração; por isso, temos que cantar, como o tem feito durante muitos séculos a Igreja: *Felix Culpa! Feliz Culpa!*

Aquele que não leve sua cruz e não me siga, não poderá ser meu discípulo. Lucas X-28

Juli Peradejordi

PRIMEIRA JORNADA

Uma noite, pouco antes da Páscoa (1) estava sentado à mesa e, (2) como tinha por costume, conversava com meu Criador em humilde oração. Ardente pelo desejo de preparar em meu coração um pão ázimo (3) imaculado com a ajuda do bem-amado cordeiro Pascal, meditava profundamente a respeito dos enormes segredos que, em sua majestade, o Pai da Luz me deixou contemplar em tão grande número. De repente, o vento soprou com uma violência tal, parecendo que a montanha (4) na qual construí minha morada ia se afundar sob suas rajadas.

Todavia, como esta tentativa do diabo, que com freqüência me causou muitas penas, não teve êxito, prossegui com minha meditação. De repente, senti que me tocavam nas costas: assustei-me tanto que, embora ao mesmo tempo sentisse um gozo como não pode conhecer a fraqueza humana a não ser em circunstâncias parecidas, não atrevi a me voltar. Depois, acabei voltando-me, pois continuavam puxando minhas roupas reiteradamente; vi uma mulher de extraordinária beleza coberta com um vestido azul delicadamente salpicado de estrelas de ouro, como o céu. Em sua mão direita levava uma trombeta (5) de ouro na qual pude ler um nome que logo me proibiram revelar; em sua mão esquerda apertava um volumoso pacote de cartas, escritas em todas as línguas que, como soube depois, devia distribuir em todos os países. Tinha grandes e formosas asas cobertas de olhos; com elas voava mais rápido que a águia. Veria mais coisas, mas como ficou junto a mim pouco tempo e como eu estava ainda aterrorizado e maravilhado, não me fixei em nada mais. Quando virei, procurou em seu pacote de cartas e depositou uma sobre minha mesa fazendo uma profunda reverência; depois abandonou-me sem pronunciar palavra. Ao elevar o vôo tocou sua trombeta com tanta força que ressonou por toda a montanha e eu mesmo fui incapaz de escutar minha própria voz durante quase um quarto de hora.

Não sabendo qual atitude tomar ante tão extraordinária aventura, caí de joelhos e roguei à meu Criador que me protegesse de tudo o que pudesse ser contrário a minha salvação eterna. Tremendo de medo agarrei então a carta, e achei tão pesada como se toda ela fosse de ouro maciço. (6) Examinando-a com cuidado, descobri um selo minúsculo fechando-a e contendo uma cruz delicada com a inscrição: *In hoc signo vinces.* (7)

Quando vi o signo tive confiança, pois este selo não agradaria ao diabo que, certamente, não o usava. Abri, pois, a carta e li os seguintes versos escritos em letras de ouro sobre uma área azul:

*Hoje, Hoje, Hoje,
são as bodas do rei;
se nasceste para tomar parte nelas
eleito por Deus para o gozo,
dirija-te à montanha
que tem três templos
presenciará os acontecimentos.
Tome cuidado contigo, examine a ti mesmo.
Se não te purificaste constantemente as bodas te prejudicarão.
Infortúnio para quem se atrasa está abaixo.
Que se abstenha quem é muito ligeiro. (8)
Abaixo e como assina: Sponsus e Sponsa.*

Lendo esta epístola estive a ponto de desvanecer-me; arrepiaram-me os cabelos e um suor frio banhou meu corpo. Compreendia que se tratava das bodas que me anunciaram sete anos antes em uma visão; esperava-as e desejava-as com ardor; calculando sua data; estudando minuciosamente os aspectos de meus planetas; mas nunca suspeitei que se celebrariam em condições tão graves e perigosas. Imaginei que não teria mais que me apresentar às bodas para me acolherem como hóspede bem-vindo, pois, aqui tudo dependia da eleição divina. Não estava muito seguro de encontrar-me entre os escolhidos; quando me examinava não encontrava em mim inteligência ou ignorância; apenas outro persistente grande Mistério cristão: a Ressurreição. Por outro lado, o verbo "vencer" procede de uma raiz que significa unir, vincular. Tal é o sentido das Bodas.

Mistérios, uma ignorância tal que não era capaz de entender nem o chão que pisavam meus pés, nem os objetos de minhas ocupações diárias; com maior razão ainda não estava preparado para aprofundar e conhecer os segredos da natureza. A meu ver, a natureza poderia encontrar em qualquer parte um discípulo mais preparado a quem confiar seus preciosos

tesouros, embora temporários e perecíveis. Igualmente dei-me conta de que meu corpo, meus costumes externos e o amor fraterno por meu próximo, não eram precisamente de uma pureza deslumbrante; assim, o orgulho da carne ainda se manifestava por sua tendência à consideração; à pompa mundanas; e à falta de atenção para meu próximo. Estava ainda constantemente atormentado pelo pensamento de atuar em proveito próprio, por construir palácios, por tornar meu nome imortal no mundo e por outras veleidades desta índole. Mas, foram sobretudo as obscuras palavras referentes aos três templos que me trouxeram uma grande inquietação; minhas reflexões não chegaram a esclarecer e talvez não as tivesse compreendido nunca se não me outorgassem a chave de uma fórmula maravilhosa. Duvidando, entre o temor e a esperança, pesava os prós e os contra constatando somente minha impotência e minha fraqueza; sentindo-me incapaz de tomar uma decisão, temeroso ante o convite, tratei de achar uma solução por meu caminho habitual, o mais seguro. Abandonei-me ao sonho depois de uma oração intensa e ardente, (9) na esperança de meu anjo aparecer com a permissão divina, para pôr fim às minhas dúvidas como já ocorrera algumas vezes. E uma vez mais assim foi, louvado seja Deus, para meu bem, para exemplo e correção de meu próximo.

Assim que adormeci, pareceu-me estar deitado em uma torre sombria junto à uma multidão de outros homens; nela, atados por pesadas correntes, bulíamos como abelhas sem luz, inclusive sem o menor resplendor, agravando mais nossa aflição. Nenhum de nós podia ver nada e, não obstante, ouvia meus companheiros brigando continuamente uns com os outros porque a corrente de um era ligeiramente maior que a do outro, sem considerar que não havia razão para desprezar-se, pois todos nós éramos pobres idiotas. (10) Padecemos esta dor durante muito tempo, tratando-nos reciprocamente de cegos e de idiotas; ouvimos finalmente soar numerosas trombetas e tambores, servindo-nos de regozijo e apaziguamento em nossa cruz. Enquanto escutávamos, levantou-se o teto da torre e um pouco de luz chegou até nós. Então vimo-nos caindo uns sobre os outros, pois todo mundo se agitava em desordem de maneira que o que antes estava acima, agora se encontrava abaixo. Tampouco permaneci inativo, mas deslizei-me entre meus companheiros e, apesar de minhas fatigantes ataduras, subi por uma rocha, embora também ali fui atacado pelos outros, aos quais respondi me defendendo o melhor que pude, com minhas mãos e meus pés.

Quando os senhores, que nos olhavam de cima, pelo buraco da torre, divertiram-se um pouco com a agitação e os gemidos, um velho grisalho ordenou que nos calássemos. Quando se fez silêncio falou nos seguintes termos , se não me falha a memória:

*Se o pobre gênero humano
deixasse de rebelar-se,
receberia bens incontáveis
de uma mãe verdadeira,
mas como se nega a obedecer,
permanece com suas inquietações
e permanece prisioneiro.*

*Em que pese a tudo, minha querida mãe não deseja
lhe guardar rancor por sua desobediência;
e permite que seus preciosos bens
saíam à luz com bastante freqüência;
embora os alcancem muito raramente
para que lhes aprecie,
pois senão seriam tomados como fábulas.*

*Por isso, em honra da festa
que celebramos hoje,
para que lhe agradeçam mais freqüentemente,
quer fazer uma boa obra.*

*Fará baixar a corda;
quem se pendurar nela
achará a liberdade.*

Logo que acabou este discurso, a velha dama ordenou à seus servidores que lançassem sete vezes a corda ao interior da torre e que a subissem com os que pudessem agarrá-la. Meu Deus! Lastimo não poder descrever com maior força a angústia que nos apoderou, já que todos tentávamos agarrar, obstaculizando-nos mutuamente por essa mesma razão. Passaram sete minutos, depois soou uma campainha; a tal sinal os servidores subiram a corda com quatro de

nós. (11)

Neste momento eu estava bem longe de poder alcançá-la pois, para minha desgraça, e como já dissera, achava-me sobre uma rocha encostada ao muro da torre do qual não se podia agarrar a corda que descia pelo centro.

Desceram a corda uma segunda vez; mas muitos tínhamos correntes pesadas e mãos muito delicadas para nos sujeitar a ela; ao cair, arrastávamos outros que possivelmente se mantivessem. E fomos tão invejosos em nossa miséria que houve quem, não podendo agarrá-la, arrancava-a dos outros.

Em cinco idas e vindas poucos liberaram-se, pois, quando soava o sinal, os servidores levantavam a corda com tal rapidez que a maioria dos quais a pegaram caíam uns sobre outros. A quinta vez subiu completamente vazia, por isso, muitos de nós, entre eles eu, perdíamos as esperanças de nos ver livres; imploramos, pois, a Deus para que tivesse piedade de nós e nos tirasse destas trevas já que as circunstâncias eram propícias; alguns foram escutados. Como a corda se balançava quando a retiravam, passou diante de mim, possivelmente pela vontade divina; agarrei-a no vôo por cima de todos outros; e assim foi como, contra toda esperança, saí dali. Foi tão grande minha alegria (12) que nem senti quantas feridas uma pedra aguda me fez na cabeça enquanto subia; só me dei conta quando tive que ajudar os outros liberados a retirar a corda pela sétima e última vez. Então, devido ao esforço que fiz, o sangue pulverizou-se por toda minha vestimenta sem que reparasse, tal minha alegria. (13) Depois da última estirada, que trazia um maior número de prisioneiros, a dama encarregou seu velho filho (cuja idade me surpreendia enormemente) que exortasse ao resto dos prisioneiros que ainda ficavam na torre. Após uma breve reflexão, este tomou a palavra da seguinte maneira:

Queridos filhos

que aí abaixo estão,

terminou-se

o que há muito tempo estava previsto.

O que a graça de minha mãe concedeu aos seus irmãos, não invejem.

Logo virão tempos felizes nos quais todos serão iguais; não haverá mais pobres nem ricos.

Aquele a quem se pediu, muito deverá dar.

Aquele a quem se confiou muito deverá prestar contas estritas.

Que acabem, pois, suas amargas queixas, o que são estes poucos dias?

Quando acabou, foi colocado o teto de novo sobre a torre. Ressonaram trombetas e tambores, porém o esplendor de seu som não conseguiu silenciar os gemidos dos prisioneiros que se dirigiam a todos os que estavam fora, o que me fez chorar. A dama anciã sentou-se junto à seu filho no lugar disposto para ela e contou os liberados. Quando conheceu o número e o inscreveu em uma tabuleta de ouro, perguntou o nome de cada um, que foi anotado por um pajem. A seguir olhou-nos, suspirou e disse ao seu filho (eu o ouvia muito bem): "Ai!.. como compadeço pelos pobres homens da torre; oxalá Deus me permita liberá-los todos". O filho respondeu: "Mãe, Deus o ordenou assim e não devemos lhe desobedecer. Se todos fôssemos senhores e possuíssemos os bens da Terra, quem nos serviria quando estivéssemos na mesa?" Sua mãe não respondeu nada. Um momento depois, disse: "Liberdade à estes de suas correntes".

Fizeram-no com rapidez, mas, tocou-me ser um dos últimos. Observei primeiro como se comportavam meus companheiros, não pude resistir a me inclinar ante a dama anciã e dar graças a Deus quem, através dela, tivera por bem de sua graça paternal, tirar-me das trevas à luz. Outros seguiram meu exemplo e a dama se inclinou.

Cada qual recebeu como extrema-unção uma medalha comemorativa de ouro; havia no anverso uma efígie do sol nascente e, no reverso, se a memória não me falha, três letras: D. L. S. (14). Logo despediram-nos exortando-nos à que servíssemos ao próximo para glória de Deus e a que mantivéssemos em segredo o que nos confiaram; prometemo-lo e separamo-nos.

Eu não podia andar bem por causa das feridas (15) feitas pelas argolas que aprisionavam meus pés, coxeava de ambas as pernas. A dama anciã viu, riu, chamou-me e me disse: "meu filho, não te entristeças por esta enfermidade, recordas suas fraquezas e dá graças a Deus por permitir chegar a essa luz elevada mesmo com o peso da tua imperfeição, enquanto ainda viver neste mundo, suporta-as em minha memória".

Neste momento soaram repentinamente as trombetas e de sobressalto despertei. Só então compreendi que sonhara. Não obstante, este sonho impressionou-me tanto que, ainda hoje, inquieta-me; inclusive parece que sinto as chagas em meus pés.

Fosse como fosse, compreendi que Deus me permitiu assistir às bodas ocultas e por isso, agradecia-lhe em sua divina majestade, em minha piedade filial; roguei-lhe que sempre conservasse em mim seu temor; que enchesse dia a dia meu coração de sabedoria, de inteligência e que, apesar de meus escassos méritos, levasse-me com sua graça ao fim desejado.

Depois preparei-me para a viagem; pus minha roupa de linho branco; coloquei uma cinta de cor vermelha sangue, disposta em cruz, passando por meus ombros. Atei quatro rosas vermelhas (16) em meu chapéu, na esperança de que todos estes sinais servissem para distinguir-me entre a multidão. Alimentei-me com pão, sal e água, posteriormente, seguindo os conselhos de um sábio, servi-me deles em várias ocasiões de maneira útil.

Antes de sair da caverna, preparado para a marcha, vestido com minha roupa nupcial, ajoelhei-me e roguei a Deus que permitisse que tudo o que acontecesse fosse para meu bem; depois, prometi-lhe servir-me das revelações feitas para estender Seu nome para o bem de meus próximos, não para alcançar honras e consideração banal. Uma vez formulado este voto, saí da cela cheio de alegria e também de esperança.

NOTAS DA PRIMEIRA JORNADA

1- Páscoa significa "passagem", "passo". A Páscoa ou "*Pessaj*" é a festa mais solene dos hebreus, a qual celebravam na lua na metade de março, em memória da liberdade do cativo do Egito. Os cristãos deram-lhe o mesmo nome, o dia celebrado em memória da Ressurreição do Senhor, no domingo seguinte à lua cheia posterior à 21 de março, ou seja, ao equinócio da primavera, conforme o estipulado no ano 325 no Concílio de Niceia. A Ressurreição de Jesus Cristo evoca muito claramente a passagem da morte à Vida. Christian Rosacruz vai experimentar a partir de agora um trânsito, um passo de seu estado atual a outro que lhe permitirá assistir às bodas. Observaremos, mais adiante, porque precisa revestir-se de "uma roupa de linho branco".

2- A expressão "à mesa" é curiosa se observarmos que Christian Rosacruz acaba de finalizar suas orações. Não se trataria da mesa de trabalho onde "trabalha" o que antes orou"? Esta parece ser a mesa diante da qual está o "bateleur" ou "Mago" do primeiro arcano maior do Tarot.

3-Pão ázimo- Tipo de pão preparado com farinha de trigo, água e sal, sem adição de fermento, apresentando-se sob a forma de lâminas finas. Tradicional da culinária judaica.

4- O simbolismo da montanha é fartamente complexo. Participa ao mesmo tempo da idéia de elevação, de topo que alcança, e da de "centro". A "Montanha do Centro do Mundo" da mitologia Taoísta, morada dos imortais, era o lugar onde crescia o melocotonero, cujos frutos conferiam a imortalidade... A montanha, unindo o Céu e a Terra, une o lago divino ao dos homens. É o plano representando o lugar dos hierofantes e as aparições sobrenaturais. Para os Babilônios, O Jardim do Éden estava no alto de uma montanha. A Montanha do Centro do Mundo dos taoístas, o Olimpo grego, o Alborj persa, o Moriah maçônico, o Montsalvat do Graal ou a Montanha do Qaf muçulmana evocam todos a mesma realidade.

Entre os antigos egípcios existia a crença na montanha do Amentí, a Montanha da vida, do renascimento, cujo senhor era Osíris. Ali acontecia a ressurreição dos mortos. A ascensão à montanha, que quase sempre é Santa, era o verdadeiro caminho dos deuses, que conduz à saída para a luz do dia.

Entre os alquimistas existia a crença de que a matéria encontra-se na montanha. Para alguns, Christian Rosacruz em sua montanha seria uma maneira de evocar a matéria à sua mina. Em um sonho do alquimista Colleçon podemos ler: "A verdadeira matéria da Medicina perfeita, e

esta única coisa, encontra-se somente nesta Montanha; no fundo de um poço seco, de onde se extrai com agilidade, amarrada numa corda de fogo, que causa mais estragos no fundo e em todos os lados deste poço que todas as matérias do mundo. Não nego que seja dificultoso penetrar nesta Montanha, por causa de sua opacidade, dureza e união das partes essenciais..."

5- Graças a esta frase, já observamos nas primeiras linhas das *Bodas Alquímicas*, o conteúdo apocalíptico e messiânico da obra. Para uma maior compreensão da cena, aqui apresentada pelo autor, será necessário recordar algumas passagens evangélicas. O tremor da montanha onde situa-se a morada de Christian Rosacruz, corresponderia a "a tribulação daqueles dias" cantada em Mateus XXIV-29, Marcos XIII-24 ou Lucas XXI-11. O versículo 31 do mesmo capítulo de São Mateus explica que "o Filho do Homem enviará seus anjos com risonante trombeta e reunirá dos quatro ventos seus escolhidos"; o mesmo ocorre nas *Bodas*.

O nome que Christian lê na trombeta, mas que não lhe permitem repetir foi interpretado de diferentes maneiras: para uns se trataria do "*Verbum Dimissum*", a "Palavra Abandonada" da Maçonaria; para outros do nome da "matéria prima dos alquimistas", embora pessoalmente vemos uma reminiscência do misterioso nome que aparece no Apocalipse XIX-12 e 13. Mas, não se referirão todos estes nomes ao mesmo mistério? As asas do personagem são para indicar que se trata de um anjo. Por outra parte, a palavra anjo significa literalmente enviado, embaixador. Do mesmo modo que Maria recebeu na primavera a feliz Anunciação, nesta importante época do ano Christian é testemunha de uma aparição. O anjo feminino que lhe aparece bem poderia ser um hierofante de sua própria alma, pacientemente desencarnada através da prece, dotada dos olhos da onisciência, semelhante à narrada no Canto da Pérola.

6- Iremos observando, ao longo de todo o relato das *Bodas Alquímicas* a importância do peso. O mesmo livro e o narrado nele tem também um grande peso, no sentido de que não se trata de algo irreal, etéreo ou fantástico. Tudo se refere a uma realidade diferente, a um mundo material distinto do nosso, no qual o peso e a qualidade preponderam sobre as aparências e a quantidade. É o sentido da palavra hebraica *kavod* = glorifica.

7- Por este signo vencerá. Alusão à famosa luz vista em sonhos pelo imperador Constantino, ao redor da qual apareceram estas proféticas palavras e que fez pintar em seu lábaro. A cruz é um dos símbolos mais antigos, aparecendo em todas as tradições e religiões, anteriores ou não ao

cristianismo. Recordemos unicamente a cruz ansada dos egípcios. Para os alquimistas, a cruz era um dos símbolos do crisol; com efeito, *crucibulun*, *crisol*, procede da mesma raiz que *crux*, *cruz*. Além de muitas outras coisas, a cruz evoca o mistério da Encarnação. Cristo foi crucificado porque estava encarnado, gozando de um corpo físico. A tradição popular ensina que o Diabo se aborrece com as cruces e foge delas, é também por esta razão. Sua tendência é separar, desencarnar, e não poderia suportar a presença de um símbolo como a cruz, que não só evoca o mistério que tanto o aborrece.

8- Em forma de poema, esta bela carta convida Christian Rosacruz às Bodas Alquímicas depois de passar por umas provas de purificação e iluminação: a montanha a cujo topo tem que subir é, no fundo, a mesma em cujo interior habita. Recordemos que a montanha do Qaf dos muçulmanos envolve sutilmente ao mundo terrestre. Trata-se da Montanha da Sabedoria Eterna cuja ascensão começa a partir da caverna. Os três templos que a coroam poderiam referir-se tanto às três cruces do Gólgota; como à Santíssima Trindade; ou aos três princípios alquímicos, Enxofre, Mercúrio e Sal. Mesmo para Rosacruz os, três templos constituem um enigma que, apesar de seus esforços, não conseguia esclarecer em suas meditações. De novo aparece o tema do peso.

9- O autor nos ensina aqui uma técnica oculta extremamente importante. Quem o possa entender, entenda!

10- Magnífica evocação do tragicômico estado do homem cansado!

11- O quatro parece ser uma constante. Segundo o Talmud "Quatro sábios penetraram no Paraíso...".

12- Esta alegria se vê perfeitamente expressa no Arcano XVI do Tarot de Marsella, a "*Maison Dieu*", incorretamente traduzido por "A Torre da Destruição". Os dois personagens que nele aparecem dançando de alegria. Trata-se, em realidade da "Casa de Deus", do "Betel" dos hebreus, que corresponde à "Porta do Céu". Em Astrologia, o signo de Câncer recebe o nome de "Porta do Céu". Nesta constelação está a estrela fixa *Sírius*, que os egípcios identificavam à Isis. O Arcano XVII do Tarot, que segue à "Casa de Deus" corresponde à Isis, que bem poderia ser a Dama que aparece nesta cena. Referimos à este Arcano em nossa Introdução. Ver também Gênesis XXVIII-17. O tema da saída de um poço ou de uma fossa graças a uma, ou várias cordas é corrente na Kabala. Ver a este respeito o *Zohar* I-112 b e o *Quixote*, segunda parte cap. XXIII.

13- E sem que nos demos conta, eis aqui o momento principal da iniciação de nosso personagem.

14- Estas siglas poderiam significar *Deus Lux Solis*; *Deus, luz do Sol*; ou *Deus Laus Semper*, *louvado seja sempre Deus*.

15- Christian Rosacruz coxeia porque é imperfeito: sem a graça divina o homem está coxo e não pode penetrar no jardim da Sabedoria, como indica a lâmina XXVII de "*Atalanta Fugiens*" de Miguel Maier.

16- As quatro rosas recordam os quatro elementos; enquanto, que o pão, o sal e a água poderiam corresponder aos três princípios alquímicos.

SEGUNDA JORNADA

Ao entrar no bosque (1) pareceu-me que o céu inteiro e todos os elementos já estavam embelezados para as bodas; (2) os pássaros cantavam agradavelmente; contemplei os cervos saltarem com tanta graça, que alegraram meu coração; incitando-me a cantar. E cantei em voz alta:

Seja feliz, amado passarinho, que seu canto claro e fino elogie seu criador.

Poderoso é seu Deus,

prepara o alimento

e dá isso no momento em que lhe falta,

fique, pois, satisfeito.

Por que estaria triste,

por que se irritaria contra Deus

porque o fez passarinho?

Por que raciocinar em sua pequena cabeça

por causa de que não o fez homem?

OH! Cala; ele o meditou profundamente,

fique, pois, satisfeito.

O que faria eu, pobre verme,

se quisesse discutir com Deus?

Trataria de forçar a entrada do céu

para arrebatá-lo a grande arte com violência? (3)

Deus não se deixa influenciar.

Que o indigno se abstenha.

Homem, fica satisfeito.

Não se ofenda se não é imperador, talvez tivesse esquecido seu

nome e só isso lhe preocupa.

Os olhos de Deus são clarividentes.

Vê no mais fundo de seu coração. (4) Assim não se enganará.

E meu canto, brotando do fundo de meu coração, expandiu-se através do bosque ressonando em qualquer parte. As montanhas repetiram-me as últimas palavras quando ao sair dele entrei em um bellissimo prado. Ali entrelaçavam-se três preciosos cedros (5) cujos largos ramos proporcionavam uma sombra soberba. Embora não andasse muito, quis desfrutar dela em seguida, pois, encontrava-me esgotado pelo ardor de meu desejo; de modo que corri às árvores para repousar um pouco. Mas ao me aproximar, vi um pôster fixado em um deles no qual, com traços elegantes, li o seguinte escrito:

"Saúde, estrangeiro: acaso ouviste falar das Bodas do Rei; se assim for repita exatamente estas palavras. Através de nós, a Noiva oferece quatro caminhos para escolher por eles poderá chegar ao Palácio do Rei (6) sempre que não se separe de sua via.

O primeiro é breve, mas perigoso, atravessa vários obstáculos que só poderá evitar com muitíssimo trabalho; o outro mais largo, com margens, é plano e fácil se ajudar com magnetismo não desvia nem à esquerda, nem à direita. O terceiro é certamente a via real: alguns prazeres e espetáculos de nosso Rei tornam seu caminho agradável. Mas apenas um dentre mil chegam por ele ao objetivo. Entretanto, pelo quarto nenhum homem pode chegar ao Palácio do Rei. (7) Isto é o que deve saber. Tampouco deve ignorar que deplorará por fazer esta escolha cheia de perigos. Efetivamente, culpa-lo-ão do menor delito contra as leis de nosso Rei; rogo agora que ainda pode, que retorne à sua casa com a máxima rapidez pelo mesmo caminho que veio para chegar aqui."

Minha alegria desapareceu ao acabar de ler a inscrição; por antes cantar com tanta alegria pus-me a chorar com grande desconsolo; pois, via nitidamente os três caminhos diante de mim. Sabia que podia escolher um, porém, caso escolhesse o de pedras e rochas corria o risco de matar-me do modo mais miserável, por uma queda; escolhendo o caminho mais largo podia me perder nos cruzamentos, ou permanecer nele por qualquer outra razão sendo a viagem tão longa. Tampouco ousava esperar que, entre mil, fora precisamente eu quem pudesse escolher a via real. Adiante, também abria-se o quarto caminho, mas tão cheio de fogo e vapor que não podia nem sequer me aproximar dele. Nesta dúvida refletia se não seria melhor renunciar à viagem. Por um lado, considerava minha indignidade; mais por outro lado, consolava-me a esperança ao recordar a liberação da torre; sem que, não obstante, pudesse confiar nela de uma maneira total. Vacilava ainda sobre a resolução a tomar quando meu corpo, fatigado, reclamou alimento. Assim, pois,

peguei o pão e o parti. Naquele momento, uma pomba,(8) branca como a neve, pousada em uma árvore e cuja presença não notara até aquele momento, viu-me e descendeu: talvez estava habituada. Aproximou-se lentamente de mim; ofereci-lhe compartilhar a comida; a pomba aceitou e isso permitiu-me admirar atentamente sua beleza.

Mas, viu-nos um corvo negro, (9) seu inimigo, que se abateu sobre a pomba para apoderar-se de sua parte de comida sem prestar a menor atenção a minha presença. A pomba não pôde fazer outra coisa senão fugir e ambos voaram para o sul. Zanguei-me e desgostei tanto que persegui de maneira atordoada ao insolente corvo e corri assim, sem me dar conta, um bom trecho naquela direção; assustei o corvo e liberei à pomba.

Só nesse momento caí em mim, atuara sem reflexão; entrei num caminho do qual estava proibido de sair com risco de severo castigo. Cheguei a consolar-me por não lamentar ter esquecido a mochila de couro e o pão sob a árvore, sem conseguir retornar para recolhê-los: cada vez que queria girar o vento me açoitava com tanta força que me derrubava; se seguia adiante não sentia o vendaval. Então compreendi que me opor ao vento significava perder a vida.

Continuei o caminho levando minha cruz com resignação e, como estava sem sorte, decidi fazer tudo para chegar ao final antes que anoitcesse.

Achei muitos falsos caminhos, mas os evitei graças a minha bússola (10) sem abandonar o meridiano nem um passo, embora, às vezes, o caminho era tão áspero e pouco viável que parecia estar perdido. Enquanto andava pensava continuamente na pomba e no corvo sem chegar a compreender seu significado. Finalmente, divisei, ao longe, na crista de uma alta montanha, um esplêndido pórtico; apesar de que estava ainda muito longe, apressei-me para ele, porque o por do sol acabava de entrar atrás de um monte sem que, nem ainda de longe, houvesse visto cidade alguma. Atribuo unicamente a Deus este descobrimento, pois poderia continuar meu caminho sem abrir os olhos, e facilmente passaria sem vê-lo.

Aproximei-me dele com a maior urgência e quando cheguei, as últimas luzes do crepúsculo ainda permitiram-me vislumbrar o conjunto. Tratava-se de um Pórtico Real admirável, cheio de esculturas representando miragens e maravilhosos objetos dos quais alguns tinham um significado especial como soube depois. No mais alto, do topo luzia esta inscrição: LONGE DAQUI, AFASTEM-SE, PROFANOS! (11) e outras inscrições que severamente me proibiu falar.

Chegando ao p3rtico, saiu a meu encontro um desconhecido luzindo uma roupa azul c3eu. Saudei-o amigavelmente e correspondeu-me do mesmo modo pedindo meu convite. OH!, que alegria t3-lo levado comigo, pois facilmente esquec3-lo-ia coisa que, segundo ele, aconteceu 3 outros. Assinei em seguida, n3o s3o se mostrou satisfeito mas tamb3m, com grande surpresa por minha parte, inclinou-se 3 mim e me disse: "V3em, querido irm3o, 3 meu h3spede bem-vindo". Continuando pediu-me que lhe dissesse meu nome e respondi que era o irm3o da Rosa-Cruz Vermelha pelo que manifestou uma agrad3vel surpresa. Logo perguntou: "Irm3o, n3o trouxeste com o que comprar uma ins3gnia?" Respon-di-lhe que minha fortuna era escassa, mas que lhe oferecia de bom grado o que pudesse lhe agradar dos objetos que possu3a.

Pedi-me meu cantil de 3gua que lhe dei de presente e em troca me deu uma ins3gnia de ouro que s3o tinha gravadas duas letras: S. C. (12) Advertiu-me que me lembrasse dele se por acaso pudesse me ser 3til. A meu pedido informou o n3mero de convidados que entraram antes de mim. Finalmente, deu-me uma carta selada para o guardi3o seguinte.

Enquanto estava entretido falando com ele caiu a noite; na porta acenderam um grande farol que servia de orienta33o para os que ainda estavam a caminho. Este, que conduzia ao castelo, discorria entre dois muros e ladeados por formosas 3rvores frut3feras. A cada tr3s 3rvores penduraram um farol em ambas os lados e uma bel3ssima virgem com um vestido azul acendia todas aquelas luzes com uma preciosa tocha. Talvez, entretive-me mais do devia em admirar aquele espet3culo de t3o perfeita beleza.

Por fim, acabou o bate-papo e ap3s receber as instru33es adequadas despedi-me do primeiro guardi3o. Enquanto caminhava veio-me o veemente desejo de saber o que continha a carta, mas como n3o suspeitava nenhuma m3 inten33o do guardi3o, resisti 3 tenta33o.

Deste modo cheguei 3 segunda porta que era quase id3ntica 3 primeira; s3o diferia nas esculturas e nos s3mbolos secretos. Sobre o frontal lia-se: D3EM E LHES SER3 DADO. (13)

Um feroz le3o encadeado sob a porta ergueu-se ao ver-me e tentou saltar em mim rugindo, de modo que despertou o segundo guardi3o que estava deitado sobre uma laje de m3rmore. Expulsou o le3o, pegou a carta que, tremendo, estendia-lhe, e me disse enquanto fazia uma profunda rever3ncia: "Bem-vindo 3 em Deus o homem que desejava ver h3 tanto tempo". A seguir mostrou-me uma ins3gnia, perguntando se podia troc3-la.

Como só sobrara o sal ofereci e ele aceitou agradecendo-me. Esta nova insígnia tinha também só duas letras: S.M. (14) Quando me dispunha a conversar do mesmo modo com ele tocaram as trombetas no castelo e então o guardião apressou-me para que corresse com toda a rapidez de minhas pernas; de outro modo meu trabalho e meus esforços seriam em vão, já que começavam a apagar-se todas as luzes. Pus-me a correr imediatamente sem saudar sequer ao guardião, pois temia, não sem razão, chegar muito tarde.

Efetivamente, embora minha corrida rápida, a virgem já alcançava-me e atrás dela apagaram-se todas as luzes. Não seguiria por um bom caminho se ela não chegasse até mim um resplendor de sua tocha. Enfim, apressado pela angústia, consegui entrar detrás dela; naquele mesmo instante fecharam-se as portas com tal brutalidade, que prendera a borda de minha vestimenta e ali tive que deixá-la, porque nem eu, nem os que chamavam de fora, conseguimos que o guardião da porta abrisse de novo, desculpando-se que entregara as chaves à virgem quem, segundo ele, levou-as ao pátio. Voltei-me para examinar a porta: era uma obra de mestre, digna de admiração e no mundo inteiro não havia outra que se igualasse. A cada lado da porta se elevavam duas colunas, uma delas possuía uma estátua sorridente com a inscrição:

CONGRATULAÇÃO (15)

Na outra, a estátua ocultava sua cara com tristeza e debaixo se lia:

CONDOLÊNCIA (16).

Para abreviar direi que se viam imagens e sentenças tão ocultas e misteriosas que os mais sábios da Terra não poderiam explicar. Mais, se Deus o permitir, logo descreverei-as e explicarei.

Ao atravessar a porta tive que dizer meu nome, que inscreveram ao final do pergaminho destinado ao futuro esposo. Só então foi entregue a verdadeira insígnia de convidado: era um pouco menor que as outras, mas muito mais pesada.

Tinha gravadas as seguintes letras: S. P. N. (17).

Seguidamente calçaram uns sapatos novos, pois todo o chão do castelo estava lajeado com mármore branco. Como agradava-me dar meus sapatos velhos a um dos pobres que, com compostura, freqüentemente se sentavam sob a porta, dei de presente a um ancião.

Pouco depois, dois pajens portadores de tochas conduziram a uma câmara rogando-me que descansasse em um banco, o que fiz enquanto eles depositavam as tochas em dois buracos

abertos no chão. Partiram-me deixando sozinho. Logo ouvi ao redor um ruído sem causa aparente vários homens agarraram-me de uma vez; como não os podia ver vi-me forçado deixá-los fazer a maneira deles. Não demorei pra entender que eram cabeleireiros; roguei-lhes que não me sacudissem daquele modo e declarei que emprestaria o que quisessem. Recuperei a liberdade de movimentos e um deles, ao que seguia sem poder ver, cortou-me com destreza o cabelo da parte do cocuruto, respeitando, não obstante, as largas mechas, grisalhas já pela idade, da frente e as têmporas. (18) Confesso que, no início, estive a ponto de perder o sentido, pois ao me sentir sacudido tão terrivelmente acreditei que Deus me abandonara lá atrás por causa da minha temeridade.

Por fim, os cabeleireiros invisíveis recolheram com cuidado os cabelos cortados e levaram, então retornaram os dois pajens rindo de meu terror. Apenas abriram a boca quando soou uma campainha e disseram-me que era para reunir à assembléia.

Através de infinitos corredores, portas e escadas, os pajens, com suas tochas, precederam-me para me conduzir a grande sala. Uma multidão de convidados apertava-se naquela sala. Nela podiam ver imperadores, reis, príncipes e senhores; assim como, nobres e plebeus; ricos e pobres; e gente de toda condição. Pensando em mim, fiquei surpreso. "Ah! Bem louco estou! Porquê me atormentei tanto com esta viagem? Aqui há companheiros aos quais conheço bem e aos quais nunca apreciei; aqui estão todos e eu, com todas minhas súplicas e rogos, cheguei por último e ainda com muita dificuldade!".

Sem dúvida foi o diabo quem me inspirou estes pensamentos e muitos mais, apesar de meus esforços por rechaçá-los.

Quem me conhecia me chamavam de todos lados: "Irmão Rosacruz, de modo que você também chegaste?" "Sim, irmãos respondi -, a graça de Deus me permitiu entrar". Riram de minha resposta e acharam ridículo mencionar Deus por uma coisa tão simples. Quando interrogava a todos sobre o caminho que seguiram - alguns tiveram que descer pelas rochas -, umas trombetas invisíveis anunciaram a hora da comida. Cada qual se colocou segundo a hierarquia a que tinha direito e o fizeram tão bem que eu e outros pobres encontramos apenas lugar na última mesa.

Então apareceram os dois pajens, um dos quais recitou orações tão admiráveis que as

ouvir me alegrou o coração. Entretanto, alguns dos grandes senhores não só não prestaram a menor atenção, mas também, riam entre eles, faziam caretas, mordiscavam seus chapéus e se divertiam com outras brincadeiras semelhantes. Depois serviram. Embora não pudemos ver ninguém fazê-lo, os pratos estavam tão bem servidos parecendo que cada convidado tinha um criado particular. Quando todos estavam fartos e o vinho fez desaparecer a vergonha de seus corações, cada qual se vangloriava de seu poder. Um falava de provar isto, o outro aquilo e os mais néscios eram quem gritavam com mais força. Ainda hoje não posso deixar de me irritar ao recordar os atos sobrenaturais e impossíveis que ouvi mencionar. Para finalizar, intercambiaram os assentos.

Aqui e lá um cortesão se deslizava entre dois senhores e então estes ideavam atos de tal envergadura que se precisou da força de Sansão ou de Hércules para levá-los a cabo; tinha gente que queria liberar Atlas de seu peso, outro falava de tirar o Cérbero tricéfalo dos infernos; (19) resumindo, cada qual divagava a sua maneira. A loucura dos grandes senhores chegava a tal grau que acabavam acreditando seus próprios embustes e a audácia dos malvados raspou no infinito; de tal modo, que não prestaram nenhuma atenção aos golpes que como advertência lhes davam nos dedos. Quando um se gabou de haver-se apoderado de uma cadeia de ouro, outros seguiram seus passos. Vi um que pretendia ouvir zumbir os céus, outro podia ver as Idéias Platônicas; um terceiro queria contar os Átomos de Demócrito e não poucos eram conhecedores do movimento perpétuo.

Conforme pareceu-me vários possuíam uma inteligência desperta, mas, para sua desgraça, tinham uma opinião muito boa de si mesmos. Para finalizar, havia um que tentava, fácil e simplesmente, nos convencer de que podia ver os criados que nos atendiam. Discutira longamente sobre isto até que um destes servidores invisíveis deu-lhe um bofetão em sua embusteira boca, de modo que, não só ele, mas também vários de seus vizinhos, ficaram mudos como ratos. Mas, para minha grande satisfação, todos a quem estimava guardavam silêncio em meio daquele bulício; preocupavam-se em não elevar a voz, pois, consideravam-se torpes, incapazes de penetrar nos segredos da natureza, além disso, acreditavam-se de todo indignos. Por culpa do tumulto, quase amaldiçoei o dia em que cheguei a tal lugar, pois, via que os perversos e os superficiais eram abarrotados de honras. Eu, entretanto, nem podia estar tranqüilo

em meu humilde lugar: efetivamente, um daqueles canalhas zombava de mim tachando-me de louco incurável.

Como ignorava que ainda houvesse uma porta para atravessar pensei que permaneceria assim, vítima das brincadeiras e do desprezo, todo o tempo que durassem as bodas; não obstante, não imaginava valer tão pouco aos olhos do noivo e da noiva; estimava que poderiam encontrar outro para fazer de bufão em suas bodas. Mas, ai! Esta falta de resignação às desigualdades do mundo que empurra os corações simples, esta impaciência foi a que meu sonho mostrou sob o símbolo da claudicação.

A gritaria aumentava cada vez mais. Alguns já queriam nos dar por certas visões completamente inventadas e vivências evidentemente falsas. Pelo contrário, meu vizinho era um homem muito sossegado e de boas maneiras. Logo depois de falar de coisas sensatas, acabou por me dizer: "Olhe, irmão, se agora algum recém-chegado quisesse fazer voltar à razão todos esses endurecidos, escutar-lhe-iam?" "Com fé que não", respondi. "Assim é – disse -, como o mundo quer ser enganado a todo custo e não ouve a quem não procura outra coisa que seu bem. Note nesse adulator, observa as ridículas comparações, as insensatas deduções, com que capta o interesse de quem lhe rodeia. Olhe ali como o outro zomba da gente com palavras misteriosas e inauditas. Mas, acredite-me, um tempo chegará em que lhes serão arrancadas as máscaras e os disfarces, para que todos vejam que patifes ocultavam; talvez, então, voltem-se para quem desprezaram."

O bulfício estava cada vez mais insuportável. De repente, elevou-se na sala uma música deliciosa, admirável, como nunca ouvira em minha vida; toda a sala, pressentindo inesperados acontecimentos, emudeceu. A melodia brotava de um conjunto de instrumentos de cordas, com uma harmonia tão perfeita que fiquei admirado, completamente absorto, para surpresa de meu vizinho. Teve-nos maravilhados durante uma meia hora no transcurso da qual guardamos absoluto silêncio, se bem que alguns quiseram falar, mas, foram rapidamente sossegados por uma mão invisível. Pelo que me diz respeito, renunciei a ver os músicos, mas tratava de ver os instrumentos.

Teria passado uma meia hora quando a música cessou de repente sem que pudéssemos ver de onde surgia.

Uma fanfarra de trombetas e um rufo de tambores ressonaram à entrada da sala, com tal maestria, que esperávamos ver entrar um imperador romano em pessoa. Vimos que a porta se abria sozinha, então a magnificência das trombetas aumentou, ressonou de tal modo que apenas pudemos suportá-la. A sala inundou-se de luzes, acredito que por milhares; moviam-se sozinhas, de acordo com a classe social, o que nos assustou. Depois vieram os dois pajens com as tochas, precedendo a uma virgem de admirável beleza, que se aproximava montada em um formoso palanque de ouro. Pareceu-me reconhecê-la, aquela que anteriormente acendeu e depois apagou as luzes. Também acreditei reconhecer entre seus servidores aos guardiães que estavam sob as árvores a beira do caminho. Agora não usava o vestido azul, mas sim uma túnica cintilante, branca como a neve, (20) jorrando ouro e de tal brilho que não podia ser contemplada por muito tempo. Os vestidos de ambos os pajens eram idênticos, mas seu brilho era menor.

Quando a virgem chegou ao centro da sala desceu de seu trono e todas as luzes diminuíram de intensidade saudando-a. Todos nos levantamos em seguida, mas sem abandonar nossos lugares.

Ela inclinou-se diante nós e depois de receber nossa homenagem, começou o seguinte discurso com voz admirável:

*O rei, meu gracioso senhor
que agora não está muito longe,
assim como sua querida prometida
confiada à sua honra,
viram com satisfação sua chegada.
A cada um de lhes honram
com seu favor, em todo momento,
e do fundo de seu coração desejam
que sempre lhes obtenham
para que a alegria de suas bodas
não se mescle com a tristeza de ninguém.*

Depois, inclinou-se de novo cortesmente, as luzes a imitaram, e continuou do seguinte modo:

*Pelo convite sabem
que não foi chamado aqui homem algum
que não recebera todos os preciosos dons
de Deus, a muito tempo,
e que não estivesse o suficiente preparado.
Como convém a esta circunstância
meus donos não querem acreditar
que ninguém possa ser bastante audaz,
tendo em conta, as severas condições,
para apresentar-se, a menos
que esteja preparado para suas bodas.
depois de longos anos
conservam a esperança
e lhes destinam a todos, todos os bens;
alegram-se de que nestes difíceis tempos
encontrem aqui reunidas tantas pessoas.
Não obstante, os homens são tão audazes que sua grosseria não os retém.
Introduzem-se em lugares aos quais não foram chamados.
Para que os patifes não possam enganar,
para que nenhum impostor passe despercebido
e para que logo se possam celebrar, sem trocar nada,
as puras bodas,
amanhã será instalado
a balança dos Artistas; (21)
Então, cada um se dará facilmente conta do que descuidou adquirir nele.
Se agora, algum nesta multidão
não está do todo seguro de si mesmo,
que se vá rápido
pois se ficar*

será-lhe negada toda graça

e amanhã será castigado.

Quanto aos que queiram sondar sua consciência

permanecerão hoje nesta sala,

serão livres até amanhã,

mas que não voltem aqui jamais.

Que esteja seguro de seu passado que siga a seu serviço quem lhe mostrará seu apartamento.

Que repouse hoje em espera da balança e da glória.

A outros, o sonho traria agora grande dor.

Que se contente, pois, ficando aqui pois mais valeria fugir que empreender o que supera suas forças.

espera-se que cada qual atue da melhor maneira.

Quando finalizou este discurso se inclinou de novo e se dirigiu graciosamente a seu assento; as trombetas ressonaram outra vez embora não pudessem afogar os ansiosos suspiros de muitos. Depois, os invisíveis a conduziram de novo; não obstante, aqui e lá, algumas luzes permaneceram na sala, inclusive uma colocada atrás de um dos nossos.

Não é fácil descrever nossos pensamentos e gestos, expressão de tantos e tão contraditórios sentimentos. Entretanto, a maior parte dos convidados decidiu-se finalmente tentar a prova da balança para logo, em caso de fracasso, ir-se dali - o que acreditavam possível - em paz.

Muito em breve tomei minha decisão; como minha consciência demonstrava minha ignorância, minha indignidade; resolvi ficar na sala com os outros; contentando-me com o banquete ao qual assistira, antes de continuar a expor-me às torturas e perigos futuros. Depois de alguns serem levados pelas luzes à seus apartamentos (cada um ao seu como soube mais tarde), ficamos nove, entre eles meu vizinho de mesa, que antes me dirigira a palavra. Passou uma hora sem que a luz nos abandonasse; veio um dos pajens dos quais já mencionei, carregado com um pacote de cordas e na entrada perguntou-nos se estávamos decididos a ficarmos ali. Como respondemos afirmativamente entre suspiros, conduziu cada um para um lugar fixado, atou-nos e

depois retirou-se com nossa luz, deixando-nos em profunda escuridão, pobres e abandonados. Foi sobretudo quando vários de nós sentimos a opressão da angústia, eu mesmo não pude impedir que umas lágrimas se deslizassem por minhas bochechas. Guardamos um profundo silêncio afligidos pela dor e a aflição, embora ninguém nos proibiu de falar. Ademais, as cordas estavam atadas com tanta eficácia que ninguém pôde cortá-las, ou mesmo desatá-las e tirá-las dos pés (22). Não obstante, consolei-me pensando, que nos permitiram expiar nossa temeridade em uma só noite; muitos dos que saboreavam o repouso esperavam uma retribuição justa e uma grande vergonha. Apesar de todas as minhas torturas, dormi quebrado de fadiga. Entretanto, a maior parte de meus companheiros não pôde descansar. Eu tive um sonho, e embora seu significado não seja muito importante, acredito que possa ser útil contá-lo.

Pareceu-me estar sobre uma montanha e que um largo vale se estendia ante mim. Neste vale reuniu-se uma multidão inumerável e cada pessoa estava suspensa por um fio atado a sua cabeça; os fios desciam do céu. Não obstante, uns estavam pendurados muito altos e outros muito baixos e vários tocavam a mesma terra. Pelos ares voava um homem com umas tesouras na mão, que ia cortando os fios em qualquer parte. Os que estavam próximos ao chão caíam sem ruído, mas a queda dos mais altos fazia tremer a terra. Alguns tinham a sorte que seu fio descesse de modo a tocar o chão antes de cortado.

As quedas puseram-me de bom humor. Quando vi que alguns presunçosos, cheios de ardor por assistir às bodas, jogavam-se no ar e planejavam um momento, para cair vergonhosamente, arrastando ao mesmo tempo alguns vizinhos, alegrei-me de todo coração. Também fiquei contente quando algum dos modestos que se contentaram com a terra, era desatado sem ruído, de modo que seus vizinhos não se deram conta. Saboreava este espetáculo com a maior felicidade quando um de meus companheiros me empurrou com tão má sorte que despertei sobressaltado e aborrecido. Não obstante, refleti sobre meu sonho (23) e o contei a meu irmão deitado a meu lado. Escutou-me com satisfação e desejou que fosse presságio afortunado de alguma ajuda. Passamos o resto da noite conversando sobre esta esperança e desejando com todas nossas forças que chegasse o dia.

NOTA À SEGUNDA JORNADA

1- O simbolismo do bosque aparece com freqüência nos contos, mitos e lendas populares. Comparam-no freqüentemente ao Templo, já que os druidas celebravam seus cultos nos claros dos bosques. A palavra latina *nemus*, bosque, pasto, selva, associa-se etimologicamente ao *Nemí*, bosque mitológico no meio do qual havia um lago chamado "o espelho de Diana" (*Lacus Nemorensis*). Entretanto, o bosque, como o mar, parece evocar melhor algo que o buscador tem que atravessar para chegar ao claro onde encontrará o lago ou a Ilha, todos eles símbolos do espelho que, em realidade, é por sua vez um símbolo do Homem em sua pureza original.

O leitor interessado neste mistério dirigir-se-á com proveito à *Divina Comédia* de DANTE, especialmente o primeiro canto, no qual se faz alusão a este "bosque escuro". O conteúdo profundamente simbólico e escatológico desta obra ampliará sem dúvida sua compreensão das "*Bodas Alquímicas*".

2- Pode parecer estranho que "o céu inteiro embeleze-se" para as Bodas. Mas, não se trata das eternas Bodas do Céu e da Terra? Não são todas as "*Bodas Alquímicas*" o relato simbólico da hierogamia que une "o que está acima" com "o que está abaixo"?

3- Todos os alquimistas coincidem, e não se cansam de repeti-lo, em que sua Arte é "um dom de Deus". A Grande Arte não se pode, pois, arrebatá-lo com violência. Não se pode forçar a Entrada do Céu; como indica o Evangelho, o homem deve bater na porta (ver Marcos VII-7); é o papel da oração; "*ora*" que, necessariamente, tem que preceder ao "*labora*", pois só se pode trabalhar quando se obteve o "Dom de Deus". Não esqueçamos que o relato das *Bodas Alquímicas* começa justo quando Christian Rosacruz acabou suas orações.

4- Deus não julga nunca pelas aparências, mas sim pela intenção profunda dos atos humanos. Ver Provérbios XXI-2 e Lucas XVI-15.

5- Estes três muito belos cedros poderiam designar a Santíssima Trindade. Na tradição hebraica, o cedro simboliza a força divina e a imortalidade, já que suas folhas estão sempre verdes. Em algumas passagens da Bíblia designa à fé firme e fiel. Ver Salmos XCII-13 a 15. Poderiam corresponder também aos três anjos e sua sombra a sua bênção.

6- A sombra é uma das imagens mais usuais da bênção. Se a árvore, que neste caso seria o cedro, designa ao profeta (ver Salmos I-3 e Jeremias XVII-8 ou Mateus VII-25 a 30), a sombra é

sua bênção. A bênção confere uma proteção, ou uma virtude, sendo o começo de uma nova geração. As palavras de Gabriel à Maria: "O Espírito Santo virá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra" (Lucas I-35) e um conhecido refrão de *Quixote* ("Quem da boa árvore se aproxima, boa sombra lhe cobre") ilustram este mesmo mistério.

7- Os quatro caminhos que oferecem ao Christian Rosacruz coincidem com os quatro sentidos da Escritura. Não podemos desenvolver aqui, como mereceria, tão apaixonante tema exegético. (O leitor inquieto dirigir-se-á aos números 2 e 4 da revista "*O Fio d'Ariane*", Rue Des Combattants; 5865 Walhain-St. Paul, Bélgica). Só recordaremos a célebre doutrina kabalística do *Pardes*, o Paraíso. As quatro letras que compõem esta palavra, indicam quatro níveis de interpretação da Escritura impraticável, pois, só consome sendo conveniente aos corpos incorruptíveis. Escolhe, pois, destes três caminhos o que pareça melhor e segue-o com tenacidade. Deve saber, também, que seja qual for a escolha, em virtude de um destino inalterável, não poderá renunciar a sua decisão e voltar atrás sem que sua vida corra perigo em grau supremo. Correspondem-na aos quatro caminhos. Moisés de León, o autor presumível do Zohar, afirmava em seu Livro sobre a alma inteligente, escrito em 1290, que "tinha escrito, com o título de *Pardes*, um livro sobre o mistério dos quatro caminhos... "para demonstrar que "todos os relatos e feitos narrados na Bíblia se referem misticamente à vida eterna". Existe também uma relação, que tampouco podemos desenvolver aqui, entre estes quatro caminhos e as quatro portas do Zodíaco.

8- A pomba é sempre um bom presságio; seu simbolismo é muito complexo. Em algumas ocasiões, dentro do cristianismo, representa o Espírito Santo; em geral, simboliza a pureza, a graça e a simplicidade. Em alguns textos refere-se à alma pura. Prudêncio relata que, ao morrer Santa Eulália mártir, "uma pomba mais branca que a neve saiu dela e voou até o céu". Sua cor branca evoca a luz e suas asas a capacidade de voar; por isso, para alguns alquimistas, este animal era o símbolo da parte volátil da matéria dos Sábios. Dar de comer à pomba é, em certo modo, fixar o Espírito Santo.

9- O corvo aparece aqui como o princípio contrário e o inimigo da pomba. Este animal, tanto por sua cor característica como por seu sistema de alimentação, evoca às trevas e à morte. Ambos os pássaros são alegorias usuais de Cristo e do Diabo. A pomba é também o pássaro de Vênus (ver *Eneida* VI-190 e ss). Entretanto, é curioso observar que à Diana lhe associavam duas pombas

(Ver Ireneo Filaleteo, *A Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei*, pág. 63, nota 4) e que na figura XII do *Splendor Solis do Salomón Trimosin* encontramos dentro do balão de ensaio duas pombas brancas lutando com um corvo negro.

10- Christian não quer abandonar o meridiano nem um passo. Isto revela-nos que se dirige para o sul, acaso era aquele Sol cuja representação aparecia na medalha comemorativa que recebe na primeira jornada (ver nota 14).

11- *Procul binc, procul ite prophani*. Longe daqui, afastassem profanos! De novo aqui nosso autor inspira-se em Virgílio (ver *Eneida* VI-250).

12- Estas siglas receberam várias interpretações. *Servus Christii*: Servo de Cristo; *Santitate Constantia*: Santidade, Perseverança; *Sponsus Carus*: Marido Querido; *Spes Charitas*: Esperança, Caridade.

13- Ver Lucas VI-38.

14- Estas siglas misteriosas foram também objeto de diferentes interpretações. *Studio Merentes*: Ocupação merecedora; *Sponsus Mittendus*: Esposo enviado; *Sal Mineralis*: Sal Mineral; *Sal menstrualis*: Sal menstrual; *Satan Musat*: Satã inspira; *Servus Mariæ*: Servos de Maria. Ver a inscrição que aparece no carro do Arcano VII do *Tarot de Marsella*.

15- *Congratulo*: Felicito.

16- *Condoleo*: Compação. "Felicito" e "Compação" evocam as duas colunas do Templo: Boaz e Joaquín. Boaz, passiva, feminina, aérea corresponde à Lua. Joaquín, ativa, masculina, ígnea corresponde ao Sol. Estas duas colunas representam também aos dois aspectos de Deus segundo a Kabala, o "*Dios, de Rigot*", e o "*Deus de Misericórdia*".

17- *Salus per Naturam*: A salvação pela Natureza.

Sponsi praestandum nuptiis: Devotado às núpcias do noivo.

18- Com o qual nosso personagem é tonsurado, ou seja, que é liberado do cabelo que cobria seu *Sahasrura Chakra*.

19- Cão de três cabeças que, segundo a Mitologia grega, encontra-se na entrada dos infernos. Equiparou ao Savari dos hindus, deus que personifica as trevas. O último dos trabalhos de Hércules consistiu em descer aos Infernos para raptar Cerbero. Pôde fazê-lo graças à ajuda de Hermes e Atena.

20- A túnica cintilante, branca como a neve, cujo resplendor é insuportável é uma evocação da *Daena*, do corpo de luz ou das "túnicas de luz", do corpo glorioso de ressurreição. Trata-se da túnica que reveste o protagonista do *Canto da Pérola*.

21- Uma das denominações que com mais freqüência se dava aos alquimistas é a de Artista, já que praticam a Grande Arte. Na Balança dos Artistas não se pesa o que tem alguém, e sim o que lhe falta.

22- Nos rituais iniciáticos dos Antigos Mistérios, os mistos apareciam ante um tribunal no qual eram julgado, atados pés e mãos. Ver *Les Mystères d'Eleusis* de Maurice Brillant, Paris **1920** e *Les Mystères d'Eleusis* de Victor Magnien, Paris **1950**.

23- Trata-se do sonho das marionetes que acaba de explicar, evocação muito bela do Destino que rege a vida dos homens. O homem das tesouras representa o Adepto que, como Hermes, libera os mortais dos influxos astrais.

TERCEIRA JORNADA

Levantou-se o dia, assim que se elevou o Sol por detrás das montanhas para cumprir seu trabalho no alto do céu, nossos valorosos combatentes começaram a sair de seus leitos e a preparar-se para a prova. Um após o outro chegaram à sala, desejaram *o bom dia* mutuamente, apressaram-se perguntando se dormimos bem e, ao nos ver atados, muitos deles zombaram de nós; parecia-lhes ridículo que em vez de tentarmos como eles para ver o que ocorria, tivéssemos nos submetido por temor.

Entretanto, alguns, cujo coração não deixara de palpitar com força, guardaram-se de aprovar tais recriminações. Desculpamo-nos por nossa ignorância, manifestando a esperança de que logo nos deixariam livres e que a brincadeira nos serviria de lição para o futuro; logo fizemos ver que, pelo contrário, não era seguro que eles estivessem livres e que poderia ocorrer que lhes ameaçassem graves perigos.

Por fim, quando todos estavam reunidos, ouvimos, como na véspera, a chamada das trombetas e os tambores.(1) Esperávamos ver o noivo, mas o certo é que muitos não o viram até então, nem nunca.

Tratava-se da mesma virgem do dia anterior, totalmente vestida de veludo vermelho com um cinturão branco e cuja frente estava admiravelmente adornada por uma coroa verde de louro. (2) Agora seu cortejo não se compunha de luzes, mas sim de uns duzentos homens armados, completamente vestidos de vermelho e branco como ela. Levantando-se elegantemente, avançou para os prisioneiros e, depois de saudar-nos, disse brevemente: "Meu severo dono mostra-se satisfeito de comprovar que alguns dentre vocês se deram conta de sua miséria, assim serão recompensados por isso". E quando me reconheceu por minha vestimenta riu e disse: "Você também se submeteu ao jugo? Eu acreditava que estava bem preparado!" Ao ouvir estas palavras pus-se a chorar.

Depois, fez que desatassem nossas cordas; em seguida, ordenou que nos atassem de dois em dois para nos conduzirem ao local que nos reservaram; e do qual poderíamos ver com facilidade a balança. Depois acrescentou: "Pode ser que a sorte desses seja preferível a de tantos audazes que ainda estão livres".

A balança, toda de ouro, foi pendurada no centro da sala e a seu lado dispuseram uma

mesa com sete pesos. A primeira era bastante grande e sobre ela colocaram outras quatro menores; à parte, encontravam-se outros dois pesos grandes. Eram todas tão pesadas, em relação a seu volume, que nenhum espírito humano poderia acreditá-lo, nem compreendê-lo. A virgem voltou-se para os homens armados, cada um levava uma corda ao lado de sua espada, e os dividiu em sete seções, tantas quantos pesos havia. (3) Escolheu um homem de cada seção para pôr cada um dos pesos na balança e depois retornou ao seu elevado trono. Continuando, inclinando-se, pronunciou as seguintes palavras:

*Se algum entrar na oficina de um pintor
e sem entender de pintura
pretende discorrer sobre ela com ênfase
será o bobo de todos.*

*Quem penetra na Ordem dos Artistas (4)
e, sem ser eleito
se ufana de suas obras,
será o bobo de todos.*

*Assim, quem suba à balança
sem pesar o que ela pesa
por si mesmo se levantara com ostentação,
serão o bobo de todos.*

Quando a virgem acabou, um dos pajens convidou quem tinha de tentar a prova, que se colocasse segundo sua categoria, subindo um após o outro ao prato da balança. Naquele momento, um dos imperadores luxuosamente vestido, decidiu-se: em primeiro lugar inclinou-se ante a virgem e depois subiu. Então, cada encarregado colocou seu peso no outro prato e, ante a surpresa geral, resistiu. Entretanto, o último peso foi muito para ele e o levantou, o que lhe afligiu tanto que até mesmo a virgem pareceu compadecer-se, assim fez aos seus um gesto para que se calassem. Depois, o bom imperador foi atado e entregue à sexta seção.

Depois dele ocupou o lugar outro imperador que se plantou com ferocidade sobre o prato. Como escondia um volumoso livro sob seus trajés, estava seguro de alcançar o peso requerido, e recompensado até o terceiro peso, o quarto o levantou sem compaixão. Apavorado, escapou-lhe o

livro e todos os soldados puseram-se a rir. Ataram-no e foi crédulo à terceira seção. Seguiram-lhe vários outros imperadores, todos com a mesma sorte. Seu fracasso provocou grandes gargalhadas e também foram atados.

A seguir avançou um imperador de estatura baixa luzindo um enorme e crespo cavanhaque. Depois da reverência de rigor subiu e o peso coube-lhe tão bem que não havia dúvida de outro peso levantá-lo. A virgem levantou-se rapidamente, inclinou-se ante ele, e fez com que lhe colocassem um vestido de veludo vermelho; (5) além disso, deu-lhe um ramo de louro dos quais tinha uma boa provisão a seu lado, rogando-lhe que se sentasse nos degraus de seu trono. Extenso seria contar como se comportaram outros imperadores, reis e senhores; mas, não posso deixar de dizer que foram muito poucos os que saíram graciosos da prova. Não obstante, contra o que eu esperava, manifestaram muitas virtudes: uns resistiram a tal ou qual peso, outros a dois ou três, até quatro e cinco. Mas, muito poucos tinham a verdadeira perfeição e ao fracassar estes eram os bobos dos soldados vermelhos.

Quando passaram pela prova os nobres, os sábios e outros, encontrando-se em cada estágio unicamente um justo, ou dois, e com freqüência nenhum; chegou a vez dos senhores patifes e adutores, fazedores do *Lapis Spitalauficus*. (6) Colocaram-os na balança com tais brincadeiras que, em que pese a meu triste estado de ânimo, estive a ponto de arrebentar de risada; inclusive os prisioneiros não puderam evitar as gargalhadas. A maior parte deles nem sequer concedeu a um severo julgamento; foram expulsos da balança a chicotadas e conduzidos à suas seções com os outros prisioneiros. Dessa grande multidão ficaram tão poucos que até me ruboriza dizê-lo. Entre os escolhidos também havia altas personalidades, mas, todos foram honrados com um vestido de veludo vermelho e com um ramo de louro.

Quando todos passaram pela prova, menos nós, pobres cães encadeados de dois em dois, avançou um capitão e disse: "Senhora, em sua Honra, poderíamos pesar esta gente que confessa sua inépcia, sem risco para eles, só para nossa diversão; talvez encontremos algum justo".

Esta proposição afligiu-me, pois, em minha pena, ao menos tivera o consolo de não nos exporem à vergonha, nem tirarem-nos à chicotadas da balança. Estava seguro de que muitos dos que agora eram prisioneiros, preferissem dez noites a sala na qual dormimos, do que sofrer um

fracasso tão lamentável. Mas, como a virgem deu sua aprovação, tivemos que nos submeter. Assim fomos desatados e colocados juntos. Embora o mais freqüente fora o fracasso de meus companheiros economizaram os sarcasmos e as chicotadas, e foram apartadas em paz. Meu companheiro passou o quinto. Deu o peso admiravelmente com grande satisfação de muitos de nós e com grande alegria do capitão que tinha proposto a prova; a virgem honrou-lhe segundo o costume.

Os dois seguintes foram muito leves.

Eu era o oitavo. (7) Quando, tremendo, coloquei-me na balança, meu companheiro, já vestido de veludo, lançou-me um olhar afetuoso e inclusive a virgem sorriu ligeiramente. Resisti todos os pesos. A virgem ordenou então que se empregasse a força para me levantar e três homens ficaram no outro prato: tudo foi em vão.

Então um dos pajens se levantou e clamou com voz poderosa: "É o1". O outro pajem respondeu: "Que goze, pois, de sua liberdade".

A virgem assentiu e não só me recebera com as cerimônias habituais, mas também autorizara escolher um dos prisioneiros para liberá-lo. Sem pensá-lo muito, escolhi o primeiro dos imperadores cujo fracasso me entristecera desde o começo. Desataram-lhe concedendo-lhe todas as honras colocando-o entre nós.

Quando o último se colocava no prato da balança - cujos pesos foram muito para ele - a virgem viu as rosas que peguei de meu chapéu, tendo-as na mão; honrou-me pedindo-as por mediação de seu pajem e dei com prazer.

Deste modo, ao meio-dia terminou o primeiro ato, marcaram seu final por um toque de trombetas invisíveis para nós naquele momento. Às seções levaram os prisioneiros em espera do julgamento. O Conselho estava composto por cinco encarregados e nós mesmos; a virgem, que presidia, expôs o assunto. A seguir pediu a cada um seu parecer sobre o castigo que teria de infligir aos prisioneiros.

A primeira opinião dada foi castigá-los a todos com a morte, a uns com mais dureza que a outros, posto que tiveram a audácia de apresentarem-se apesar de conhecer as condições requeridas, muito claramente enunciadas. Outros propuseram retê-los prisioneiros. Mas estas proposições não passaram nem pela presidência, nem por mim. Finalmente, tomou uma decisão

de acordo com o parecer do imperador a quem eu libertara, com o de um príncipe e com o meu próprio: os primeiros, senhores de elevada categoria, conduzir-se-iam discretamente fora do castelo; os segundos despedidos com maior desprezo; os que seguiam a estes seriam despidos e expulsos desta maneira; os quartos seriam açoitados ou jogados aos cães. Mas os que reconheceram sua indignidade e renunciaram à prova, poderiam voltar sem castigo. Finalmente, os atrevidos, que se comportaram tão vergonhosamente, seriam castigados com a prisão ou morte segundo a gravidade de suas traições.

A virgem aprovou este veredicto, aceito definitivamente; além disso, concedeu comida aos prisioneiros, comunicando-lhes esta mercê; fixou-se o julgamento para às doze horas. Uma vez tomada a resolução dissolveu-se a assembléia.

A virgem retirou-se com os seus à sua morada habitual. Serviram-nos um lanche na primeira mesa da sala rogando-nos que nos contentássemos com isso até que o assunto estivesse resolvido por completo. Logo conduziram-nos ante os Santos noivos, coisa que nos alegrou saber.

Trouxeram os prisioneiros à sala e colocaram-os segundo sua categoria com a recomendação de que se comportassem com a maior prudência, petição supérflua, pois, perderam sua arrogância. E tenho que dizer, não por adular, mas sim por não faltar à verdade que, em geral, as pessoas de alta classe se resignavam melhor a este inesperado fracasso pois o castigo, embora duro, era justo. Os servidores continuavam invisíveis para eles, mas tornaram-se visíveis para nós, coisa que comprovamos com grande alegria.

Embora a sorte favorecesse-nos, não nos considerávamos superiores aos outros e animávamo-os dizendo-lhes que não os trataram com muita dureza. Queriam conhecer a sentença, mas como nos obrigaram a guardar o segredo, não pudemos lhes dizer nada. Não obstante, consolávamo-os o melhor que podíamos, convidando-os a beber com a esperança de que o vinho os alegrasse.

Nossa mesa estava coberta por um veludo vermelho e as taças eram de ouro e prata, o que surpreendia e humilhava aos outros. Antes de sentarmo-nos, os dois pajens nos apresentaram a cada um, de parte do noivo, um Vellochino de ouro (8) com a figura de um Leão voador (9) rogando-nos que nos vestíssemos com ele para a refeição. Rogaram-nos que

mantivéssemos educadamente a reputação e a glória da Ordem, pois, S. M. conferia-nos naquele instante e logo confirmaria tal honra com a solenidade adequada. Aceitamos o Vellochino com o maior respeito e comprometemo-nos a executar com fidelidade o que Sua Majestade nos ordenasse. Além disso, o pajem tinha a lista de nossas casas; não tratei de ocultar a minha, temeroso de que me acusasse de orgulhoso, pecado que não pode acontecer à prova do quarto peso.

Como trataram-nos esplendidamente, perguntamos a um dos pajens se permitiriam chegar mantimentos à nossos amigos prisioneiros; como não se opuseram, fizemos chegar em abundância por meio dos servidores que continuavam sendo invisíveis para aqueles. Por esta razão ignoravam de onde lhes vinham os mantimentos, assim quis levar-lhe eu em pessoa a um deles, embora rapidamente o servidor que se encontrava às minhas costas dissuadiu-me de um modo amistoso. Assegurou-me que se algum dos pajens notasse minhas intenções, informaria o Rei e, na verdade, castigar-me-ia. Mas, como ninguém vira minhas intenções exceto ele, não diria nada. Apesar disso, exortou-me que dali em diante guardasse melhor o segredo da Ordem. Enquanto falava-me assim, empurrou-me com tal violência contra meu assento, que caí paralisado e assim estive longo tempo. Entretanto, na medida em que o medo e a confusão me permitiram, o agradei a amável advertência.

Em seguida soaram as trombetas; como sabíamos que tais toques anunciavam à virgem, dispusemo-nos a recebê-la. Apareceu sobre seu trono com o cerimonial de costume precedido por dois pajens que levavam, o primeiro uma taça de ouro, e o outro um pergaminho. Levantou-se com sua habitual elegância, tomou a taça das mãos do primeiro pajem e entregou-nos por ordem do Rei para que nos passássemos isso em sua honra. A tampa daquela taça representava uma Fortuna lavrada com uma arte perfeita; tinha em sua mão uma bandeira vermelha desdobrada. Bebi, mas a visão de tal imagem encheu-me de tristeza, pois, já sofrera a falsidade da fortuna.

A virgem vestia-se, como nós, com o Vellochino de ouro e o Leão, por isso, deduzi que seria a presidenta da Ordem. Quando lhe perguntamos o nome da Ordem nos respondeu que nos revelaria isso depois do julgamento dos prisioneiros e a execução das sentenças; pois, os que ainda estavam presos e os felizes acontecimentos que nos ocorriam, não eram nada em comparação com os que nos aguardavam; não seriam para eles mais que obstáculos e motivo de

escândalo. (10).

Depois, pegou o pergaminho das mãos do segundo pajem, dividido em duas partes. Dirigindo-se ao primeiro grupo de prisioneiros, leu mais ou menos o seguinte: que os prisioneiros deviam confessar que acreditaram muito facilmente nos enganosos ensinamentos de falsos livros; que se consideraram com tão excessivos méritos, que tiveram a ousadia de apresentar-se no palácio, ao qual não foram convidados jamais; que, talvez, a maior parte deles contava em encontrar ali um modo de viver com maior pompa e ostentação; além disso, incitaram-se mutuamente a afundar-se na vergonha e que, por tudo isso, mereciam um severo castigo.

Todos confessaram submissos e com humildade.

Continuando, o discurso dirigiu-se ainda, com maior dureza, aos prisioneiros da segunda categoria. Eram sentenciados em seu interior de comporem falsos livros, enganado ao próximo, rebaixando assim a honra real aos olhos do mundo.(11) Não ignoravam de que figuras falaciosas e ímpias se serviram. Nem sequer respeitaram a Trindade Divina, mas, pelo contrário, tentaram servir-se dela para enganar a todos. Porém, agora descobertas as maneiras que empregavam para tender vis armadilhas aos verdadeiros convidados, colocar-se-ão no lugar dos insensatos. Por outra parte, ninguém ignorava quanto sentiam prazer na prostituição, o adultério, a embriaguez e outros vícios, todos contrários à ordem pública naquele reino. Em resumo, sabiam que aviltaram os humildes e sua Majestade Real; portanto, deviam confessar que eram safados, mentirosos, notórios canalhas; que mereciam se separem das pessoas honradas e castigados com grande severidade.

Nossos bravos não assentiram com facilidade a tudo isto, mas como a virgem os ameaçava com a morte; o primeiro grupo os acusava com veemência, queixando-se todos de serem enganados, acabaram confessando para evitar males maiores.

Pretendiam que não lhes tratassem com excessivo rigor, pois, os grandes senhores, desejosos de penetrar no castelo, seduziram-os com belas promessas para obter sua ajuda; usando de mil argúcias para fazer mais apetitoso o engodo de mal a pior e desse modo, chegaram à situação atual. Assim pois, em seus pareceres, não desmereciam mais que os senhores se não conseguiram triunfar. Também os senhores deviam compreender que, se pudessem entrar com segurança, não se arriscariam escalar os muros com eles, por uma escassa

remuneração. Por outro lado, se editaram tão proveitosos determinados livros; aqueles que se encontravam necessitados, acreditaram-se autorizados a explorar tal fonte de ganhos. Por tudo isso, esperavam que se examinasse o caso com atenção. Se o julgamento fosse equitativo e a petição insistente dela; em vão se buscaria uma ação condenatória que os imputasse, pois, atuaram de acordo com o serviço dos senhores. Com tais argumentos tratavam de desculpar-se.

Replicaram que sua Majestade Real decidira castigar à todos, se bem que com maior ou menor severidade. Efetivamente, as razões aduzidas eram certas em parte, por isso, os senhores não escapariam do castigo. Mas, aqueles que devotaram seus serviços por própria iniciativa; aqueles que enganaram arrastando aos ignorantes contra sua vontade, deveriam preparar-se para morrer. A mesma sorte estava reservada aos que desprezaram sua Majestade Real com suas mentiras, pelo que eles mesmos podiam convencer-se por seus escritos e livros.

Então apareceram lamentáveis queixas, prantos, súplicas, rogos e humilhações que, não obstante, não sortiram efeito. Fiquei surpreso ao ver que a virgem os suportava com valentia, no entanto nós, cheios de comiseração, não pudemos reter nossas lágrimas; tendo em vista, que muitos nos causavam penas e sofrimentos incontáveis. Em vez de sensibilizar-se disse a seu pajem para procurar os Cavaleiros que estavam junto à balança. Ordenou-lhes apoderarem-se dos prisioneiros e conduzi-los em fila ao jardim, cada soldado ao lado de seu prisioneiro. Observei, surpreso, a facilidade com que cada qual reconheceu o seu. Seguidamente, meus companheiros da noite anterior foram autorizados a sair livremente ao jardim para assistir à execução da sentença.

Quando saíram, a virgem desceu do trono convidando-nos a sentarmos nos degraus para comparecer ao julgamento. Obedecemos rapidamente abandonando tudo na mesa, salvo a taça que a virgem confiou a um pajem. Então, o trono elevou-se por inteiro e avançou tão brandamente que nos pareceu pairar no ar, chegando assim ao jardim onde nos levantamos.

Este jardim não apresentava peculiaridade alguma; não obstante, as árvores estavam distribuídas com certa arte; um delicioso manancial brotava de uma fonte decorada com belas imagens, inscrições e signos estranhos; se Deus o permitir falarei desta fonte no próximo livro.

No jardim erguera-se um anfiteatro de madeira, adornado com admiráveis decorações. Apresentava quatro degraus sobrepostos. O primeiro, de um luxo deslumbrante; encontrava-se

coberto com uma cortina de tafetá branco; não sabíamos se naquele momento havia alguém ali. O segundo estava vazio e descoberto; os dois restantes também, encontravam-se ocultos à nossos olhares por cortinas de tafetá vermelho e azul.

Quando chegamos junto ao edifício, a virgem inclinou-se profundamente; aquilo nos impressionou, pois significava claramente que o Rei e a Rainha estavam perto e saudamos igualmente. Depois, a virgem conduziu-se pelos degraus ocupando o segundo em primeiro lugar, enquanto outros conservavam nossa ordem.

Por causa da maledicência, não posso contar como se comportava comigo, tanto neste lugar como antes na mesa, o imperador ao qual liberei; pois, bem sabia quais torturas e angústias o esperavam na hora do julgamento, embora agora, graças a mim, via-se em tais dignidades.

Naquele momento, a virgem a qual no início, nos trouxe o convite e que depois não tornara a ver, aproximou-se de nós; tocou a trombeta e com vigorosa voz abriu a sessão com as seguintes palavras:

Sua Majestade Real, meu Senhor, desejou de todo coração que todos aqui estivessem presentes, por serem convidados, e viessem com suficientes qualidades, para assistir em bom número, à festa nupcial dada em Sua honra. Mas, havendo-o Deus todo-poderoso disposto de outro modo, Sua Majestade não devia murmurar; a não ser continuar conforme os costumes e usos antigos elogiáveis deste reino, fossem quais fossem seus desejos. Para que Sua natural clemência seja celebrada no mundo inteiro, chegou, com ajuda de seus conselheiros e dos representantes do reino, a dar sensivelmente a sentença habitual. Assim, desejando em primeiro lugar que os senhores e os governantes não somente salvassem a vida, mas, inclusive, devolvesse-lhes a liberdade. Sua Majestade transmite-lhes o amistoso rogo de que se resignem sem ira alguma, não poder assistir à festa em Sua honra; que meditem sobre o fato de que, sem isso, Deus todo-poderoso dar-lhes-ia uma carga que eram incapazes de levar calmamente, com submissão e que, além disso, o Todo-poderoso repartia seus benefícios segundo uma lei incompreensível. Tampouco sua reputação se veria menosprezada pelo fato de serem excluídos de nossa Ordem já que não outorga a todos poder realizar todas as coisas. Além disso, os cortesãos perversos que lhes enganaram, não ficariam impunes.

Por outra parte, Sua Majestade desejava lhes comunicar breve um Catálogo de Hereges e

um *Index Expugatorum* (12) para que depois pudessem discernir, com maior facilidade, o bem do mal. Além disso, como Sua Majestade tinha a intenção de classificar sua biblioteca, sacrificando os escritos falaciosos ao Vulcano, (13) pedia-lhes sua amistosa ajuda a tal feito. Sua Majestade também recomendava-lhes que governassem a seus súditos de modo a reprimir o mau e a impureza. Igualmente, exortava-lhes a resistir os desejos de voltarem, sem consideração para que não fora falsa a desculpa de serem enganados; para que eles mesmos não fossem objeto de brincadeiras e de desprezo por parte de todos. Finalmente, se os soldados pediam-lhes um resgate, Sua Majestade esperava que ninguém pensasse em queixar-se por isso, nem negar-se à redenção, bem como um pendente, ou com qualquer outra coisa que tivessem na mão. Depois, seria desejável que se despedissem amigavelmente de nós e que, acompanhados de nossos melhores desejos, retornassem com os seus.

Os segundos, que não resistiram aos pesos um, três e quatro, não teriam tão fáceis as contas. Mas, para que se beneficiassem deste modo da clemência de Sua Majestade o castigo consistiria em despir-lhes por completo e despedido-los em seguida.

Aqueles que mais rápido não resistiram aos pesos dois e cinco seriam despídos e marcados, com um, dois, ou mais estigmas, conforme fossem mais pesados ou mais rápidos.

Os que foram levantados pelos pesos dois e sete, mas não pelos outros, seriam tratados com menos severidade; assim sucessivamente, para cada uma das combinações ditava-se uma pena específica. Seria muito longo enumerar todas. Os humildes, que por própria vontade renunciaram no dia anterior a passar pela prova, ficariam livres sem nenhum castigo.

Para terminar, quão canalhas não puderam levantar nem um só peso, seriam castigados com a morte, pela espada, a água, a corda, ou pela vara, conforme fossem seus crimes. E a execução da sentença cumprir-se-ia de modo inexorável para castigo dos outros.

Então, a virgem rompeu a fortificação. Depois, a segunda virgem, que lera a sentença, tocou a trombeta e aproximando-se da cortina branca efetuou uma profunda reverência.

Não posso deixar de revelar aqui ao leitor uma particularidade que faz referência ao número de prisioneiros. Os que pesavam um peso eram sete; os que pesavam dois, vinte e um; de três pesos havia trinta e cinco; para os de quatro, trinta e cinco: para cinco, vinte e um e para seis, sete. (14) Mas, para o peso sete só um foi levantado e com esforço; era o que eu tinha

liberado; os que foram levantados com facilidade contavam-se em grande número. Os que deixaram baixar todos os pesos eram menos numerosos.

Foi deste modo como eu os contei e anotei em minhas tabuletas, enquanto apresentavam um vinho. Agora bem, curiosamente, todos os quais deram algum peso encontravam-se em distintas condições. Os que pesavam três pesos eram efetivamente trinta e cinco, alguns pesaram 1, 2, 3, outros 3, 4, 5; o terceiro 5, 6, assim sucessivamente. De modo que, milagrosamente, não havia dois parecidos entre os cento e vinte e seis que deram algum peso. Agradavelmente nomearia à todos, cada um com seu peso, se não o proibissem de momento. Embora, espere que este segredo, junto com sua interpretação, seja revelado muito em breve. Após a leitura da sentença, os senhores da primeira categoria experimentaram grande satisfação, já que, depois de uma prova tão rigorosa, não esperavam um castigo tão leve. Deram mais do que lhes pedia e se redimiram com pendentes, jóias, ouro, prata; enfim, com tudo o que levavam.

Embora os servidores reais proibissem zombar deles, enquanto se foram, alguns não puderam reprimir a risada. Certamente, foi muito divertido ver com que pressa se foram. Alguns, não obstante, pediram que lhes desse o catálogo prometido para poder classificar os livros segundo o desejo de Sua Majestade Real, promessa que lhes tinha reiterado. Na porta se deu a cada um uma taça cheia de licor do esquecimento (15) para que a lembrança daqueles incidentes não atormentasse ninguém. Seguiram depois os que se retrataram antes da prova; deixou-lhes passar sem impedimento algum por sua franqueza e honestidade. Mas, ameaçou-lhes a que nunca voltassem em tão deploráveis condições. Não obstante, se uma revelação mais profunda convidava-os a fazê-lo, seriam, igual aos demais, bem-vindos como hóspedes.

Enquanto isso, os prisioneiros das categorias seguintes foram despedidos. Também com eles se fez distinção segundo os crimes de cada um. Alguns despediram completamente nus sem mais castigo; a outros ataram campainhas e cascavéis; houve alguns, inclusive, que foram expulsos a chicotadas. Em resumo, seus castigos eram muito variados para que possa contá-los todos. Ao fim chegou o turno dos últimos. Sua condenação exigiu mais tempo, pois, segundo os casos, foram ou enforcados, ou decapitados, ou afogados, ou executados de outras maneiras. Durante as execuções não pude conter o pranto, nem tanto por compaixão para os desgraçados, que em justiça mereciam o castigo por seus crimes; mas, porque me comovia a cegueira humana

levando a preocuparmo-nos, antes de tudo, por aquilo que fomos selados depois da primeira queda. Deste modo, foi esvaziando o jardim que momentos antes transbordava de gente, até o ponto de não ficarem mais que os soldados. Depois destes acontecimentos, fez-se silêncio durante cinco minutos.

Então, um formoso unicórnio, branco como a neve e levando um colar de ouro gravado com alguns caracteres, aproximou-se da fonte (16) onde, dobrando as patas dianteiras, ajoelhou-se como querendo honrar ao leão (17) que estava de pé sobre a fonte.

Este leão, que por causa de sua completa imobilidade (18) parecia-me de pedra ou de aço, agarrou imediatamente uma espada nua que sustentava em suas garras e dividiu-a em duas partes; acredito que ambos os fragmentos caíram na fonte. Depois, não deixou de rugir até que uma pomba branca, levando um ramo de oliva no pico (19) aproximou-se dele voando. A pomba deu o ramo ao leão, que a tragou, o que lhe devolveu a calma. Então, o unicórnio retornou a seu lugar com uns quantos saltos alegres.

Um instante depois, a virgem nos fez descer do degrau por uma escada de caracol e nos inclinamos uma vez mais diante dos cortinados. Ordenou-nos que nos vertêssemos água da fonte nas mãos e sobre a cabeça, (20) que voltássemos para nossas filas, após o banho, até que o Rei se retirasse à seus aposentos por um corredor secreto. Conduziu-nos então, do jardim à nossas habitações com grande pompa, ao som dos instrumentos, enquanto falávamos entre nós amigavelmente.

Para nos ajudar a passar o tempo agradavelmente, a virgem ordenou que cada um de nós estivesse acompanhado por um pajem. Estes pajens, ricamente embelezados, eram muito instruídos e discorriam sobre qualquer tema com tal arte, que tínhamos vergonha de nós mesmos. Ordenaram-lhes que nos acompanhassem em uma visita ao castelo, embora só algumas partes, distraíndo-nos, na medida do possível, levando em conta nossos desejos.

Depois, a virgem despediu-se de nós prometendo assistir ao jantar. Celebrariam depois, as cerimônias da Suspensão dos pesos (21), logo, teríamos que ter paciência até o dia seguinte, pois, só de manhã, seríamos apresentados ao Rei.

Quando nos deixou, cada um de nós tratou de ocupar-se segundo suas preferências. Uns admiravam as formosas inscrições, copiavam-nas e meditavam sobre o significado dos estranhos

caracteres; outros se reconfortavam comendo e bebendo. Eu fiz-me conduzir por meu pajem a vários lugares do castelo, alegrando-me pelo resto de minha vida, por dar esse passeio. Pois, mostraram-me, sem mencionar numerosas e notáveis antigüidades, os panteões dos reis, nos quais aprendi mais do que ensinam todos os livros. Neles encontra-se o maravilhoso fênix, sobre o qual publiquei um pequeno tratado faz dois anos. (22) Agora tenho a intenção de publicar tratados especiais, concebidos com o mesmo plano e com um desenvolvimento similar, sobre o leão, o águia, a grafia itálica, o falcão e outros temas!

Ainda compadeço-me por meus companheiros desdenharem tão precioso tesouro; não obstante, tudo inclina-me a pensar que tal foi a vontade de Deus. Tirei mais proveito que eles da companhia de meu pajem, pois, estes conduziam a cada um seguindo suas tendências intelectuais, aos lugares e pelos caminhos que lhes convinham. Agora bem, era a meu pajem a quem creditei as chaves e foi por causa disso que saboreei esta felicidade mais que os outros. E agora, embora os chamasse, figuravam-se que estas tumbas só podiam encontrar-se nos cemitérios e ali sempre teriam tempo de ver se é que valia a pena. Entretanto, estes monumentos, (23) dos que ambos tiramos uma cópia exata, não serão um segredo para nossos discípulos mais avantajados.

Depois nós dois visitamos a admirável biblioteca que estava tal e qual era antes da Reforma. Embora meu coração encha-se de gozo, cada vez que penso nela, não a descreverei, não obstante; além disso, o catálogo aparecerá dentro de pouco. Junto à entrada desta sala encontrava-se um livro enorme como nunca vira outro igual. Continha a reprodução de todas as figuras, salas e portas, assim como os enigmas e inscrições que há em todo o castelo. Embora comece a divulgar estes segredos, detenho-me aqui, pois, não devo dizer nada mais, enquanto o mundo não seja melhor do que é.

Junto a cada livro vi o retrato de seu autor; acreditei entender que muitos destes livros serão queimados, para que entre os homens de bem desapareça inclusive sua lembrança. Ao terminar esta visita, na mesma soleira da porta aproximou-se correndo outro pajem que disse algumas palavras em voz baixa para o meu pajem. Pegou as chaves que este entregou e desapareceu pela escada. Ao ver que o pajem que me acompanhava empalidecia espantosamente, interroguei-o. Tanto insisti que acabou por me informar que Sua Majestade

proibia que ninguém visitasse a biblioteca, nem o panteão e rogou-me que mantivesse estas visitas rigorosamente secretas, de modo a salvar-lhe a vida, posto que nosso passeio por tais lugares já fora negado. Estas palavras estremeceram-me de espanto, mas, ao mesmo tempo, alegraram-me. Guardei o segredo com zelo, além disso, passamos mais de três horas entre as duas salas, ninguém se preocupou com isso.

Soaram as sete, mas não nos chamaram à mesa. Renovadas distrações faziam-nos esquecer a fome e com um regime assim jejuaria com gosto toda a vida. Esperando o jantar nos mostraram as fontes, as minas e várias oficinas, cujo equivalente, não poderíamos fabricar nem com todos nossos conhecimentos reunidos. As salas estavam dispostas em semicírculos em todos os lugares de tal maneira que se podia ver facilmente o precioso Relógio estabelecido no centro sobre uma elevada torre. Tal relógio acomodava-se com a posição dos planetas, reproduzidos nele com uma precisão admirável. Isto mostrou-nos a evidência na qual pecam nossos artistas, mas não me incumbe instruí-los.

Finalmente, cheguei a uma espaçosa sala que já fora visitada por outros; continha um Globo terrestre, cujo diâmetro media trinta pés. Quase a metade da esfera estava sob o chão exceto um corrimão rodeado de escadas. O Globo era mutável e dois homens faziam-no girar comodamente de modo que nunca se podia ver o que ficava sob o Horizonte. Supus que devia servir para algum uso determinado, não chegava a compreender a finalidade de uns anéis de ouro que estavam fixos em qualquer parte sobre a superfície. Meu pajem sorriu e convidou-me a contemplá-los melhor. Por fim descobri que minha pátria estava marcada com um anel de ouro; então meu companheiro procurou a sua e achou um sinal similar; esta constatação verificou-se também com outros que passaram pela prova, o pajem deu-nos a seguinte explicação, assegurando-nos a veracidade da mesma:

Ontem, o velho Atlas (24) - este é o nome do Astrônomo - anunciara a Sua Majestade que todos os pontos de ouro correspondiam com grande exatidão aos países de alguns dos convidados. Tinha visto que eu não tentava a prova embora minha pátria estava marcada por um ponto; então ordenou a um dos capitães que solicitasse que nos pesassem pelo que pudesse ocorrer, sem perigo para nós, e isto porque a pátria de um dentre nós se distinguia por um signo bem visível.

O pajem acrescentou que era o que dispunha de mais poder entre os outros pajens, e que se foi posto a minha disposição era por uma razão especial. Expressei-lhe meu agradecimento e depois examinei com mais atenção minha pátria, comprovando que ao lado do anel também havia belas cintilações. Não é por me vangloriar, nem por presunção que isto relato.

Aquele globo ensinou-me muitas coisas, não obstante, não publico.

Que o leitor tente averiguar por que razão nem todas as cidades têm um Filósofo.

Depois fizeram-nos visitar o interior do Globo, no qual entramos da seguinte maneira: no espaço que representava o mar, que obviamente ocupava uma grande parte, se encontrava uma placa com três dedicatórias e o nome do autor. Esta placa podia levantar-se facilmente e abria a entrada pela qual podíamos penetrar até seu centro, abatendo uma prancha mutável; havia lugar para quatro pessoas. No centro só havia uma prancha redonda, mas quando se chegava a ela podíamos contemplar as estrelas em pleno dia, embora, àquela hora já estava escuro. Pareceu-me que eram puros carbúnculos, (25) que realizavam em ordem seu curso natural, estas estrelas brilhavam com tal beleza, que não podia deixar de contemplar o espetáculo. Mais tarde o pajem contou à virgem que riu de mim por esta razão várias vezes. Chegou a hora do jantar e entretiver-me tanto com o globo que chegara à mesa em último lugar, assim que me apressei, voltei para pôr minha vestimenta - que retirei antes - e dirigi-me para ela. Os servidores acolheram-me com tantas reverências e amostras de respeito que, muito confuso, não atrevia a levantar o olhar. Sem me dar conta passei desta maneira ao lado da virgem que me esperava; em seguida viu minha confusão, pegou-me pela roupa e deste modo conduziu-me à mesa.

Peço desculpas por não falar agora da música e de outras maravilhas, mas não somente me faltam palavras para as descrever do modo mais conveniente, assim como não saberia acrescentar nada aos louvores que já fiz delas anteriormente: em resumo, ali não havia mais que o produto da mais excelsa arte. Durante o jantar contamos nossas ocupações da tarde, embora calei a visita à biblioteca e aos monumentos. Quando o vinho nos fez mais comunicativos, a virgem tomou a palavra e disse:

"Prezados senhores: neste momento estou em desacordo com minha irmã. Temos uma águia em nosso apartamento e cada uma das duas queria ser sua preferida. Discutimos freqüentemente a respeito. Para concluir o assunto, decidimos, finalmente, mostrar-nos as duas

juntas e lembrar-nos que pertenceria àquela que testemunhasse maior amabilidade. Quando acordamos o projeto levava, conforme é costume, um ramo de louro nas mãos, enquanto que minha irmã não o levava. Ao ver-nos, a águia estendeu à minha irmã o ramo que sujeitava com o pico e em troca, pediu-me o meu, que eu lhe dava. As duas deduzimos que cada uma era a preferida. O que opinam de isto?"

Pergunta que, por modéstia, fez-nos a virgem, aguçou nossa curiosidade e a todos agradasse achar a resposta. Mas, os olhares dirigiram-se a mim e pediram-me que seria o primeiro a manifestar opinião. Turvei-me de tal modo que não pude responder a não ser expondo a mesma questão de um modo diferente e pingente:

"Senhora: só uma dificuldade se opõe à solução à pergunta que, sem ela, teria uma fácil resposta. Eu tinha dois companheiros muito apegados a mim, mas como ignoravam a qual deles outorgava minha preferência decidiram chegar-se a mim correndo convencidos de que aquele a quem eu acolhesse antes, seria meu predileto. Entretanto, como um não podia seguir o outro, ficou atrasado e chorou; o que chegou primeiro o acolhi com surpresa. Quando me explicaram a finalidade da correria não pude me decidir a dar solução a seu problema e tive que adiar minha decisão até que eu mesmo tivesse claros os meus sentimentos."

A virgem se mostrou surpresa ante minha resposta. Compreendeu muito bem o que queria dizer e respondeu: "Vá!.. estamos em paz".

Depois pediu o parecer dos outros. Minha história instruíram-os e o que seguiu falou assim:

"Não faz muito foi condenada a morte em minha cidade uma virgem: mas como o Juiz teve piedade dela, proclamou que quem queria entrar em campo de batalha por defendê-la provando sua inocência mediante um combate, seria admitido à prova. A virgem tinha dois pretendentes, um dos quais se armou imediatamente e se apresentou no palanque esperando seu competidor. Pouco depois entrou o outro, mas como chegou tarde tomou a partida de combater e deixar-se vencer para que a virgem salvasse a vida. Quando o combate acabou, ambos reclamaram a virgem. Digam-me agora, senhores: a quem a outorgam?"

A virgem não pôde deixar de dizer: "Acreditava que lhes ensinava e agarraram-me em minha própria armadilha; não obstante, desejaria saber se ainda outros tomarão a palavra".

"Em efeito - respondeu um terceiro -. Nunca me contaram aventura mais surpreendente

que a que me ocorreu. Em minha juventude amava a uma jovem honrada e, para que meu amo pudesse obter sua finalidade, tive que me servir da ajuda de uma anciã graças a qual por fim alcancei meu objetivo. Mas, ocorreu que os irmãos da jovem nos surpreenderam quando estávamos os três reunidos. Encolerizaram-se de forma tão violenta que quiseram me matar. Finalmente, à força de rogos, fizeram-me jurar que tomaria ambas, alternativamente, como mulheres legítimas, cada uma por um ano. E digam-me, senhores, por qual deveria começar, pela jovem ou pela velha?"

Este enigma provocou-nos hilariantes por um bom momento e, embora alguns cochichavam, ninguém quis pronunciar-se.

Continuando, o quarto começou do seguinte modo:

"Em uma cidade vivia uma honesta dama da nobreza, querida por todos e em especial por um jovem gentil-homem. Como este se fazia muito insistente, acreditou desembaraçar-se dele prometendo conceder seus desejos se a levava em pleno inverno a um jardim exuberante de verdor e cheio de roseiras florescidas, ordenando-lhe que não aparecesse mais diante dela até o dia que conviesse. O gentil-homem percorreu o mundo procurando um homem capaz de realizar semelhante milagre. Por fim encontrou um ancião que prometeu fazê-lo em troca da metade de sua fortuna. Chegados a um acordo neste ponto, o ancião cumpriu o prometido e o galã convidou à dama a ir a seu jardim. Contra suas esperanças, a dama achou-o todo cheio de verdor, ameno, com uma temperatura agradável e recordou sua promessa, embora não expressou mais que um desejo: que lhe permitisse voltar uma só vez com seu marido. Quando se reuniu com este, confiou-lhe suas penas, chorando e suspirando. O senhor, muito tranqüilo sobre a fidelidade dos sentimentos de sua esposa, a enviou a seu amante estimando que, a semelhante preço, ganhou-a. O gentil-homem, comovido ante tal retidão e temeroso de pecar se tomava esposa tão honesta, devolveu-a com todas as honras a seu senhor. Mas, quando o ancião soube da probidade de ambos, decidiu, até sendo pobre como era, devolver todos os bens ao gentil-homem. Assim, prezados senhores, eu ignoro qual é a mais honesta destas pessoas." Calamos todos e a virgem, sem responder nada, pediu que seguisse algum outro.

O quinto continuou assim:

"Prezados senhores, não farei grandes discursos. Quem é mais ditoso, que contempla o

objeto que ama, ou o que não deixa de pensar nele?"

"Que o contempla", disse a virgem.

"Não", repliquei.

E iniciar-se-ia uma discussão quando um sexto interveio:

"Prezados senhores, tenho que contrair um enlace. Posso escolher entre uma jovem, uma casada e uma viúva. Ajudem-me a escolher e ajudar-lhes-ei resolver a questão anterior."

O sétimo respondeu:

"Quando a coisa se pode escolher é aceitável, mas meu caso foi distinto. Em minha juventude amava uma formosa e honrada jovem com todo meu coração e ela correspondia-me. Não obstante isto, não podíamos nos unir por causa dos obstáculos interpostos por seus amigos. Foi dada em matrimônio a outro homem, que era igualmente reto e honrado. Rodeou-a de carinho até que no dia do parto ela caiu em um desvanecimento tão profundo que todos acreditaram morta e a enterraram entre a aflição geral. Pensei que depois de sua morte poderia abraçar esta mulher que não fora minha em vida; e com a ajuda de minha servente a desenterrei ao entardecer. Quando abri o ataúde e a estreitei em meus braços, dava-me conta de que seu coração palpitava, embora fracamente, mas cada vez com mais força à medida que eu a esquentava. Quando estive seguro de que vivia a levei escondida à minha casa, reanimei seu corpo com um delicioso banho de ervas e a confiei aos cuidados de minha mãe. Deu a luz um formoso menino ao que cuidei com tanta diligência como pudesse fazê-lo uma mãe. Dois dias depois, com grande surpresa por sua parte, contei-lhe o que ocorrera e lhe pedi que em diante ficasse em minha casa como se fora minha esposa.

"Causou pena, declarou que seu marido sempre a amara fielmente, que devia de estar muito pesaroso, mas que pelo ocorrido, o amor a entregava tanto a um como a outro. Ao retornar de uma curta viagem convidei seu marido e perguntei-lhe se acolheria bem a seu defunto mulher se ela aparecesse. Quando me respondeu de modo afirmativo chorando com amargura a tragédia de sua esposa e filho, contei-lhe tudo o que ocorrera e pedi que ratificasse com seu consentimento minha união com ela. Depois de longa discussão teve que renunciar a discutir meus direitos sobre a mulher e a seguir reclamar pelo menino."

Neste ponto interveio a virgem do modo seguinte:

"Surpreende-me saber que tenham podido aumentar a dor desse homem."

"Como! - respondeu aquele - Não estava em meu direito?"

Começou uma discussão entre nós; a maior parte concordava que tinha feito bem.

"Não disse -, devolvi-lhe ambos, sua mulher e seu filho. Digam-me agora, senhores, foi maior a retidão de minha ação ou a alegria do marido?"

Estas palavras agradaram tanto a virgem que circulou a taça em honra de ambos.

Os outros enigmas propostos a seguir eram tão embrulhados que não pude retê-los todos, embora ainda recordo a seguinte história contada por um de meus companheiros:

Anos atrás um médico comprara madeira com a qual se esquentou durante o inverno, mas quando chegou a primavera revendeu a mesma madeira, dizendo que a comprara e não usara.

"Sem dúvida, isso se faz por arte - disse a virgem -, mas o tempo passa e chegamos ao final do jantar."

"Assim é - respondeu meu companheiro -, e o que não encontre solução à estas colocações que a pergunte a cada qual; não acredito que a neguem." recitou-se a ação de graça e todos nos levantamos da mesa, mas bem alegres e satisfeitos com os alimentos ingeridos. E desejamos com ardor que todos os banquetes e festins terminassem do mesmo modo.

Quando passeamos um pouco pela sala, a virgem nos perguntou se desejávamos assistir ao início das bodas. Um de nós respondeu: *"OH, sim, virgem nobre e virtuosa"*.

Então, enquanto conversava com outros, despachou a um pajem em segredo. Mostrava-se tão afável com todos nós que ousei lhe perguntar seu nome. A virgem não se incomodou, absolutamente, com meu atrevimento e respondeu com um sorriso:

"Meu nome contém cinqüenta e cinco, entretanto, só tem oito letras; a terceira é o terço da quinta; se a adicionarmos à sexta, forma um número cuja raiz excede à primeira letra em uma quantidade maior que a terceira letra e que é a metade da quarta. A quinta e a sétima são iguais. A última é deste modo igual à primeira e as duas, junto com a segunda, somam tanto como a sexta que, por sua vez, tem quatro mais do que tem a terceira três vezes. E agora, senhores, qual é meu nome?" (26) O problema me pareceu assaz difícil de resolver, mas não me intimidei e perguntei:

"Nobre e virtuosa virgem, não poderia conhecer embora só fosse uma das letras?"

"Evidentemente - disse - é possível."

"Quanto tem a sétima?", perguntei.

"Tanto quanto senhores há na sala", respondeu.

Esta resposta foi suficiente e encontrei facilmente seu nome. A virgem se mostrou muito contente por isso e nos anunciou que nos seriam reveladas muitas mais do que de costume.

Mas, então vimos aparecer várias virgens magnificamente embelezadas, que foram precedidas por dois pajens que iluminavam seu caminho. O primeiro destes pajens tinha uma cara alegre, olhos claros e formas harmoniosas; o aspecto do segundo era de irritação e, como depois observei, todos seus desejos tinham que se cumprir. Em primeiro lugar, seguiam-nos quatro virgens. A primeira baixava com castidade os olhos e seus gestos revelavam uma profunda humildade; a segunda virgem era casta e pudica. A terceira se sobressaltou ao entrar na sala. Mais tarde soube que não podia permanecer onde houvesse muita alegria. A quarta nos trouxe umas flores, símbolo de seus sentimentos de amor e abandono.

A seguir foram outras duas virgens embelezadas com maior riqueza, que nos saudaram. A primeira luzia um traje azul forrado de estrelas douradas; a segunda levava um vestido verde com raias vermelhas e brancas; ambas levavam em seus cabelos cintas que flutuavam ao ar, que sentavam às mil maravilhas.

A sétima virgem ia sozinha. Luzia uma pequena coroa e seus olhares se dirigiam com mais freqüência ao céu que à terra. Acreditamos que era a noiva, no que erramos muito, embora sua nobreza era grande tanto pela reputação como pela riqueza e sua linhagem. Foi ela quem em muitas ocasiões ordenou o desenvolvimento das bodas. Imitamos a nossa virgem e nos ajoelhamos ao pé desta rainha, em que pese, a que se mostrava humilde e piedosa. Estendeu a mão a todos, ao mesmo tempo, dizia-nos para não sentirmos muita saudades por este favor que não era mais que o menor de seus dons. Exortou-nos a elevar nossos olhos ao Criador, a reconhecer sua onipotência, assim acontecia; a perseverar no caminho que empreendêramos e a empregar estes dons para glória de Deus e o bem dos homens. Estas palavras, tão distintas das de nossa virgem, mais mundanas, chegaram-me diretamente ao coração. Depois, dirigiu-se para mim dizendo: *"Você recebeu mais que os outros, tenta, pois, dar mais"*.

Ficamos todos um pouco surpresos ao escutar estas palavras, pois quando vimos as

virgens acreditamos que íamos dançar.

Os pesos dos quais falei anteriormente, estavam ainda no mesmo lugar. A rainha - ignoro quem era - convidou a cada uma das virgens que pegasse um; depois deu o seu à última; e o mais pesado, à nossa virgem; indicando-nos que nos colocássemos atrás. Desta forma foi como nossa majestosa glória se viu um pouco rebaixada. Facilmente adverti que nossa virgem era muito boa conosco e que não inspirávamos tão alta estima como começamos a acreditar. Assim, seguimo-a em fila e conduziu a uma primeira sala. Nela nossa virgem pendurou primeiro o peso da rainha, enquanto cantava uma formosa canção. Não havia na sala nada especial, salvo alguns belos livros de orações, fora de nosso alcance. No centro, um genuflexório no qual se ajoelhou a virgem e nós fizemos o mesmo em seu redor ao mesmo tempo que repetíamos a oração que ela lia em um dos livros. Pedimos com ardor que estas bodas se realizassem para glória de Deus e para nosso bem.

Depois chegamos à segunda sala onde a primeira virgem pendurou a sua vez o peso que levava, e assim seguimos até que se cumpriram todas as cerimônias. Então a rainha estendeu de novo a mão a cada um de nós e retirou-se acompanhada das outras virgens.

Nosso presidente ainda permaneceu uns instantes conosco, mas como eram quase duas da madrugada não quis nos reter mais tempo, embora me pareceu observar que lhe agradava nossa companhia. Desejou-nos boa noite, dizendo que dormíssemos tranqüilamente e deste modo se separou de nós, amigavelmente, quase a contra gosto.

Nossos pajens receberam instruções; levando-nos às nossas respectivas habitações, deitando-se em um segundo leito instalado no mesmo aposento, se por acaso necessitássemos de seus serviços. Ignoro como estavam dispostas as de meus companheiros, mas minha habitação se encontrava toda guarnecida com tapeçaria, maravilhosos quadros, e mobiliada corretamente. Embora tudo isso preferia a companhia do pajem, tão eloqüente e versado nas artes, que lhe escutei com gosto durante uma hora ainda, antes de dormir às três e meia. Foi minha primeira noite aprazível, em que pese, na qual um angustiante sonho me impediu desfrutar do repouso inteiramente a meu gosto, pois durante toda noite sonhei que me obstinava em abrir uma porta que não cedia, até que finalmente consegui abri-la. Esta fantasia turvou meu descanso até que por fim o dia despertou.

NOTA À TERCEIRA JORNADA

1- Quintiliano, em seu tratado da Música fala desta música "deliciosa, admirável, como não ouvira nunca em sua vida" Christian Rosacruz.

2- Como todas as plantas que permanecem verdes no inverno, o louro associa-se à idéia da imortalidade. Para os romanos era o emblema da glória. Consagrado ao deus Apolo, utilizavam-se coroas de louro para coroar aos heróis. A "Coroa de Glória" tem, entretanto, na Tradição Hebraica, um significado mais sagrado corresponde à Kether dos kabalistas, que está relacionada com uma passagem do Livro dos Provérbios (ver Prov. 1-9 e 9).

3- Para o poeta latino Prudêncio, os sete pesos são o símbolo das sete virtudes. Que uma virtude não pese em nós, quer dizer que carecemos dela, por isso, necessariamente, temos o vício que lhe opõe.

4- Os Artistas são, já o vimos, os alquimistas. É, ridículo pretender ser alquimista sem gozar da bênção divina, sem ser "eleito".

5- O vermelho é a cor da vida e da encarnação; o veludo evoca um tipo de pele ou terceiro cabelo que, depois da pele e do cabelo que conhecemos, pode revestir o homem. Trata-se do "vestido de glória" de que falam o *Livro de Henoch* (LXII-15 e 16) e o *Canto da Pérola*.

6- Pedra panacéia, *Lapis Spitalauficus* é a falsa pedra filosofal que pretendiam fazer e vender os "Sopradores de Carvões"; prometiam-na a ingênuos aos quais enganavam em troca de grandes somas de dinheiro.

7- Número sagrado dos Templários, recordemos que a torre templária tinha oito lados, o oito possui um simbolismo apaixonante, expressa o que está além dos sete planetas, o que transcende o determinismo astral. Se no Antigo Testamento vemos que o sete aparece constantemente, no Novo o número chave é o oito, que anuncia a beatitude do *sæculum venturum*, do mundo que vem. Essa é a razão pela qual entre os gnósticos o oito simbolizava a ressurreição.

8- Alusão ao célebre *Vellocoino de Ouro* da história dos *Argonautas*. Em outro lugar assinalamos o sentido profundamente alquímico do *Vellocoino ou Tosão de Ouro* (ver *A Entrada Aberta...* op, cit., pág. 31). Ver também o Apêndice que aparece ao final desta edição das "*Bodas Alquímicas*".

9- O leão, através do signo astrológico de Leão, evoca a fixidez. O leão voador indica que o que

era fixo foi feito volátil; é um termo bastante usual entre os alquimistas, que o identificavam ao dissolvente universal da Natureza.

10- Ver I Coríntios X-32.

11- Esta passagem concorda perfeitamente com o décimo segundo capítulo da "*Confissão*". Ver Apêndice.

12- Já antes do século IV as autoridades eclesiásticas condenaram as obras consideradas heréticas e proibiram sua leitura. O chamado *canon Muratori*, que data de finais do século II ou princípio do III, além da contagem dos livros sagrados, propõe uma lista dos livros heréticos proibidos aos fiéis. A invenção da imprensa e a Contra-reforma só acentuaram e desenvolveram estas medidas. Em 1571, pouco depois do Concílio de Trento, foi criada a Congregação do índice, com o fim de censurar corrigir as obras suspeitas. O Código de Direito Canônico proíbe a leitura de versões da Escritura não passadas, livros que fomentem a irreligiosidade ou as heresias, livros contrários aos bons costumes, livros anti-católicos, livros editados sem autorização eclesiástica, livros de erotismo, etc.

O índice Expurgatório, resultado destas medidas, era um catálogo de livros cuja publicação e venda estavam proibidas provisoriamente, até que fossem corrigidos. Expurgatório, de purgar, purgar, limpar, indica que estes livros não vão ser proibidos, mas sim algumas passagens, cláusulas ou palavras vão ser apagados, limpos ou censurados.

13- Filho de Júpiter ou Juno. Vulcano era o Deus dos ferreiros, e simbolizava, para os alquimistas o Fogo dos Filósofos. Entretanto, é bastante usual dizer Vulcano em vez de fogo.

14- Aqui e ss. expõem-se o binômio de Newton e as bases do cálculo binário.

15- Trata-se da água do Leteo, o rio do esquecimento, rio dos infernos, cuja água tinham que beber os mortos esquecendo-se de todo o passado.

16- O Unicórnio, como o leão, é um dos símbolos de Mercúrio. Em francês, Unicórnio se chama *Licorne*, palavra formada por *lion*, leão e *corne*, corno.

Segundo o Talmud (Zebahim, 113 b), o Unicórnio se salvou do Dilúvio apesar de não poder entrar na Arca, por causa de seu grande tamanho, graças a seu corno, com o que fixou-se nesta. Dentro do simbolismo cristão, o Unicórnio e o leão são símbolos de Cristo.

17- Na astrologia, Leão é um signo fixo e de fogo; por isso o leão se associou sempre ao fogo, ao

Sol. Como o Unicórnio, o Leão indicava entre os alquimistas um dos dois aspectos de Mercúrio dos Sábios.

18- Aqui confirma-se que o Leão simboliza o fixo, daí "imobilidade completa". Observemos que nesta passagem relaciona-lhe com a espada, símbolo alquímico do fixador.

19- Ver Gênese VIII-11.

20-Trata-se de uma alegoria ao batismo pela água, assim como às abluções purificadoras dos Mistérios ou ao dissolvente hermético.

21- O autor refere-se aqui à última cena deste terceiro dia.

22- Não se conhece nenhuma obra de Andreae consagrada especialmente à ave Fênix; entretanto. Outro rosacruz, Miguel Maier, publicou em 1622 umas *Cantilenæ Spirituales de Phoenice Redivivo* (Canções intelectuais a respeito da ressurreição do Fênix). De grande beleza e interesse. É, possível que existam edições anteriores desta obra que, como era costume, circulou longo tempo em forma de manuscrito antes de publicar-se.

23- Os Filósofos Herméticos utilizaram freqüentemente o termo "*tumba*" para alegorizar a putrefação da matéria da obra. São correntes em seus livros expressões como "agarra terra da tumba" ou "pôr nosso Rei, em sua tumba". Para outros, a tumba ou o sepulcro são o símbolo do corpo hermético. Por outra parte, misticamente falando, a tumba é um símbolo da memória profunda.

24-Referimo-nos já ao Atlas na nota 18 da segunda Jornada. Vemos que aqui lhe relaciona com o Globo terrestre e a cartografia. O simbolismo do Globo terrestre é muito misterioso e resulta curioso e significativo observar que quase todas as virgens negras têm em sua mão um destes globos. Não podendo dizer aqui mais que Christian Rosacruz, aconselhamos ao leitor que medite este parágrafo. A visita ao interior do Globo ilustra o conhecido adágio hermético que diz: "Visita o interior da terra, retificando achará a pedra oculta medicina universal" (*Visita interiore teerrum retificando invenies occultum lapidem universalem medicinam*): V.I.T.R.I.O.L.U.M.

25- O carbúnculo, que na Idade Média recebia o nome de "granada nobre", era uma pedra imaginária, de grande luminosidade, "capaz de iluminar uma habitação".

26- Devemos a solução deste enigma nada menos que ao Leibniz, que também foi rosacruz (ver *A Entrada Aberta...* op. cit., pág. 11, nota 6). Colocando o valor numérico das letras (A= 1, C=3,

L=12, etcétera), este autor descobriu que se tratava de *A.L.C.H.I.M.I.A.*

QUARTA JORNADA

Ainda descansava na cama contemplando tranqüilamente os quadros e as admiráveis estátuas quando, de repente, escutei os acordes da música e o repico do triângulo; dir-se-ia que a procissão já estava em marcha. Meu pajem saltou do leito como um louco, com o rosto tão alterado que mais parecia morto que vivo.

Foi muita minha angústia quando me informou que naquele momento meus companheiros seriam apresentados ao Rei. Enquanto vestia-me com presteza amaldiçoei minha preguiça e chorei muito. Meu pajem preparou-se antes de mim e saiu correndo da habitação para ver como andava a coisa. Voltou imediatamente com a feliz notícia de que nada se perdera, só faltara ao café da manhã, não queria despertar devido a minha avançada idade; mas, já era o momento de seguir à fonte na qual se reunia a maior parte de meus companheiros. Esta notícia aplacou minha angústia, terminei de me vestir e segui o pajem até à fonte. Depois das devidas saudações, a virgem zombou de minha preguiça e conduziu-me à fonte pegando minha mão. Comprovei que o leão tinha uma grande laje gravada em vez da espada. Observei atentamente. Descobri que fora tirada dentre os monumentos antigos e colocada ali, expressamente, para aquela ocasião. A gravação parecia um pouco borrada por causa de sua antigüidade. Reproduzo-a para que cada qual possa meditar sobre ela.

HERMES (1) PRINCEPS, POST TOT ILLATA GENERI HUMANO DAMNA,

DO CONSILIO:

ARTISTIQUE ADMINICULO, MEDECINA SALUBRIS FACTOS;

HEIC FLUO.

BIBAT EX ME QUI POTEST;

LAVET QUI VULT;

BIBITE FATRES,

ET VIVITE. (2).

Esta inscrição era fácil de ler e de entender; colocaram-na ali porque era mais fácil de decifrar que qualquer outra.

Após lavarmo-nos em primeiro lugar nesta fonte, bebemos em uma taça de ouro. (3) Depois, voltamos com a virgem à sala para colocarmos novas vestimentas. Estas vestimentas

mostravam adornos dourados e bordados de flores, e além disso, cada um recebeu outro Vellocoino guarnecido com brilhantes. Todos estes Vellocoinos difundiam influxos segundo seu poder de operação particular. Neles pendurava uma pesada medalha de ouro em cuja face se viam o Sol e a Lua enfrentados. (4) No reverso tinha escritas estas palavras: "O resplendor da Lua igualará ao resplendor do Sol, e o resplendor do Sol se fará sete vezes mais brilhante". Nossos anteriores adornos foram depositados em caixas e confiados a cada um de nossos servidores. Depois, nossa virgem fez-nos sair em ordem.

Na porta esperavam-nos os músicos vestidos com veludo vermelho debruado de branco. A seguir abriu-se outra porta, que antes sempre vira fechada, dando à escada do Rei.

A virgem fez-nos entrar com os músicos; subimos trezentos e sessenta e cinco degraus. Nesta escada tinha reunidos muito belos trabalhos artísticos e quanto mais ascendíamos mais admiráveis eram: por fim, chegamos numa sala repleta de pinturas.

Ali aguardavam sessenta virgens, todas vestidas com opulência; inclinaram-se quando nos aproximamos e lhes devolvemos a saudação o melhor que soubemos; logo foram despedidos os músicos que tiveram que voltar a descer pela escada. Ao soar uma campainha apareceu uma formosa virgem que deu a cada um uma coroa de louro; à nossa virgem entregou-lhe um ramo. Depois elevou-se uma cortina e vi o Rei e a Rainha.

Quanto esplendor e majestade!

Se não recordasse os sábios conselhos da rainha de ontem, compararia, transbordando entusiasmo, esta inenarrável glória com o céu. Certo é que a sala resplandecia de ouro e pedrarias, mas o Rei e a Rainha eram de tal maneira, que meus olhos não podiam agüentar seu brilho. Até aquele dia admirara muitas coisas belas, mas agora as maravilhas se ultrapassavam umas a outras como umas a outras se ultrapassavam no céu as estrelas.

Ao aproximarem-se as virgens, cada companheira tomou um de nós pela mão e apresentou-nos ao Rei com uma profunda reverência; depois, a virgem falou nestes termos:

"Em honra de Suas Reais Majestades, Graciosíssimos Rei e Rainha, os senhores presentes confrontaram a morte (5) para chegar até aqui. Suas Majestades alegrar-se-ão disto com razão, pois a maior parte estão qualificados para engrandecer o reino e os domínios de Suas Majestades, com a humilde súplica de que minha missão se considere terminada e de que se

conheça de como cumpri interrogando a cada um".

Depois, depositou seu ramo de louro.

Naquele instante seria conveniente, que alguém dentre nós, dissesse algo.

Mas, como estávamos muito emocionados para falar, foi o velho Atlas quem adiantou-se e disse em nome do Rei:

"Sua Majestade Real alegra-se com a chegada de todos e concede-lhes sua graça real a todos juntos e igualmente a cada um em particular. Está muito satisfeito do cumprimento da sua missão, querida virgem, e o Rei reserva um dom à você. Sua Majestade pensa, não obstante, que ainda deveria guiá-los hoje, pois não podem deixar de ter uma grande confiança em você."

A virgem recolheu com humildade seu ramo de louro e retiramo-nos, pela primeira vez, acompanhados por nossas virgens.

A sala adiante era retangular, cinco vezes mais larga do que longa, (6) mas, no outro extremo, tinha a forma de um semi-círculo e seguindo a circunferência do círculo estavam dispostos três formosos tronos; o central era um pouco mais alto. O primeiro trono estava ocupado por um ancião rei de barba cinza, a esposa ao contrário, era muito jovem e admiravelmente formosa. (7) Um rei negro em plena maturidade ocupava o terceiro trono, e a seu lado via-se uma velha mãe, velada e sem coroa.

O trono central estava ocupado por dois adolescentes coroados com louro e por cima de ambos tinha suspensa uma enorme e formosa diadema. Naquele momento não eram tão belos como imaginava, mas não sem razão.

Vários homens, a maior parte anciões, estavam colocados atrás deles em um banco circular. O que surpreendia era que ninguém levava espada, nem arma alguma.(8) Além disso, tampouco vi guardas, somente determinadas virgens as mesmas que nos acompanharam no dia anterior, que se colocaram ao longo dos dois bancos que estavam em semi-círculo.

Não posso omitir que o pequeno Cupido (9) revoava por ali. A grande coroa o atraía de uma forma particular e podia ver-se dando voltas preferencialmente ao seu redor. Às vezes, colocava-se entre os dois amantes acenando seu arco e sorrindo; inclusive fazia o gesto de nos apontar com seu arco. Enfim, era tão malicioso este pequeno deus que não deixava tranqüilos nem aos pássaros que, em grande número, revoavam pela sala. Era a alegria e a distração das

virgens e quando o pegavam, custava-lhe grande esforço escapar. De modo que todo o regozijo e deleite vinham por este menino. Diante da Rainha havia um altar de pequenas dimensões, mas de uma beleza incomensurável; sobre ele havia um livro coberto com veludo negro, (10) realçado só com alguns singelos adornos de ouro. Ao lado do livro uma luz num castiçal de marfim. Mesmo pequena, esta luz ardia sempre sem apagar-se, com uma chama tão imóvel. Supúnhamos não ser fogo, só víamos quando o peralta Cupido soprava em cima da chama de vez em quando. Junto deste castiçal havia uma esfera celeste que girava ao redor de um eixo, depois um pequeno relógio musical, junto a uma pequena fonte de cristal da qual emanava um jorro contínuo de limpa água, de cor vermelha sangue. Ao lado, uma caveira, (11) refúgio de uma serpente branca de tal longitude que, apesar de que rodeava outros objetos, tinha a cabeça em um olho e a cauda no outro. De modo que nunca saía inteiramente da caveira. Mas, quando o Cupido vinha beliscá-la, entrava com uma velocidade enorme.

Além deste pequeno altar, observavam-se em qualquer parte na sala, maravilhosas imagens que se moviam como se estivessem vivas, com uma fantasia tão surpreendente que me é impossível descrever. Quando saíamos, elevou-se na sala um canto de tal suavidade que não saberia dizer se brotava do coração das virgens que ali estavam, ou das mesmas imagens.

Sáimos da sala com as virgens, satisfeitos e contentes pelo recebimento. Os músicos esperavam-nos no patamar e descemos em sua companhia; por trás de nós fecharam a porta cuidadosamente e colocaram os ferrolhos. Quando retornamos à sala, uma das virgens exclamou:

"Irmã minha, estou admirada por se atrever a mesclar-se com tanta gente".

"Querida irmã - respondeu a presidente -, este dá mais medo como nenhum outro".

E apontou-me enquanto dizia. Estas palavras causaram-me pena pois compreendi que zombavam de minha avançada idade, pois com efeito, eu era o mais velho. Mas, não demorou para me consolar com a promessa de me desembaraçar desta condição continuar gozando a seu favor. (12) Serviram-nos a comida e cada um tomou assento ao lado de uma das virgens, cuja instrutiva conversação absorveu nossa atenção. Porém, não me é dado revelar os temas de seus bate-papos nem de seus recreios. As perguntas da maioria de meus companheiros versavam sobre as artes, e disso deduzi que a preocupação primitiva de todos, tanto anciões como jovens, era a arte. Entretanto, eu estava obcecado pelo pensamento de voltar a ser jovem e causava pena

isso. A virgem o compreendeu claramente e disse:

"Sei bem o que falta a este jovem. Quem aposta que amanhã estará mais contente, se me deitar com ele esta noite?"

Estas palavras provocaram uma gargalhada geral, embora minha cara se cobriu de rubor, tive que me unir às risadas provocadas por meu infortúnio. Todavia, um de meus companheiros encarregou-se de vingar esta afronta, dizendo:

"Espero que não só os convidados, mas também as virgens que nos acompanham, não neguem em testar tal favor à nosso irmão e certifiquem-se que nossa presidente prometeu de modo formal compartilhar sua cama esta noite."

Esta resposta satisfez-me grandiosamente, entretanto, a virgem replicou:

"Sim, mas aqui também estão minhas irmãs, e nunca permitiriam-me guardar o mais belo, sem seu consentimento."

"Querida irmã - mediu uma delas -, estamos muito satisfeitas ao comprovar que suas altas funções não lhe tornaram altiva. Com sua permissão queríamos jogar na sorte os senhores que aqui há para reparti-los entre nós como companheiros de cama; mas terá, com nosso consentimento, a prerrogativa de guardar o teu".

Seguimos a conversação deixando de brincar sobre este tema.

Todavia, nossa virgem não quis nos deixar tranquilos e insistiu:

"Meus senhores, deixemos à sorte o cuidado de escolher os que dormirão juntos hoje?"

"Bem, disse -, senão houver outro remédio, não podemos rechaçar esta oferta".

Achamos mais conveniente fazer a experiência imediatamente depois da comida, e ninguém querendo atrasar-se por mais tempo, levantamo-nos dispostos da mesa, sendo imitados por nossas virgens. Porém, a presidente nos disse:

"Não, ainda não chegou o momento. Vejamos, não obstante, como nos unirá a sorte."

Abandonamos nossas companheiras para discutir a maneira de realizar tal projeto, mas foi inútil porque as virgens nos separaram delas *ex-professo*. Em seguida, a presidente nos propôs colocarmo-nos em círculo, sem ordem certa; contaríamos-nos, começando por ela mesma, e o sétimo deveria unir-se com o sétimo seguinte, fosse quem fosse. Não suspeitamos nenhuma armadilha, porém as virgens eram tão espertas que ocuparam locais determinados, enquanto nós

estávamos misturados ao azar. A virgem começou a contar; depois dela a sétima pessoa foi uma virgem, em terceiro lugar outra virgem, e assim seguiu a coisa até que, com grande admiração de nossa parte, saíram todas as virgens sem que nenhum de nós pudesse deixar o círculo. Ficamos, pois, sozinhos, expostos às risadas das virgens e tivemos que admitir que nos enganaram de forma muito hábil. Com segurança, qualquer um que nos visse na ordem em que estávamos, apostaria que desabaria o céu, se não fôssemos eliminados. Assim terminou o jogo, e deixamos as virgens zombarem por nossa conta. Entretanto, o pequeno Cupido veio unir-se a nós de parte de Sua Majestade Real, cuja ordem circulou entre nós uma taça; pediu a nossa virgem que se apresentasse ao Rei e declarou logo que não podia ficar entre nós mais tempo para distrairmos. Como a alegria é contagiosa, meus companheiros organizaram em seguida um baile, com a aprovação das virgens. Preferi ficar à parte e tive o grato prazer de olhá-los, pois vendo meus mercurialistas mover-se com tanta cadência, tomar-lhes-ia por professores consumados nesta arte.

Logo retornou nossa presidente e nos anunciou que os artistas e os estudantes puseram-se a disposição de Sua Majestade Real para representar, antes de que se partisse, uma alegre comédia em Sua honra e recreação; seria do agrado de Sua Majestade Real e estaria graciosamente reconhecida se assistíamos à representação e acompanhávamos a Sua Majestade à Casa Solar.⁽¹³⁾ Agradecendo respeitosamente a honra que nos conferia, oferecemos humildemente nossos serviços, não só neste caso como em qualquer circunstância. A virgem transladou esta resposta e retornou com a ordem de que nos colocássemos no caminho de Sua Majestade Real. Levaram-nos e não tivemos que esperar a procissão real pois já se encontrava ali, embora sem os músicos.

À frente do cortejo avançava a desconhecida Rainha que esteve ontem entre nós, levando uma preciosa coroa pequena, forrada de cetim branco; só tinha uma minúscula cruz feita com uma pérola que seria colocada hoje mesmo entre o jovem Rei e sua prometida. Seguiam a rainha as seis virgens nomeadas antes que avançavam em duas filas levando as jóias reais que vimos expostas sobre o pequeno altar. Depois vinham os três reis, com o noivo no meio. Iam mal vestidos, de cetim negro à moda italiana, usavam um pequeno chapéu "redondo e negro" adornado com uma pluma negra e bicuda. Para mostrar-nos sua benevolência tiraram o chapéu

amigavelmente ante nós, que, como antes, inclinamo-nos. Os três reis foram seguidos por três rainhas duas das quais foram ricamente embelezadas; ao contrário da terceira, que ia no meio das outras, vestida de negro e o Cupido levava-lhe a cauda do vestido. Disseram-nos que devíamos seguir nós. Detrás vinham as virgens e, finalmente, o velho Atlas fechava a procissão. Assim chegamos, atravessando muitos lugares admiráveis, à Casa Solar onde tomamos assento para assistir à representação em um estrado precioso não longe do Rei e da Rainha. Estávamos situados a direita dos Reis, embora separados deles, e as virgens a nossa direita, salvo aquelas a quem a Rainha dera insígnias. Estas tinham lugares reservados acima, enquanto os restantes servidores contentaram-se com lugares entre as colunas, totalmente abaixo.

A comédia sugere muitas reflexões particulares, de modo que não posso omitir contar aqui o argumento embora em brevidade: (14)

PRIMEIRO ATO:

Aparece um rei ancião rodeado de seus servidores; entregam-no um cofrinho dizendo que o encontraram sobre as águas. (15) Ao abri-lo descobrem uma formosa menina, a seu lado umas jóias e uma carta em pergaminho dirigida ao rei. Este rompe o selo e uma vez lida a carta põe-se a chorar. Logo diz à seus cortesãos que o rei dos negros invadiu e devastou o reino de sua prima e que exterminou toda a descendência real, exceto a menina.

O rei pretendia unir seu filho à filha de sua prima; jura ódio eterno ao rei negro, a seus cúmplices e decide vingar-se. Então ordena que se eduque à menina com esmero e que se façam preparativos de guerra contra o negro. Estes preparativos, assim como a educação da menina - uma vez crescida um pouco, confiou sua educação a um preceptor – terminam o primeiro ato desenvolvido de modo muito agradável e com grande finura.

ENTRETO:

Houve um combate entre um leão e um *grifo*; (16) vimos perfeitamente como venceu o leão.

SEGUNDO ATO:

Transcorre em casa do negro. Este pérfido acaba de saber, raivoso, que o assassinato foi descoberto e que, além disso, astutamente, escapou-lhe uma menina. Medita sobre as artimanhas que poderá empregar contra seu capitalista inimigo, escuta seus conselheiros, gente acossada pela fome, refugiados junto dele. Inesperadamente, a menina cai de novo em suas mãos e mata-

la-ia imediatamente senão fosse enganado de modo singular por seus próprios cortesãos. Este ato termina, pois, com o triunfo do negro.

TERCEIRO ATO:

O rei reúne um poderoso exército e o põe às Ordens de um velho e valoroso Cavaleiro, quem irrompe no reino do negro, libera a jovem de sua prisão e veste-a ricamente. (17) Ato seguido constroem rapidamente um estrado admirável onde colocam a virgem. Chegam doze enviados do rei. (18) Então, o ancião Cavaleiro toma a palavra e diz à virgem que seu gracioso Senhor, o Rei, não só a via como filha do Faraó (ver Êxodo II) como também simbolizando o mesmo. Não se trata da eterna história do homem abandonado a mercê das ondas do mundo cansado que, graças ao amor de uma deusa ou um adepto, volta a recuperar seu estado real?

Liberada pela segunda vez da morte, depois de dar-lhe régia educação; e apesar disso, ela não se comportar sempre como deveria; mesmo assim, Sua Majestade Real, escolhera-a como esposa para seu jovem senhor e filho, ao qual dera ordem de preparar os esponsais. Depois, faz a leitura de umas condições que mereceriam ser contadas aqui, caso não fosse por sua longa extensão. A virgem jura observá-las com fidelidade, manifestando graciosamente seu reconhecimento pela ajuda e os favores que lhe foram outorgados. Este terceiro ato acaba com cantos do Rei e da virgem, elogiando a Deus.

ENTREATO:

Mostram-nos os quatro animais de Daniel (19) como lhe apareceram em sua visão e do modo como os descreve detalhadamente. Tudo isto tem um significado muito preciso.

QUARTO ATO:

A virgem recuperou seu perdido reino; coroam-na e aparece no lugar em todo seu esplendor, entre gritos de alegria. A seguir entram muitos embaixadores para lhe transmitir suas congratulações e para admirar seu excelsitude. Mas ela não persevera muito tempo na piedade e começa a dirigir olhares desavergonhados ao seu redor, a fazer gestos aos embaixadores e aos senhores, não mostrando, certamente, discrição alguma.

O negro, sabedor dos costumes da princesa, habilmente tira partido desta situação. A princesa, burlando a vigilância de seus conselheiros, facilmente se deixa cegar por uma falaciosa promessa e, desconfiando de seu Rei, entrega-se pouco a pouco secretamente ao negro. Este

acode e, quando ela consente em reconhecer seu domínio, subjuga todo o reino por meio da princesa. Na terceira cena deste ato o negro a leva, nua por completo, ata-a ao pelourinho de um grosseiro patíbulo e açoita-a. Finalmente, condena-a a morte.

Era tão penoso ver tais coisas que as lágrimas fluíam dos olhos de muitos de nós.

Continuando, a virgem é arrojada totalmente nua a um calabouço aguardando que a matem envenenando-a. Entretanto, o veneno não a mata, produzindo nela a lepra. (20)

Este ato tem acontecimentos lamentáveis.

ENTREATO:

Expõe-se um quadro representando Nabucodonosor levando emblemas de toda classe, na cabeça, no peito, no ventre, nas pernas, nos pés, etc. Voltaremos a falar dele mais adiante.

QUINTO ATO:

Explicam ao jovem rei o ocorrido entre sua futura esposa e o negro. Dirige-se a seu pai rogando-lhe que não lhe abandone nesta aflição. O pai atendeu ao seu pedido. Envia-se embaixadores para consolar a doente em sua prisão e para repreendê-la por seu comportamento. Todavia, ela nega-se a recebê-los e consente, em troca, transformar-se na concubina do negro, tudo isso é transmitido ao rei.

Aparece agora um coro de loucos, todos eles providos de fortificações. Com estes se constrói uma grande esfera terrestre e derrubam-na a seguir. Foi uma representação fina e graciosa.

SEXTO ATO:

O jovem rei desafia o negro ao combate. O negro morre, o rei é deste modo dado por morto. Entretanto, recupera o sentido, libera a sua prometida e retorna para preparar as bodas; enquanto isso, confia-a a seu intendente e a seu capelão. Em primeiro lugar, o intendente atormenta muito; depois, chega a vez do monge, voltando-se tão arrogante, que pretende dominar o mundo inteiro. Quando o jovem rei se inteira disto manda com toda rapidez um enviado que quebra o poder do empregado e começa a preparar a noiva para as bodas.

ENTREATO:

Apresenta-se um enorme elefante artificial que transporta uma grande torre cheia de músicos, tal coisa olhamos com agrado.

SÉTIMO E ÚLTIMO ATO:

O noivo aparece com uma magnificência inenarrável -pergunto-me como haverão podido realizá-lo-. A noiva vai a seu encontro com a mesma solenidade. A seu redor o povo grita: *Vivat Sponsus, Vivat Sponsa.* (21)

E assim, com esta comédia, os artistas festejavam soberbos ao Rei e à Rainha que, facilmente dava-me conta disso, foram muito sensíveis a seu desenvolvimento. Para finalizar, os artistas deram várias vezes a volta ao cenário em uma apoteose e, por último, cantaram em coro.

I

Este dia nos traz uma imensa alegria com as bodas do Rei: cantem todos, pois, para que ressoe: Felicidade a quem nos dá isso.

II

A formosa noiva que aguardamos tanto tempo está unida agora com ele. Lutamos mas chegamos ao fim. Ditoso o que olhe adiante.

III

Agora, recebam nossos parabéns. Que sua união seja próspera; por longo tempo esteja em tutela. Multiplique-lhes nesta leal união para que milhares de rebentos nasçam de seu sangue.

E a comédia acabou entre aclamações e alegria geral, assim como, com a satisfação particular das pessoas reais.

Finalizava o dia quando nos retiramos na mesma ordem na qual chegamos. Mas, longe de abandonar o cortejo, tivemos que seguir pela escada às pessoas reais até a sala na qual fomos apresentados. As mesas pareciam já servidas com arte e, pela primeira vez, fomos convidados à mesa real. No centro da sala encontrava-se o pequeno altar com as seis insígnias reais que já víramos antes.

O jovem rei mostrou-se, todo momento, muito afável conosco. Não obstante, não lhe via alegre em modo algum, pois, apesar de nos falar de vez em quando, não podia reter os suspiros, por isso o pequeno Cupido zombava dele. Os anciões reis e as anciãs rainhas mostravam-se com muita gravidade; só a esposa de um deles era certamente vivaz, comportamento que eu ignorava a causa. As pessoas reais sentaram-se à primeira mesa, nós o fizemos na segunda; na terceira vimos algumas damas da nobreza. Os demais, homens e donzelas, asseguravam o serviço. E

tudo transcorreu com grande correção; de modo muito sossegado e sério, de modo que duvidava em falar por temor a dizer demais. Entretanto, devo declarar que as pessoas reais vestiam roupas de um branco deslumbrante como a neve e que se sentaram à mesa com tais vestidos. A grande coroa de ouro estava pendurada em cima da mesa e o brilho das pedras que a adornavam bastaria para iluminar a sala sem precisar de outra luz.

Todas as luzes prenderam na chama colocada em cima do altar, sem que compreendesse a causa. Além disso, observei com atenção como o jovem rei cuidou de que várias vezes levassem mantimentos à serpente branca, e isso me fez refletir muito. Quase toda conversação no banquete quem fez foi o pequeno Cupido; não deixou ninguém tranqüilo, especialmente a mim. A cada instante surpreendia com alguma novidade.

Todavia, tudo acontecia com a maior calma; não se via nenhuma alegria aparente. Intuí um grave perigo; a ausência de música aumentou minha apreensão; aguçada mais ainda quando nos deram a ordem de responder clara e brevemente se nos perguntasse algo. Em resumo, tudo aquilo tinha um ar tão estranho que o suor impregnou meu corpo; acredito que até ao mais audaz dos homens teria faltado o valor. Terminava a comida quando o jovem rei ordenou que lhe trouxessem o livro colocado sobre o altar. Abriu-o e logo perguntou-nos uma vez mais, por meio de um ancião, se certamente estávamos firmemente decididos a lhe acompanhar acontecesse o que acontecesse. E quando, trêmulos, respondemos afirmativos, voltou-nos a perguntar com certa tristeza se estávamos dispostos a nos comprometer por escrito. Negar-se não era possível. Além disso, assim devia ser. Então, levantamo-nos por turno e cada um estampou sua assinatura no livro.

Quando o último assinou, trouxeram uma fonte e um cubículo, ambos de cristal.

Todas as pessoas reais beberam nele segundo sua hierarquia. Depois apresentaram a nós e, por fim, ao resto dos presentes, e isso foi *haustus silentii*. (22)

Continuando, todas as pessoas reais estenderam-nos a mão declarando que, posto que dali pra frente não dependeríamos mais delas, não a veríamos nunca mais; estas palavras provocaram-nos o pranto, mas nosso presidente protestou em nosso nome, e as pessoas reais deram-se por satisfeitas com isso. De repente tocou uma campainha e nossas hóspedes reais empalideceram de um modo tão horrível que por pouco perdemos o sentido de medo. Trocaram

seus vestidos brancos por roupas inteiramente negras; logo, a sala inteira estava forrada com veludo negro e de idêntico modo a tribuna. Tudo isto prepararam de antemão.

Retiraram as mesas e os presentes tomaram assento no banco. Também nós vestimo-nos com roupa negra. Nossa presidente, que acabava de sair, retornou com seis cintas de tafetá negro e com elas enfaixou os olhos das seis pessoas reais.

Uma vez privadas da vista, os servidores trouxeram rapidamente seis ataúdes cobertos e os depositaram na sala. No centro dispuseram um tronco negro e baixo.

Finalmente, entrou na sala um gigante, negro como o carvão, que levava em suas mãos uma afiada tocha. O velho rei foi o primeiro a ser conduzido ao talho; rapidamente cortaram-lhe a cabeça e envolveram-na em um lençol negro. Recolheram seu sangue num grande pote de ouro que deixaram no ataúde a seu lado. Fecharam o ataúde e deixaram-no à parte.

Outros sofreram a mesma sorte e estremei ao pensar que do mesmo modo chegaria meu turno. Porém, não foi assim, pois o gigante negro retirou-se uma vez decapitadas as seis pessoas. Alguém seguiu-o para cortar a sua cabeça bem diante da porta, retornando com a tocha e a cabeça que foram ambas depositadas em uma caixa.

Certamente, foram umas bodas sangrentas. Mas, como ignorava o que teria que acontecer ainda, dominei minhas impressões e reservei-me emitir um julgamento sobre tudo aquilo. Além disso, nossa virgem, vendo que vários de nós perdíamos a fé e chorávamos, convidou-nos a acalmarmos, acrescentando:

"A vida destes está agora em suas mãos, acreditem-me e obedeçam-me; assim sua morte dará vida a muitos". (23) Depois pediu-nos que repousássemos e desvencilhássemo-nos de qualquer preocupação, pois, o ocorrido era para o bem. Desejou-nos boa noite e anunciou-nos que ela velaria aos mortos. De acordo com seus desejos, seguimos nossos pajens aos aposentos de cada um.

Meu pajem falou-me extensamente de muitos assuntos que me lembro bem. Sua inteligência surpreendeu-me muito, mas acabei dando conta que tratava de que dormisse. Simulei que dormia profundamente. Estava muito acordado, pois, era impossível esquecer-me dos decapitados. A habitação dava ao lago de modo que da cama, colocada junto à janela, podia facilmente percorrer com a vista toda sua extensão. A meia-noite, justo ao sonar as doze

badaladas, vi de repente um grande fogo no lago e morto de medo abri rapidamente a janela. Ao longe vi aproximar-se sete navios cheios de luz. Por cima de cada uma delas brilhava uma chama que revoava em qualquer parte, descendo inclusive de quando em quando. Facilmente compreendi que eram os espíritos dos decapitados.

Os navios aproximaram-se lentamente à borda com seu único piloto. Quando abordaram vi que nossa virgem se aproximou deles levando uma tocha; detrás dela traziam os sete ataúdes fechados e a caixa, que foram depositados nos sete navios.

Despertei ao pajem, que me agradeceu isso vivamente; andara muito durante o dia, inclusive prevenindo-se, que poderia dormir enquanto se davam estes acontecimentos.

Uma vez os ataúdes depositados nos navios, apagaram-se todas as luzes. As seis chamas navegaram mais à frente do lago e em cada navio só se via uma pequena luz vigilante. Então, instalaram-se junto ao lago uns cem guardiães que enviaram a virgem ao castelo. Esta passou os ferrolhos cuidadosamente, pelo que inferi que não haveria mais acontecimentos antes de amanhecer. Assim, tratamos de descansar.

De todos meus companheiros, nenhum, salvo eu, tinha o aposento sobre o lago e eu era o único que presenciara a cena; estando tão fatigado, dormi mesmo com as grandes precauções tomadas para não fazê-lo.

NOTA À QUARTA JORNADA

1- Filho de Zeus além do Mais, Hermes é a divindade mais importante do panteão alquímico. Recebia o nome de Trismegisto, que alguns interpretaram como "três vezes o grande". O Hermes mitológico, helenização de Toth egípcio, nasceu na montanha Kíllene, em uma cova. Assinalemos que foi o inventor da cítara e o deus da música, e que uma das denominações mais correntes da alquimia é a de "Arte de Música". Hermes ou Mercúrio era, para os alquimistas, tanto o inventor da Ciência Hermética, como o símbolo da matéria utilizada nesta.

2- "Príncipe Hermes / atrás de todo o dano feito ao gênero humano / disposto por Deus; / com a ajuda da Arte; / me tornei remédio de salvação; / aqui fluo, / que bebe de minhas águas quem pode; / que nelas se lave quem quer, / bebam, irmãos, / e vivam. / 11378.

O criptograma de inspiração caldeu, que nos dá a idade em que nasceu Christian Rosacuz, foi decifrado pelo P. Kienast (*Johann Valentin Andreae und sie vier echten*

Rosenkreutzer Schriften. Leipzig 1925, pág. 68).

3- Ver o Apocalipse, de Esdrás XIV-39 e ss.

4- Este motivo aparece com freqüência na iconografia alquímica. Estes dois planetas representam o ouro e prata, assim como aos dois princípios.

5- Teríamos que ler "*confrontaram a morte e superaram-na...*" A profunda mensagem escatológica das *Bodas Alquímicas* será mais claro se se meditar nestas palavras.

6- Segundo Auriger (op. cit., pág. 68), tratar-se-ia de uma descrição simbólica do Atanor ou forno dos filósofos, visto em seção.

7- Temos aqui o eterno tema de Saturno e Vênus. Saturno, velho, seco, triste, feio e frio, precisa da juventude, a frescura, a alegria, a beleza e a paixão de Vênus.

8- A maioria dos rituais iniciáticos assinalam que, antes de entrar no Templo, o iniciado tem que despojar-se de todos os metais. Os sete metais, ou os sete planetas, são os mesmos. O iniciado tem que deixá-los atrás para penetrar no "oito", símbolo da ressurreição (ver nota 7 da terceira Jornada). Recordemos que se na astrologia a casa do matrimônio ou das bodas é a VII, número que aparece ao longo de todas as "*Bodas Alquímicas*", a Casa da morte e da ressurreição é a VIII.

9- Cupido é Eros. Alguns hermetistas observaram que colocando a "E" do Eros depois da "s", obtém-se "*Rose*" ou seja, "*Rosa*".

Segundo Cícero (*De Natura Deorum*) existem três Cupidos: o primeiro deles nasceu de Mercúrio e Diana; o segundo de Mercúrio e Vênus; e o terceiro de Marte e Vênus. Simplificando, vemos que se trata sempre do filho de Vênus, a Deusa do Amor e que seus atributos são sempre os mesmos: o arco, a aljava, as flechas e as asas.

10- Este livro que pode ler-se à luz eterna de um candelabro de marfim, simboliza o *Liber Mundi* do qual falamos no início de nossa introdução. É o livro da vida (ver Apocalipse III-5; livro do *Henocho*, CVIII-3 e *A Magia do Arbatel*, 2°. Septenario. Aforismo XI).

11- *Caput mortem*, a cabeça de morto, aparece constantemente na iconografia hermética. Segundo os alquimistas se refere a um dos regimes da Obra: a putrefação. Ver *A Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei*, cap. XX e XXV.

12- Para os alquimistas, a velhice era unicamente uma enfermidade devida ao estado cansado do homem. *Senium*, velhice, é também esgotamento, tristeza. Christian Rosacruz está obcecado pela

idéia de ser eternamente jovem porque este é o resultado da Arte.

13- Trata-se do Templo do Sol, já que a Obra Hermética é a Obra do Sol.

14- Os sete atos desta comédia se sobrepõem simbolicamente às sete jornadas das "*Bodas Alquímicas*". A carta em pergaminho do primeiro Ato recorda àquela que Christian Rosacruz recebe da mulher alada. O negro e a menina do segundo, ao corvo e a pomba branca da Segunda jornada, etc.

15- Este ato recorda a lenda babilônica do Sargón I que, filho de um pai desconhecido, é achado em um cesto de vime no Eufrates. Salvo por um camponês, cai em graça à deusa Ishtar (que corresponde à Ísis e a Vênus) graças a qual chega a ser rei. A narração de Moisés achado no Nilo.

16- Animal fabuloso, parte de cima do corpo águia e metade para baixo leão. Trata-se de uma evocação tradicional da união do fixo e do volátil.

17- De novo aqui o tema do vestido, que tão relacionado está com o das Bodas. Ver Mateus XXII-12. Observemos aqui que o profano é amarrado pelos pés e mãos. Ver nota 22 da segunda Jornada.

18- Observemos que, como Cristo tem doze apóstolos, o rei possui doze enviados. A importância simbólica deste número ressalta o Apocalipse com a Jerusalém Celeste.

19- Ver Daniel VII-3, assim como, Apocalipse IV-6, V-8, XIV-3 e XV-7.

20- Para os alquimistas, a lepra era o conjunto de impurezas "superficialidades" terrestres que encontramos nos metais, ou em qualquer composto animado, ou inanimado neste mundo cansado. Para eles só o *Pó de Proteção* é capaz de curar esta lepra, que embora não é mortal em si, conduz à morte da qual é em certo modo o fermento, impedindo que o homem ou a natureza se perpetuem.

21- Viva o Noivo, Viva a Noiva.

22- A prova do silêncio.

23- Para os alquimistas, a vida não é a paródia que "vivemos", ou seja, em que morrer pouco a pouco, a não ser a vida pura e regenerada que começa com a ressurreição. Não terá que esquecer, entretanto, que para ressuscitar terá que morrer primeiro, e que esta morte é uma experiência que pode dar-se em vida. "Morre antes de morrer" declara um *hadith sufí*.

QUINTA JORNADA

Desejoso de saber como continuavam os fatos, levantei-me ao despontar da alvorada sem desfrutar de um descanso suficiente. Quando já vestido fui à sala, embora não encontrei ninguém nela a essa hora tão cedo. Assim, pedi a meu pajem que me acompanhasse outra vez ao castelo e que me ensinasse as paragens mais interessantes. Como sempre, prestou-se de bom gosto à meus desejos. Baixando alguns degraus subterrâneos, deparamo-nos com uma grande porta de ferro sobre a qual destacava uma inscrição em grandes letras de cobre. (1) Reproduzo a inscrição exatamente como a copiei em minha tabuleta. O pajem abriu a porta e guiou a um corredor completamente escuro, levando-me pela mão. Chegamos a uma porta pequena que estava entreaberta, segundo meu pajem, porque fora aberta para tirar os ataúdes na véspera e ainda não a fecharam.

Entramos: ante meus maravilhados olhos apareceu a coisa mais preciosa que jamais haja realizado a natureza. A sala abovedada não recebia outra luz mais que o resplendor radiante de alguns carbúnculos enormes; (2) disseram-me que era o tesouro do Rei. Mas no centro foi onde vi a maravilha mais admirável: um precioso sepulcro. Não deixei de me surpreender ao vê-lo tão descuidado. O pajem indicou-me que devia dar graças a meu planeta, (3) cuja influência me permitia contemplar alguns costumes que nenhum olho humano vira (4) até então, salvo o séquito real.

O sepulcro era triangular e sustentava em seu centro um copo de cobre polido; o resto era de ouro e de pedras preciosas. Um anjo, de pé no copo, tinha em seus braços uma árvore desconhecida que deixava cair incessantemente gotas no recipiente; às vezes, separava-se dele um fruto do qual vertia água assim que tocava o copo derramando em três pequenas vasilhas de ouro. Três animais, sobre uma base preciosa, uma águia, um boi e um leão, (5) servia de suporte a este pequeno altar. Perguntei ao pajem o significado de tudo aquilo.

"Aqui jaz Vênus - disse -, quão formosa tem feito perder felicidade, saúde e fortuna, a tantos grandes." Depois, mostrou-me uma portinhola de cobre que havia no chão. *"Se for seu desejo podemos continuar descendo por aqui."* "Sigo-o", respondi; e desci pela escada em escuridão era completa. O pajem abriu com presteza uma caixa contendo luz eterna com a qual prendeu uma das numerosas teia colocadas neste local. Cheio de apreensão perguntei se

permitiram-no fazê-lo.

"Como agora as pessoas reais repousam, não tenho que temer", respondeu-me. Então descobri um leito de riqueza inimaginável e de cores admiráveis. O pajem o entreabriu e vi deitada nele Vênus completamente nua - o pajem levantou a manta -, com tanta graça e beleza que fiquei imóvel de tanta admiração e ainda ignoro se contemplei uma estátua ou uma morta, já que se achava completamente quieta e proibiu-me tocá-la. Logo o pajem a cobriu outra vez e fechou a cortina; mas sua imagem ficou gravada em meus olhos.

Depois do leito vi um tabuleiro com a inscrição seguinte:

Perguntei ao pajem o significado destes caracteres e, acredite, prometeu-me que o saberia. Depois apagou a chama e subimos. Quando olhei os animais mais devagar dei conta que em cada rincão ardia uma tocha resinosa. Não vira antes essas luzes, pois, seu fogo era tão claro que mais se assemelhava ao brilho de uma pedra e não uma chama. A árvore, exposta a este calor, não deixava de fundir-se, enquanto continuava produzindo novos frutos. *"Escutem - disse o pajem - o que ouvi Atlas dizer ao Rei. Asseverava que quando a árvore fundir-se por completo, Vênus despertará e será mãe de um rei"*.

Ainda seguia falando, possivelmente dissera mais coisas, quando o Cupido entrou na sala. A primeira vista, pareceu assombrado ao comprovar nossa presença nela; todavia, quando notou que ambos estávamos mais mortos que vivos, acabou rindo e perguntou que espírito me empurrara ali. Tremendo, respondi-lhe que me perdera no castelo, e que o azar me conduzira à esta sala e que meu pajem, depois de procurar-me por toda parte, acabou encontrando-me nela; enfim, que esperava não se tomasse a coisa a mau.

"Assim tem um passe, avô temerário - indicou-me - Entretanto, veria-o ultrajado grosseiramente se tivesse visto esta porta. Já é hora de ter mais precauções".

Ao dizer isto, fechou com um cadeado a portinhola de cobre pela qual descemos. Dava graças a Deus por não ter me surpreendido antes e meu pajem ficou agradecido por havê-lo ajudado a sair daquele apurado transe. *"Não obstante - continuou Cupido -, não posso lhes deixar impunes por haver quase surpreendido a minha mãe."* Esquentou a ponta de uma de suas flechas em uma das luzes e me cravou na mão. Apenas dei-me conta da espetada, pois estava muito contente por ter resolvido tão simplesmente a situação e ter saído tão bem liberado. Enquanto

isso, meus companheiros levantaram e reuniram-se na sala; uni-me a eles fingindo que acabava de levantar nesse momento. Cupido, que fechara cuidadosamente a porta atrás dele, pediu-me que o desse a mão. Uma gota de sangue permanecia ainda. Cupido riu disso e avisou aos demais para que desconfiassem de mim pois mudaria em breve. Ficamos estupefatos ao comprovar a alegria do Cupido; dir-se-ia que os tristes acontecimentos do dia anterior lhe traziam completamente sem cuidado e não manifestava sinal algum de dor. Nossa presidente preparou-se para sair; ia completamente vestida de negro e levava o ramo de louro na mão. Quando acabaram os preparativos a virgem disse-nos que nos refrescássemos e que nos preparássemos a seguir para a procissão. O qual fizemos sem perder um momento seguindo-a depois ao pátio.

Ali estavam colocados seis ataúdes. Meus companheiros estavam convencidos de que ali estavam os corpos das seis pessoas reais, mas eu sabia a que me ater, embora ignorava o que se passaria com os outros ataúdes. Ao lado de cada um dos ataúdes havia oito mascarados. Quando começou tocar a música - com um som tão triste e grave que me estremeceu - carregaram os ataúdes e seguimos até o jardim na ordem que se nos indicou. Ali, no meio do jardim, levantaram um mausoléu de coroas admiráveis; sete colunas suportavam sua cúpula. Cavaram seis tumbas e junto a cada uma delas havia uma pedra; no centro se achava outra pedra redonda, oca e mais alta. Depositaram os ataúdes nestas tumbas com cerimônia e com o maior silêncio; depois puseram em cima as pedras e selaram-as solidamente. A caixa pequena foi colocada no meio. Assim enganaram meus companheiros, os quais estavam convencidos de que ali repousavam os corpos. No alto fluuava um grande estandarte decorado com a imagem do fênix, (6) sem dúvida para nos desorientar ainda mais. Nesse momento dava graças a Deus por me deixar ver mais que aos outros.

Uma vez concluídos os funerais, a virgem subiu à pedra central e dirigiu-nos um breve discurso. Exortou-nos a manter nossa promessa, a não regatear esforços e a ajudar às pessoas reais enterradas ali para que pudessem voltar a encontrar a vida. Desta forma tínhamos que nos pôr em caminho sem demora e navegar com ela para a torre do Olimpo (7) para procurar neste lugar o remédio apropriado e indispensável.

Demos por bom seu discurso, assim que a seguimos por outra porta pequena até a margem, em que vimos os sete navios, que já mencionei antes, todos vazios. As virgens ataram

neles seus ramos de louro e, depois de nos embarcar, deixaram-nos partir graças a Deus. Acompanharam-nos, com a vista, enquanto estivemos visíveis, e logo entraram no castelo acompanhadas pelos guardiães. Cada um de nossos navios hasteava uma enorme bandeira e um brasão distintivo.

Em cinco navios viam-se os cinco *Corpora Regalia*; (8) além, e particularmente do meu no qual embarcou a virgem, levavam um globo. (9) Desta forma navegamos em uma ordem determinada levando cada navio dois pilotos. (10)

À cabeça ia o pequeno navio no qual me parecia, ia o negro; transportava doze músicos, e sua insígnia representava uma grande pirâmide. Seguiam-no os três navios “b-c-d” nos quais estávamos distribuídos; eu ia no C. Em terceira linha partiam os navios “e e f” os maiores e mais formosos, adornados com grande quantidade de ramos de louro, sem transportar ninguém, e hasteavam o pavilhão da Lua e do Sol. O navio “g” fechava a última linha e transportava quarenta virgens.

A

↓↓

B ↓↓ C ↓↓ D ↓↓

E ↓↓ F ↓↓

G ↓↓

Navegamos nesta ordem até mais à frente do lago, logo atravessamos um estreito e saímos ao verdadeiro mar. Ali aguardavam-nos Sereias, Ninfas e Deusas marítimas; fomos abordados por uma jovem ninfa encarregada de nos trazer seu presente de bodas assim como de nos deixar um presente. Consistia este em uma preciosa pérola (11) engastada como não tínhamos visto nunca, nem em nosso mundo, nem neste. Era redonda e brilhante. Quando a virgem aceitou amigavelmente, a ninfa perguntou se queríamos parar um instante e conceder audiência à suas companheiras. A virgem consentiu ordenou que os dois grandes navios manobrassem para o centro e que junto com os outros formassem um pentágono:

C

↓↓

B E ↓↓ ↓↓ D F

↓↓ ↓↓

G A

A seguir as ninfas se colocaram ao redor formando um círculo e cantaram com doce voz:

I

*Nada há melhor na Terra que o nobre e precioso amor;
por ele igualamos a Deus, por ele ninguém aflige a ninguém.
Deixem-nos, pois, cantar ao Rei e que retumbe todo o mar nós perguntamos,
nos dêem resposta.*

II

*Quem nos transmitiu a vida?
O amor.
Quem nos devolveu a graça?
O amor.
Por quem nascemos?
Pelo amor.
Sem o que estaríamos perdidos?
Sem o amor.*

III

*Quem nos engendrou?
O amor.
por que nos alimentaram?
Por amor.
O que devemos aos pais?
O amor.
por que são tão pacientes?
Por amor.*

IV

*Quem foi o vencedor?
O amor.*

Pode-se achar o amor?

Pelo amor.

Quem pode unir aos dois?

O amor.

V

Cantem pois todos vós e façam que ressoe o canto que enalteça o amor.

*Que se digne crescer em nossos Senhores, o Rei e a Rainha; seus corpos estão aqui,
a alma lá.*

VI

Se ainda vivemos,

Deus fará

*que igual ao amor e a grande graça
separaram-nos com forte potência,
de igual maneira a chama do amor
os reunirá outra vez com felicidade.*

VII

Esta pena,

em grande alegria

será transmutada para sempre,

embora houvesse sofrimentos sem conta.

Para ouvir este canto melodioso compreendi perfeitamente que Ulisses (12) tampasse os ouvidos de seus companheiros, pois tive a sensação de ser o mais miserável dos homens em comparação com essas criaturas tão adoráveis.

A virgem despediu-se em seguida e deu ordem de que prosseguíssemos o caminho. Desta forma as ninfas romperam o círculo e afastaram-se pelo mar depois de receberem como recompensa uma larga cinta vermelha.

Naquele momento senti como Cupido começava a operar em mim, o qual diz pouco em minha honra; de qualquer forma como meu encantamento não pode servir ao leitor para nada, conformo-me deixando de passagem a perseverança dele. Respondia precisamente à ferida que,

sonhando, recebi na cabeça, como pingente em meu primeiro livro; e se alguém quer um bom conselho, que se abstenha de ir contemplar a Vênus no leito, pois Cupido não o aceita.

Algumas horas mais tarde, depois de percorrido um longo caminho conversando amigavelmente, divisamos a torre do Olimpo. A virgem ordenou que se fizessem diversos sinais para anunciar nossa chegada, o qual completaram. Em seguida vimos desdobrar-se uma grande bandeira branca e um navio dourado saiu à nosso encontro. Quando nos aproximou pudemos ver nele um ancião rodeado de alguns satélites vestidos de branco; acolheu-nos amigavelmente e conduziu-nos à torre. Esta estava edificada sobre uma ilha exatamente quadrada e rodeada de uma muralha tão sólida e larga que pude contar duzentos e sessenta passos atravessando-a. Atrás do recinto estendia-se uma formosa pradaria ornamentada com alguns jardins nos quais davam frutos singulares e que eu desconhecia; a pradaria terminava no muro que protegia a torre. Esta última, em si mesmo, parecia formada pela seqüência de sete torres redondas, sendo a do centro um pouco mais alta que as demais. Interiormente penetravam-se mutuamente e havia sete pisos sobrepostos. (13) Quando chegamos à porta colocaram-nos ao longo do muro que contornava a torre, com a idéia, como compreendi rapidamente embora meus companheiros não sabiam, de transportar os ataúdes à torre sem sabê-lo.

Imediatamente depois levaram-nos a sala interior da torre que estava decorada com arte; nela encontramos poucas distrações, já que não continha mais que um laboratório. Ali tivemos que triturar e lavar ervas, pedras preciosas e outras matérias, extrair a essência, a seiva; e encher com elas frascos de cristal que ordenaram muito cuidadosamente. Nossa ágil e ativa virgem não nos deixou nem um instante desocupados: tivemos que trabalhar sistematicamente e sem descanso nesta ilha até que terminamos os preparativos necessários para a ressurreição dos decapitados.

Como soube depois, durante todo este tempo, as virgens lavaram cuidadosamente os corpos na primeira sala.

Finalmente, quando o trabalho quase terminado, trouxeram-nos um pouco de sopa e um pouco de vinho, o qual significava claramente que não estávamos ali para passar bem. E quando terminamos nossa tarefa tivemos que nos contentar dormindo em uma esteira que puseram no chão para cada um de nós.

Eu não tinha sono, assim passei pelo jardim aproximando-me até o recinto. Como a noite era clara, aproveitei o tempo olhando as estrelas. Descobri casualmente que umas grandes escadas levavam ao alto da muralha e, como a lua esparramava uma claridade tão grande, subi temerariamente. Contemplei o mar que estava em absoluta calma e, aproveitando tão excelente oportunidade para refletir sobre a astronomia, descobri que esta noite inclusive os planetas se apresentavam de uma forma particular que não se repetiria antes de passado longo tempo. (14)

Olhava fixamente ao céu que estava em cima do mar quando, a meia-noite, ao dar as doze badaladas, vi que as sete chamas percorriam o mar e pousavam alto no céu, justo em cima da ponta da torre. Sobressaltou-me um medo intenso, pois assim que as chamas pararam, os ventos sacudiram furiosamente o mar. Logo, a lua cobriu-se de nuvens, de forma que minha primeira alegria terminou em um terror, tal que, procurei encontrar a escada de pedra para voltar a entrar na torre. Não posso dizer se as chamas seguiram muito tempo sobre a torre ou se partiram, pois com aquela escuridão era impossível arriscar sair de novo. Deitei-me em cima da esteira e dormi sossegadamente embalado pelo murmúrio sereno e agradável da fonte do laboratório.

Desta forma, também a quinta jornada terminou com um milagre.

NOTA À QUINTA JORNADA

1- O Cobre é o metal de Vênus, o planeta do amor.

2-A luz do carbúnculo é fosforescente; é curioso observar que a palavra "*Phosphoros*" é a tradução grega exata do término latino *Lúcifer Luciferis*, o portador da luz, o luzeiro do alvorecer, um dos nomes dado a Vênus. Ver nota 25 da Jornada terceira.

3- Trata-se de novo do planeta Vênus, a estrela da manhã, que recebia também a denominação de "o pequeno benéfico". Regente da Casa VII, a Casa do Matrimônio, seu simbolismo aparece ao longo de todas as "*Bodas Alquímicas*". Por outra parte, sendo a Casa V a Casa do Amor, é lógico que a visão de Vênus tenha lugar na Quinta jornada.

4- Ver Coríntios II-9. Em outro muito belo relato onírico do rosacruz Enrique Madathan, lemos "*A revelação sobrenatural é um: divino, admirável e santo dom; abrange a todo o universo; basta-se a si mesmo; é a verdade e domina verdadeiramente a todos os elementos; é sua Quintaessência. Os olhos não o perceberam, nenhuma orelha o há ouvido, nenhum coração humano lhe aproximou e ninguém sabe o que o céu pôs sobre este espírito de verdade*". (Ver o *Saeculum*

Aureum Redivivum, Hamburgo 1631, cuja tradução íntegra demos em nossos *Quatro Tratados de Alquimia*, Ed. Visão Livros, Barcelona 1979.)

5- E três animais que, junto com o anjo, correspondem aos quatro evangelistas, ou as quatro figuras do apocalipse.

6- Já referimos a esta ave fabulosa que segundo a lenda renascia de suas cinzas. (Ver nota 22 da terceira Jornada.) Corresponde ao *Benu do Livro dos Mortos* (XVI-89), que é o "auto-engendrador da alma da Ra".

7- A Torre do Olimpo, *Turris Olympi*, é um dos símbolos do atamor no qual nascerá a Pedra.

8- Trata-se dos cinco poliedros regulares, os "corpos reais" de Pitágoras: o tetraedro, o hexaedro, o octaedro, o dodecaedro e o icosaedro.

9- Certamente para simbolizar a esfera, o corpo mais regular. Recordemos que muitas das virgens negras medievais sustentavam, ao lado do menino, uma esfera ou bola.

10- Alusão a Sa, o piloto dianteiro da Barco Solar dos egípcios e Hu, o piloto traseiro. Sa é a inteligência de Ra, o deus do Sol e Hu sua Palavra Criadora. Ver o artigo "A Tradição escrita dos egípcios" em "A Porta", N.º 5.

11- A pérola, em latim margarida, é um dos nomes mais usuais do tesouro mito hermético. Para Dom Pernety (*Dicionário Mito hermético*) seria um dos nomes da matéria. No qual seu sentido místico se refere, ver "O Canto da pérola".

12- Ver a *Odisséia* de Homero, Canto XII.

13- Se a torre é quadrada, é porque representa os quatro elementos, enquanto que os sete pisos correspondem aos sete metais.

14- A Obra não pode realizar-se mais que quando se apresentam umas condições astrais estranhas e precisas.

SEXTA JORNADA

No dia seguinte, o primeiro a abrir os olhos despertou todos; imediatamente pusemo-nos a discorrer sobre o possível desenvolvimento dos acontecimentos. Uns diziam que os decapitados reviveriam todos juntos; outros afirmavam que o desaparecimento dos anciões deveria dar aos jovens não só a vida, mas também a faculdade de reproduzir-se. Alguns asseveravam que não podiam matar às pessoas reais, mas sim eram outros os que foram decapitados em lugar deles. Depois de falarmos assim durante um momento, entrou o ancião, saudou-nos e comprovou que nossos trabalhos estivessem terminados e de forma correta; tínhamos posto tanto zelo e cuidado nisso que se mostrou satisfeito. Pegou os frascos e colocou-os em um porta-jóia.

Logo entraram alguns pajens que traziam escadas, cordas e grandes asas; depositaram-nas frente a nós e se foram. Então disse o ancião:

"Filhos queridos, cada um de vós tem que encarregar-se de uma destas coisas durante todo o dia, assim podem escolher ou tirar a sorte". Dissemo-lhe que preferíamos escolher.

"Não - retificou o ancião -, tiraremos na sorte".

Então fez três fichas: na primeira pôs escada; na segunda, corda; e na terceira, asas. (1) Mesclou-as em um chapéu e cada qual tirou uma ficha, por isso teve que encarregar do objeto recebido. Quem tirou as cordas se acreditaram favorecidos pelo azar; a mim, que me tocou uma escada, pareceu-me fastidioso, pois tinha doze pés de comprimento e era bastante pesada. Tive que a levar enquanto, que os outros podiam enrolar facilmente as cordas ao redor dele. Logo, o ancião atou as asas aos últimos com tanta destreza que parecia que cresceram de forma natural. Finalmente, fechou uma torneira, a fonte deixou de emanar e tivemos que tirá-la do centro da sala. Quando tudo esteve ordenado, o ancião pegou o porta-jóia com os frascos, saudou-nos e fechou cuidadosamente a porta à suas costas, tão bem, que nos pareceu estar prisioneiros nessa torre.

Não transcorrera nem um quarto de hora quando se abriu na abóbada um buraco redondo; por ele vimos nossa virgem, que nos dirigiu para nos desejar um bom dia e pediu que subíssemos. Os que tinham as asas voaram facilmente pelo buraco; nós que levávamos as escadas compreendemos de forma imediata sua utilidade. Mas, os que tinham as cordas estavam confusos pois quando subiu um de nós, disseram-lhe que tirasse a escada. Por fim, cada uma das cordas foi atada a um gancho de ferro e disseram aos quais as levavam que subissem como

pudessem o que, verdadeiramente, não aconteceu sem que se fizessem algumas bolhas nas mãos. Quando todos estávamos acima, fecharam o buraco e a virgem nos acolheu amavelmente.

Este piso da torre estava formada por uma sala única, flanqueada por sete formosas capelas um pouco mais altas que a sala. Subia-se a elas por três degraus. Distribuíram-nos nas capelas e começamos a rezar pela vida dos reis e das rainhas. Enquanto isso, a virgem entrava e saía alternativamente pela porta pequena e assim seguiu até que terminamos. Quando concluímos nossa oração, doze pessoas - as quais anteriormente eram músicos - depositaram no centro da sala, trazendo-o precisamente pela porta, um curioso objeto largo que a meus companheiros pareceu que não podia ser mais que uma fonte. Mas, imediatamente compreendi que ali estavam os corpos, já a caixa inferior era quadrada e o suficientemente grande para conter facilmente seis pessoas. Os doze saíram para voltar em seguida com seus instrumentos e acompanhar a nossa virgem e a suas servidoras com muito bela harmonia.

Nossa virgem tinha um cofrinho; as outras levavam ramos e abajures e, algumas, acesas. Puseram-nos as tochas na mão e tivemos que ao redor da fonte na seguinte ordem:

Nossa virgem colocou-se em "A"; suas servidoras, com os abajures e os ramos, dispuseram-se em círculo em "C"; nós estávamos em "B"; e os músicos, em linha reta, "A"; finalmente, também em linha reta, as virgens estavam em "D". Não sei de onde vinham as virgens; se viviam na torre ou se chegaram naquela noite. Seus rostos apareciam cobertos com véus brancos e leves de forma que não reconhecia nenhuma.

A virgem abriu o cofre que continha uma coisa esférica envolta numa dobra de tecido tafetá verde; tirou-a e, aproximando-se da fonte, colocou-a na pequena caldeira superior que cobriu logo com uma cobertura perfurada por agulhas e com um rebordo. Depois verteu nela várias águas que preparamos na véspera, com as quais a fonte começou a emanar. Estas águas voltavam a entrar ininterruptamente na caldeira através de quatro tubos. Sob a caldeira inferior dispuseram um grande número de pregos nos quais as virgens penduraram seus abajures, e cujo calor a água não demorou para ferver. A água fervendo caía sobre os cadáveres por uma grande quantidade de buracos perfurados; estava tão quente que os dissolveu fazendo com eles um licor. Meus companheiros não sabiam ainda o que era a bola forrada; eu intuí que se tratava da cabeça do negro e que era ela a que comunicava às águas a intensidade de seu calor.

Em “b”, ao redor da caldeira grande, havia também uma boa quantidade de buracos nos quais as virgens depositaram seus ramos. Não sei se era necessário para a operação ou unicamente exigido pelo cerimonial; a questão é que os ramos se encontravam continuamente regados pela fonte, e a água que emanava dela para voltar para a caldeira era um pouco mais amarelada.

Esta operação durou quase duas horas; a fonte fluía constantemente de si mesmo, embora o jorro diminuísse lentamente.

Enquanto, os músicos saíam nós passeamos pela sala. Seus adornos bastavam para nos distrair por longo tempo, pois, em questão de imagens, quadros, relógios, órgãos, fontes e outras coisas semelhantes, não esqueceram nada. Finalmente terminou a operação e a fonte cessou de emanar. A virgem, então, fez que trouxessem uma esfera oca de ouro. Na base da fonte havia um torneira; abriu-a e fez correr as matérias dissolvidas pelo calor das gotas recolhendo várias medidas de uma matéria de um vermelho intenso. Esvaziou-se a água que ficava na caldeira superior e, depois disto, a fonte, já bastante ligeira, foi retirada. Não sei se a abriram depois e se ainda continha algum resíduo útil procedente dos cadáveres. O que sei é que a água recolhida na fonte pesava muito, ao ponto de não poder transportá-la entre seis, quando a julgar por seu volume um só homem tivesse podido carregá-la.

Portanto, transportamos fora com muitas dificuldades esta esfera e nos deixaram a sós de novo.

Como ouvi que caminhavam acima de nós, procurei minha escada com os olhos. Nesse momento escutava-se as opiniões que sobre a fonte expressavam meus companheiros; convencidos de que os corpos descansavam no jardim do castelo, não sabiam como interpretar estas operações. Eu dava graças a Deus por ter velado em tempo oportuno e por ter visto fenômenos que me ajudavam a compreender melhor as ações da virgem.

Passaram quinze minutos; depois se abriu o centro da abóbada e insistiram a subir. Fez-se igual antes, com ajuda das asas, as escadas e as cordas. Sentia-me um tanto humilhado vendo que as virgens subirem por um caminho fácil enquanto que nós tínhamos que nos esforçar tanto. Não obstante, entendia que se assim era feito havia algum fim predeterminado. De qualquer forma, estávamos muito contentes com os cuidados do ancião, pois os objetos que nos

dispensaram serviam, quando menos, para alcançar a abertura.

Ao passar ao piso superior o buraco voltou a fechar; então vi que a esfera estava pendurada no meio da sala com uma forte corrente. Havia janelas ao redor da sala e outras tantas portas alternavam com as janelas. Cada porta tampava um enorme espelho polido. A disposição óptica de portas e espelhos era tal que, quando se abriam as janelas do lado do sol e se destampavam os espelhos tirando das portas, brilhavam sóis em toda a circunferência da sala, e isto em que pese a este astro, que agora brilhava por cima de toda medida, não desse mais que em uma porta. Estes sóis esplendorosos flechavam seus raios, por meio de reflexos artificiais, sobre a esfera suspensa no centro, e como além disso a esfera era polida, desprendia um fulgor tão intenso que nenhum de nós pôde abrir os olhos. Tivemos que olhar pelas janelas até que a esfera teve o calor justo e obteve-se o efeito desejado. Desta maneira vi a maior maravilha que nunca produziu a natureza: os espelhos refletiam sóis em qualquer parte, mas a esfera do centro resplandecia com muito mais força, de modo que nenhum de nós pôde agüentar nem por um instante seu resplendor, igual ao do sol. Finalmente a virgem fez cobrir os espelhos e fechar as janelas para deixar que a esfera se esfriasse um pouco; isso ocorreu às sete.

Alegramo-nos ao perceber que a operação, chegando neste ponto, dava-nos suficiente liberdade para nos reconfortar com um café da manhã. Mas, outra vez, o menu era verdadeiramente filosófico e, embora não nos faltou o necessário, não havia perigo de que nos insistissem para nos incitar a cometer abusos. Além disso, a promessa da sorte futura - com a que a virgem animava-nos sem cessar -, punha-nos tão contentes que nem o trabalho, nem o desconforto nos pareciam maus. Também assevero que nunca meus companheiros pensaram em sua cozinha ou em sua mesa; bem ao contrário, eram felizes por poder assistir a uma física (2) tão maravilhosa e meditar assim sobre a sabedoria e onipotência do Criador.

Depois do esforço preparamo-nos novamente para o trabalho, pois a esfera esfriou o suficiente. Tivemo-la que desatar de sua corrente, o qual nos custou não poucos pesares, e a depositamos no chão.

Logo, discutimos como a partiríamos, pois nos ordenou que a cortássemos em duas pela metade; por fim fizemos o mais difícil do trabalho com um bicudo diamante.

Quando abrimos a esfera vimos que já não continha nada vermelho a não ser somente um

enorme e formoso ovo, branco como a neve. E nossa alegria chegou ao máximo.

Tivemos que descansar de novo durante quinze minutos até que outro buraco nos abriu no quarto piso ao que chegamos graças a nossos instrumentos. Nesta sala vimos uma enorme caldeira de cobre cheia de areia amarela esquentando num fogo desprezível. O ovo foi enterrado nela para que acabasse de maturar. A caldeira era quadrada, e em uma de suas paredes estavam gravados com letras grandes os versos seguintes:

O. BLI. TO. BIT. MI. LI

KANT. I. VOLT. BIT. TO. GOLT.

Na segunda liam-se estas palavras:

SANITAS, NIX, ATÉ. (3)

A terceira levava unicamente a palavra:

F.I.A.T. (4)

Mas, na face posterior havia toda a inscrição seguinte:

QUOD:

Ignis, Aer, Aqua, Terra:

SANCTIS REGUM ET REGINARUM NOSTRUM CINERIBUS

Erripere non potuerunt.

FIDELIS CHYMICORUM TURVA

IN HANC URNAM

CONTULIT (5)

AO o depositaram nesta urna AO (6).

Aos sábios deixo para averiguar se a inscrição se referia à areia ou ao ovo; basta-me cumprir minha tarefa não omitindo nada. Terminou-se a incubação e o ovo foi desenterrado. Não foi preciso romper a casca, pois, o pássaro livrou-se em seguida por si mesmo e começou a pular, embora disforme e estava ensangüentado. Primeiro o pusemos em cima da areia quente, depois a virgem pediu que o atássemos antes de lhe dar mantimentos senão queríamos ter incontáveis complicações. Assim fizemos. O pássaro cresceu tão rapidamente frente a nossos olhos que compreendemos muito bem por que a virgem nos avisara. Mordia e arranhava raivoso ao seu redor e apropriar-se-ia de um de nós caso rapidamente não déssemos conta dele. Já que o

pássaro - negro como as trevas - estava completamente furioso, trouxeram-lhe um alimento distinto, possivelmente o sangue de outra pessoa real. Então, caíram suas plumas negras e em seu lugar apareceram outras brancas como a neve.

Imediatamente, o pássaro apaziguou-se um pouco e deixou que nos aproximássemos dele com mais facilidade; não obstante, olhávalo com desconfiança. Com o terceiro alimento as plumas adquiriram tonalidades, tão brilhantes como não vi em toda minha vida, e mostrou-se tão doce familiarizando-se de tal forma conosco que, com o consentimento da virgem, liberamo-lo de suas ataduras.

"Agora - disse a virgem -, para agradecer sua aplicação, a vida e uma perfeição sem comparação foram dadas a este pássaro; convém que, com a aprovação de nosso ancião, festejemos este acontecimento alegremente." Logo ordenou que servissem comida; convidou-nos a reconfortar-nos já que a parte mais difícil e delicada da obra terminou e que, com todo direito, podíamos começar a saborear o gozo do trabalho cumprido. Ainda levávamos nossos vestidos de luto o que, com tal festividade, parecia ridículo; uns ríamos dos outros.

Não obstante, a virgem não deixou de interrogar-nos, possivelmente para descobrir aqueles que lhe seriam mais úteis em seus projetos. A fusão era a operação que mais a atormentava e sentiu-se mais tranqüila quando descobriu que um de nós adquirira a destreza manual que possuem os artistas.

A comida não durou mais que quarenta e cinco minutos e a maior parte dela passamos com o pássaro, o qual era preciso alimentar sem descanso. Embora agora já alcançara seu completo desenvolvimento.

Depois da comida não nos permitiu um longo descanso; a virgem saiu com o pássaro e nos abriram a quinta sala, a qual subimos da mesma forma que anteriormente, preparando-nos em seguida para o trabalho. Nesta sala dispôs um banho para o pássaro. Tingiram-no com um pó branco e tomou o aspecto de leite. No início o pássaro estava frio, uma vez metido nele, pareceu encontrar-se a gosto e começou a pular. Mas, quando o calor dos abajures começou a esfriar a água tivemos muito trabalho para mantê-lo nela. Assim pusemos uma coberta na caldeira deixando que tirasse a cabeça por um buraco. O pássaro perdeu toda sua plumagem no banheiro e ficou com a pele tão fácil como a de um homem, embora o calor não lhe causou nenhum outro

dano. De forma surpreendente, as plumas dissolveram-se por completo no banheiro ao qual tingiram de azul. Por fim, deixamos que o pássaro escapasse da caldeira; estava tão liso e tão brilhante que dava prazer vê-lo; como era um pouco arisco tivemos que lhe pôr um colar com corrente ao redor do pescoço. Então, passeamos um pouco pela sala.

Enquanto isso, acenderam um fogo enorme sob a caldeira e evaporaram o banho até secar. Ficou então uma matéria azulada; separamo-la da caldeira, trituramos, fizemos pó, preparamos sobre uma pedra e com ela pintamos toda a pele do pássaro.

Este tomou então um aspecto curioso se couber, pois, além da cabeça, que permaneceu branca, era inteiramente azul.

Assim terminou nosso trabalho nesta sala e, quando a virgem nos abandonou com seu pássaro azul, chamaram-nos ao sexto piso, ao qual subimos, como sempre, por uma abertura na abóbada.

Ali assistimos a um espetáculo que nos causou pena. No centro da sala colocaram um pequeno altar parecido em tudo ao que tínhamos visto na sala do Rei; os seis objetos já descritos encontravam-se sobre ele e o próprio pássaro era o sétimo. Em primeiro lugar, apresentaram a fonte ao pássaro, que saciou sua sede nela; depois, o pássaro viu a serpente e a picou até fazê-la sangrar. Tivemos que recolher este sangue em uma taça de ouro e vertê-la na garganta do pássaro, que se debatia feroz; logo introduzimos a cabeça da serpente na fonte, o que lhe devolveu a vida, subiu em seguida à cabeça de morto, em que penetrou, e não voltei a vê-la durante muito tempo.

Enquanto acontecia isto, a esfera continuava efetuando suas revoluções até que teve lugar a conjunção desejada, momento no qual o relógio soou uma badalada; quando pouco depois se realizou a segunda conjunção, o sino soou duas vezes. Finalmente, quando vimos a terceira conjunção e o sino assinalou-a, o mesmo pássaro pôs seu pescoço sobre o livro e deixou-se decapitar humildemente, sem resistir, por nós ao qual a sorte designara para isso. Entretanto, não brotou dele nenhuma só gota de sangue, até abrir-lhe o peito; então correu fresca e clara como uma fonte de rubi.

Sua morte deixou-nos tristes, mas como pensávamos que o pássaro por si só não servia para grande coisa, resignamo-nos em seguida.

Mais tarde, desocupamos o altar; ajudamos a virgem queimar sobre ele, com fogo pego da luz, o corpo, assim como a tabuleta pendurada. As cinzas (7) foram recolhidas várias vezes e guardadas em um cofre pequeno de madeira de cipreste.

Neste momento tenho que narrar o incidente que ocorreu a mim e a três meus companheiros. Quando recolhemos as cinzas com supremo cuidado, a virgem falou nos seguintes termos:

"Prezados senhores: estamos na sexta sala e por cima há apenas uma outra. Nela chegaremos ao fim de nosso trabalho e poderemos pensar em sua volta ao castelo para ressuscitar a nossos muito graciosos Senhores e Damas. Tivesse desejado que todos aqui presentes se comportaram de forma que pudesse proclamar seus méritos e obter para eles de nosso Altíssimo Rei e Rainha uma recompensa digna. Mas, como muito pesar descobri que dentre estes quatro - e designou-me junto com outros três mais - são operadores preguiçosos, embora meu amor por todos impede-me assinalá-los para um castigo bem merecido, quereria, entretanto, para que não fique impune uma preguiça semelhante, ordenar o seguinte: serão excluídos da sétima operação, a mais admirável de todas, embora, mais tarde, quando estivermos em presença de Sua Majestade Real, não sofrerão nenhum outro corretivo".

É de imaginar em que estado de ânimo me deixou este discurso! A virgem falou com uma gravidade tal que as lágrimas escorregavam por nossas bochechas e considerávamo-nos como os mais desventurados dos homens. Depois, a virgem chamou os músicos por um dos numerosos serventes que sempre a acompanhavam e, com música, puseram-nos na porta, acompanhados de tais risadas que até aos músicos era difícil soprar em seus instrumentos da risada que lhes entrava. E o que mais causou pena, especialmente, foi ver a virgem zombando de nosso choro, de nossa ira e de nossa indignação; além disso, alguns de nossos companheiros alegravam-se de verdade de nossa desgraça.

Não terá que as desprezar, pois nela se encontra um sal. O ciclo litúrgico e os contos populares nos recordam isso com a "quarta-feira de cinza" (recordemos que este é o dia de Mercúrio) e com "A Cinzenta".

O que aconteceu a seguir foi inesperado. Logo que tivemos franqueado a porta quando os músicos insistiram a cessar nossas lágrimas e a segui-los alegremente pela escada e, para

cúmulo, conduziram-nos ao telhado, por cima do sétimo piso.

Ali voltamos a encontrar o ancião, ao qual não víamos desde a manhã, que estava de pé frente a uma pequena água-furtada redonda. Acolheu-nos amigável e felicitou-nos de todo coração por ter sido escolhidos pela virgem; por pouco morre de rir quando se inteirou de nossa tristeza precisamente no momento em que obtínhamos uma felicidade tal.

"Que isto nos sirva para aprender, queridos filhos - indicou-nos -, que o homem não conhece nunca os bens que Deus lhe outorga."

Estávamos falando quando a virgem chegou correndo com o cofre, depois de burlar-se de nós, esvaziou suas cinzas em outro cofre e encheu-o com uma matéria diferente dizendo que agora estava obrigada a enganar nossos companheiros. Insistiu a obedecer ao ancião em tudo o que nos mandasse e a não minguar nossa diligência. Logo, voltou para a sétima sala onde chamou nossos companheiros.

Desconheço o princípio da operação que iniciou com eles, pois, proibiram de maneira cortante falar dela e nós não podíamos vê-los do telhado por causa de nossas ocupações.

Nosso trabalho era o que segue: primeiro, tivemos que umedecer as cinzas com a água preparada com antecedência, para obter uma massa clara; logo colocamos esta matéria sobre o fogo até ficar muito quente. Mais quente ainda esvaziemo-la em duas matrizes que imediatamente deixamos esfriar um pouco. (8) Entretivemo-nos um momento olhando nossos companheiros através de algumas fendas feitas para este fim. Estavam muito atarefados ao redor de um forno e todos sopravam ao fogo, cada um por um tubo. Ali estavam, pois, reunidos ao redor do braseiro, soprando até perder o fôlego, convencidos de que tinham a melhor parte que nós; ainda sopravam quando nosso ancião nos chamou de novo ao trabalho, assim não posso saber o que fizeram depois. Abrimos os moldes e vimos dentro duas formosas figuras quase transparentes como nunca viram olhos humanos. Eram um menino e uma menina. Cada um não tinha mais que quatro polegadas de comprimento e o que me surpreendeu em grande medida é que não eram duras, mas sim de carne branda como a das pessoas. Não obstante, não tinham vida; naquele instante pensei que Vênus fora feita assim também.

Deixamos estes adoráveis meninos em duas almofadas de rasas, embevecidos na contemplação deste gracioso espetáculo, não cessávamos de olhá-los, mas o ancião nos fez

voltar para a realidade; deu-nos o sangue do pássaro recolhido na taça de ouro e mandou que a vertêssemos gota a gota e sem interrupção na boca das figurinhas. Assim que a demos, cresceram a olhos vistos e, conforme cresciam, tornavam-se ainda mais formosas. Desejara que estivessem presentes todos os pintores para que ante esta criação da natureza se ruborizassem de suas obras.

Foram crescendo de tal maneira que precisamos tirá-las das almofadas e deitá-las numa larga mesa forrada de veludo branco; logo, o ancião ordenou que as cobríssemos até por cima do peito com um tafetá branco, muito suave, o qual fizemos a contra gosto por causa de sua indescritível beleza. Mas, abreviemos: antes de que lhes tivéssemos dado todo o sangue alcançaram o tamanho de adultos. Tinham os cabelos frisados, loiros como o ouro e, comparada com eles, a imagem de Vênus que vira anteriormente, valia bem pouco. Entretanto, ainda não se notava nem calor natural, nem sensibilidade; eram estátuas inertes com o tintura dos vivos. O ancião, ante o temor de que crescessem muito, parou sua alimentação, depois cobriu-lhes o rosto com lençol e colocou tochas ao redor da mesa.

Agora devo acautelar ao leitor para que não considere estas luzes como indispensáveis, já que a intenção do ancião era a de atrair para elas nossa atenção para que não nos déssemos conta da descida das almas. De fato, nenhum de nós notaria se eu não tivesse visto antes as chamas duas vezes; não obstante, não tirei meus companheiros de seu engano e deixei que o ancião ignorasse o que eu sabia. Aquele fez que tomássemos assento em um banco diante da mesa e pouco depois chegou a virgem acompanhada de seus músicos. Trouxe dois preciosos vestidos brancos como até então não vira no castelo e que desafiavam qualquer descrição; efetivamente, pareciam feitos de cristal puro e, entretanto, eram flexíveis e opacos; impossível descrevê-los de outra maneira. Deixou os vestidos sobre uma mesa e, depois de as virgens sentarem ao redor do banco, começou a cerimônia assistida pelo ancião, o qual não estava destinado mais que a nos confundir.

O teto sob o que aconteciam estes fatos tinha uma forma verdadeiramente especial. No interior estava formado por sete grandes semi-esferas em abóbodas, estando a maior, a do centro, furada em sua parte superior por uma pequena abertura redonda que neste momento se achava fechada e que meus companheiros não viram. Depois de longas cerimônias, entraram seis

virgens que levavam cada uma delas uma grande trombeta, envolta por uma substância verde fluorescente como se o estivesse por uma coroa. O ancião pegou uma trombeta, retirou alguma luz de um extremo da mesa e descobriu os rostos. Logo colocou a trombeta sobre a boca de um dos corpos de forma que a parte larga, voltava acima, caiu justo em frente da abertura do teto que acabo de resenhar. Todos meus companheiros olhavam os corpos nesse momento, mas devido a minhas suspeitas, eu dirigia o olhar para outro lugar completamente distinto. Desta forma, quando acenderam as folhas da coroa que rodeava a trombeta, vi que se abria um orifício para deixar passar um raio de fogo que se abateu na habitação e penetrou nos corpos; a abertura fechou-se imediatamente e levaram a trombeta.

O cenário enganou meus companheiros que acreditaram que a vida tinha sido comunicada aos corpos através do fogo das coroas e das folhas. Quando a alma penetrou no corpo, este abriu e fechou os olhos sem fazer nenhum outro movimento.

Depois aplicaram uma segunda trombeta sobre sua boca; acenderam a coroa e outra alma descendeu da mesma forma que anteriormente; a operação se repetiu três vezes para cada um dos corpos.

Apagaram as luzes e as levaram; o veludo que cobria a mesa foi posto sobre os corpos e, depois, trouxeram e prepararam um leito de viagem. Puseram nele os corpos completamente envoltos, depois tiraram dos tecidos e deitaram um junto ao outro. Com as cortinas baixadas, dormiram durante certo tempo.

Certamente, era hora de que a virgem se ocupasse dos outros artistas, já que como disse-me mais adiante, estavam muito contentes já que fabricaram ouro. Isto também é uma parte da arte, mas não a mais nobre, nem a mais necessária, nem a melhor. (9) Também eles tinham um pouco de cinzas, de tal forma que acreditaram que o pássaro servia só para produzir ouro e que seria desse modo como se devolveria a vida aos decapitados.

No que se refere a nós ficamos em silêncio esperando o momento em que os noivos despertassem; assim passamos quase trinta minutos. Então apareceu o malicioso Cupido e, depois de nos saudar, voou para eles e os aporrinhou sob as cortinas até que despertaram. Quando o fizeram, sua surpresa foi enorme, pois pensavam que dormiram desde que os decapitaram. Cupido fez que se conhecessem mutuamente e depois retirou-se um instante para

que pudessem recuperar-se. Enquanto esperava brincou conosco, por fim, foi buscar a música e deixou que a alegria se manifestasse.

Veio também a virgem, saudou respeitosamente ao jovem Rei e à Rainha -aos quais encontrou um pouco fracos-, beijou-lhes a mão e deu-lhes dois formosos vestidos; ambos cobriram-se com eles e adiantaram-se. Dois assentos preciosos estavam prontos para recebê-los; neles se sentaram e receberam nossa respeitosa comemoração pela qual o próprio Rei agradeceu; logo dignou nos outorgar de novo sua mercê. Como já eram quase cinco horas, as pessoas reais não podiam atrasar-se mais; assim reunimos depressa os objetos mais preciosos e tivemos que conduzir as pessoas reais até o navio, através das escadas e de todos os corpos da guarda. Instalaram-se no navio acompanhados de algumas virgens e do Cupido; afastaram-se tão às pressas que os perdemos de vista imediatamente; segundo o que me contaram, vieram a buscá-los com vários navios de forma que cruzaram uma grande distância de mar em quatro horas.

Eram cinco horas quando ordenaram aos músicos que carregassem os navios e que se dispusessem para partir. Como eram um pouco lentos, o ancião fez sair uma parte dos soldados que não tínhamos visto até então, já que se achavam ocultos no recinto. Desta forma foi como soubemos que a torre estava sempre pronta para resistir aos ataques. Estes soldados terminaram de embarcar nossas bagagens com rapidez e já não pensamos em nada além do jantar. Quando serviram as mesas, a virgem nos reuniu junto a nossos companheiros; tivemos que adotar um ar compungido, contendo a risada que nos embargava. Eles murmuravam entre si, embora havia alguns que nos compadeciam. O ancião assistiu a esta ceia. Era um professor severo; não houve raciocínio, por inteligente que fosse, que não soubesse contradizer, completar ou desenvolver, com o fim de nos instruir. Com ele aprendi grande quantidade de coisas e seria maravilhoso que cada qual lhe aproximasse para instruir-se; muitos obteriam vantagem com isso. Terminada a comida, o ancião nos conduziu em primeiro lugar a seus museus, edificados circularmente sobre os bastiões; neles contemplamos criações naturais muito singulares, assim como imitações da natureza realizadas pela inteligência humana; para vê-lo completo requeria-se passar neles todo um ano.

Alargamos esta visita diurna até bem entrada a noite. Finalmente, o sonho venceu à

curiosidade e conduziram a nossos aposentos, muito elegantes em contraste com o pouco que nos contentamos na véspera. Dispus-me a deleitar com um bom repouso e como não estava nada inquieto e sim muito cansado pelo trabalho ininterrupto, o murmúrio suave do mar me fez dormir profunda e docemente sem sonhar, (10) das onze até as oito da manhã.

NOTA À SEXTA JORNADA

1- A escada, a corda ou as asas, tratam-se de três meios para alcançar o mesmo fim. Os três denotam a possibilidade de uma elevação, de uma ascensão.

2- A palavra "física" não significa originariamente quão mesmo hoje em dia. Este termo procede do grego (*fisis*), natureza, nascimento, produção, palavra derivada a sua vez do verbo (*confio*), eu nasço, eu produzo. Quando nos convencemos de que tinha saído bem a consciência, pois a virgem temia que a casca estivesse ainda um pouco branda. Estávamos tão contentes ao redor do ovo como se o tivéssemos posto nós mesmos. Mas, rapidamente a virgem fez que o levassem; logo nos deixou também e, como já era costume, fechou a porta. Não sei o que fez com o ovo atrás de sua marcha, não sei se o submeteu a uma operação secreta, embora não acredito.

3- Saúde, Neve, Lança. A lança evoca a morte, ou seja, a cor negra; a neve, a pureza, ou seja, o branco; e a saúde a vida regenerada ou seja, o vermelho. Encontramo-nos, pois, com um resumo da Obra e de suas três cores.

4- Alusão ao "*Fiat*" (Faça-se) bíblico da Gênese 1-3. A Gênese fala, no fundo, da Obra Hermética que, segundo os alquimistas, é comparável à Criação do mundo. (Ver *A Entrada Aberta ao Palácio Fechado do Rei*, cap. V-1 e nota L.) Poderia ver-se também aqui uma evocação dos quatro elementos: F=*fumus*, vapor de água; I=*ignis*, fogo; A=*aer*, ar; T= terra, terra.

5- O que o Fogo, o Ar, a Água, a Terra, não puderam arrancar às santas cinzas de nosso Rei e nossa Rainha, a fiel turva dos químicos.

6- 1459. Paracelso do Hohenlieim. Doutor em Medicina. Jesus é tudo para mim.

7- Numerosos som os autores herméticos que declaram que "as cinzas são a diadema do Rei".

8- Eis aqui uma operação perfeitamente resumida pelo autor da Mensagem de novo encontrado: "refaça o barro e coze-o" (XV-68).

9- A alquimia metálica é somente uma das facetas da Grande Arte, desgraçadamente a única conhecida em nível popular, mas que não pode separar-se da Obra de Regeneração. Ver a este

respeito nosso artigo "A Grande Arte dos Poetas", publicado em Mundo Desconhecido, N° 6, p 41.

10- Observemos que, apesar da profundidade de seu sonho, Christian Rosacruz não pode já sonhar, chegou a um ponto no qual seus sonhos se realizariam.

Despertei pouco depois das oito. Vesti-me com rapidez para voltar a entrar na torre, mas eram tantos os caminhos que se foram entre-cruzando na muralha que estive perdido durante bastante tempo antes de encontrar a saída. Os outros tiveram o mesmo problema, mas finalmente nos reunimos na sala inferior. Obtivemos nossos Vellocinos de Ouro e nos vestiram por completo com roupagem amarela. (1) A Virgem disse que éramos Cavaleiros da Pedra de Ouro, coisa que desconhecíamos até o momento.

Tomamos o café da manhã embelezados desta maneira; logo, o ancião deu a cada um uma medalha de ouro. Podíamos ler no anverso estas palavras:

AR. NAT. MI (2)

Enquanto que no reverso se lia:

TEM. NA. F. (3)

Pedi-nos que nunca nos comportássemos de forma distinta ao que indicavam as normas desta medalha comemorativa.

Os navios zarparam. Estavam preparados admiravelmente. Ao vê-los diria que as coisas maravilhosas que contemplávamos neles eram colocadas ali de forma expressa para nós.

Eram doze navios; seis dos nossos e outros seis do ancião. Este ocupou os seus com galhardos soldados e veio ao navio onde estávamos reunidos. Os músicos, dos quais o ancião tinha em grande número, ficaram à cabeça para nos deleitar. Os pavilhões hasteavam os doze signos celestes (4); o nosso levava o signo de Libra (Balança). Entre outras coisas maravilhosas que havia no navio se achava um relógio que marcava cada minuto.

Os navios navegavam com uma rapidez extraordinária; logo que viajávamos umas duas horas o capitão nos avisou que via tão grande número de navios que quase cobriam o lago. Chegamos à conclusão de que nos receberiam, e assim foi com efeito; quando entramos no lago pelo canal já mencionado, contamos em torno de quinhentas embarcações. Uma delas refulgia de ouro e pedraria; levava o Rei e a Rainha, além disso outros senhores, damas e donzelas de nobre berço.

As duas partes dispararam salvas quando estivemos próximas; o ruído produzido pelas trombetas e tambores foi tão estrondoso que os navios retumbavam. Quando finalmente estivemos junto a eles, rodearam nossos navios e pararam. O velho Atlas apresentou-se

imediatamente em nome do Rei e falou brevemente, embora com elegância; além de dar-nos as boas-vindas perguntou se estávamos prontos para o presente real.

Alguns companheiros nossos surpreenderam-se ao saber que o Rei ressuscitara, já que estavam convencidos de que eram eles quem tinha que despertá-lo. Não os quisemos tirar de sua surpresa e fingimos estar nós mesmos muito saudosos. Quando Atlas terminou, foi nosso ancião quem tomou a palavra, respondendo um pouco mais extensamente; desejou felicidade e prosperidade ao Rei e à Rainha e entregou logo um formoso cofre. (5) Não sei o que continha, mas vi que se confiou sua custódia ao Cupido que brincava entre ambos.

Terminadas as saudações dispararam uma nova salva e seguimos avançando ainda bastante tempo até que atracamos à borda. Chegamos junto ao primeiro pórtico pelo qual entrei a primeira vez. Nele esperavam-nos uma grande quantidade de serventes do Rei com várias centenas de cavalos.

Ao desembarcar, o Rei e a Rainha estenderam-nos a mão muito amigáveis e tivemos que nos montar nos cavalos.

Desejaria suplicar agora ao leitor que não atribua o seguinte ao meu orgulho, nem ao desejo de me vangloriar; se não fora completamente indispensável o narrá-lo por segurança me calaria com gosto as honras com os quais me trataram, com atenção. Repartiram todos, por turno, entre os distintos senhores. Mas, nosso ancião e eu tivemos que cavalgar para lado do Rei levando uma bandeira branca como a neve, com uma cruz vermelha. Colocaram-me nesse local por causa de minha avançada idade; os dois tínhamos os cabelos cinzas e longas barbas brancas. Como tinha atadas minhas insígnias ao redor de meu chapéu, o jovem Rei as observou rapidamente e interrogou sobre se fora eu quem decifrara os signos gravados no pórtico. Respondi de modo afirmativo, demonstrando um profundo respeito. Riu de minhas maneiras indicando que em diante não havia necessidade de tanta cerimônia: que eu era seu pai. Logo, perguntou como conseguira desempoeirá-los, ao que respondi: "*Com água e sal*". (6) Então, surpreendeu-se por minha sutileza. Contei-lhe entusiasmado minha aventura com o pão, a pomba e o corvo, escutou-me com benevolência e afirmou que esta era a prova de que Deus me tinha destinado para uma sorte singular.

Desta forma, caminhando, chegamos ao primeiro pórtico e apresentou-nos o guardião

vestido de azul. Quando me viu o lado do Rei me pediu respeitosamente que me lembrasse agora da amizade que me manifestara. Interroguei ao Rei sobre este guardião e respondeu-me que era um célebre e eminente astrólogo que gozara sempre de uma alta consideração junto ao Senhor, seu pai. Ocorreu que o guardião ofendera Vênus surpreendendo-a e olhando-a enquanto descansava em seu leito, castigaram-no encarregando o guarda da primeira porta até que alguém o libertasse. Perguntei ao Rei se isso era possível e respondeu:

"Sim; se descobrirmos a alguém que tenha cometido um pecado tão grande como o dele, poremos de guardião na porta e este será liberado." Ao ouvir estas palavras fiquei turbado profundamente já que minha consciência me dizia que era eu mesmo este delinqüente. Não obstante, nada disse e transmiti a petição.

Quando o Rei soube dela teve um sobressalto tão violento que a Rainha, que cavalgava detrás acompanhada pelas virgens e por outra rainha - a qual víamos quando da suspensão dos pesos -, deu-se conta e perguntou a propósito da carta. Nada quis responder e, estreitando a carta contra ele, falou de outra coisa até que chegamos os três ao pátio do Castelo. Desembarcamos dos cavalos e acompanhamos o Rei à sala da qual já falei. O Rei retirou-se imediatamente com Atlas a um apartamento e fez-lhe ler a demanda. Atlas apressou-se a subir ao cavalo para pedir ao guardião que completasse a informação. Logo o Rei sentou no trono e outros senhores, damas e donzelas fizeram o mesmo. Nossa virgem elogiou então a dedicação que demonstramos, nossos esforços, nossas obras; e pediu ao Rei e à Rainha que nos recompensassem sobradamente e que a deixassem desfrutar no futuro dos frutos de sua missão. O ancião levantou-se também e asseverou que seria equânime satisfazer as duas demandas. Tivemos que nos retirar um momento e foi concedido a cada um o direito de formular um desejo que seria escutado, sempre e quando fora realizável, já que se previa com certeza que o mais sábio formularia o desejo que mais lhe conviesse; nos exortaram a que pensássemos sobre a questão até passada a hora da comida.

O Rei e a Rainha, para distrair-se, decidiram jogar. O jogo era parecido ao xadrez, mas tinha outras regras. (7) As virtudes estavam a um lado e os vícios em frente; os movimentos mostravam a forma como os vícios tendem armadilhas às virtudes e como estas devem livrar-se delas. Seria interessante que nós tivéssemos um jogo parecido.

Enquanto, chegou Atlas e deu conta de sua missão em voz baixa. Ruborizei-me, pois minha consciência não me deixava em paz. O Rei estendeu-me a petição e fez que a lesse. Aproximadamente dizia o seguinte:

Em primeiro lugar o guardião expressava ao Rei seus votos de sorte e prosperidade com a esperança de que sua descendência fora muito numerosa. Logo asseverava que chegado era o dia no qual, segundo a promessa real, devia ser liberado, já que, conforme tinha sabor de ciência certa, Vênus tinha sido descoberta e contemplada por um de seus hóspedes. Pedia-lhe, pois, a Sua Majestade Real, que tivesse a bem realizar um interrogatório minucioso; assim confirmaria que estava certo, e se não, comprometia-se a permanecer na porta para toda sua vida. Pedia muito respeitosamente a Sua Majestade que lhe permitisse assistir ao banquete até com risco de sua vida, já que esperava descobrir assim ao malfeitor e obter a liberação tão ansiada.

Tudo isto se expor extensamente e com uma arte inigualável. Na verdade, eu estava em uma situação privilegiada para apreciar a perspicácia do guardião, embora era penosa para mim e preferia não conhecê-la nunca; não obstante, consolei-me ao pensar que possivelmente pudesse lhe dar uma mão. Perguntei ao Rei se não havia outro modo de lhe liberar. "*Não* - respondeu-me o Rei -, *pois estas coisas são muito graves, embora por esta noite podemos acessar a seus desejos.*" portanto, fez-lhe chamar. Enquanto isso, serviram as mesas em uma sala em que nunca estivéramos; chamava-se o Completo. Estava disposta de uma maneira tão maravilhosa que me é impossível dar uma descrição. Conduziram a ela com grande pompa. Esta vez estava ausente Cupido pois, segundo me informou, a afronta feita a sua mãe o tinha indisposto; assim minha traição, origem da petição, foi causa de uma grande tristeza. Ao Rei repugnava-lhe ter que realizar um interrogatório entre seus convidados, já que teria revelado os fatos a quem ainda os ignoravam. Pelo que, fazendo o possível por parecer alegre, permitiu ao guardião - que já tinha chegado - que exercesse uma estreita vigilância.

Terminamos animando e entretivemo-nos com toda classe de temas prazerosos e úteis.

Não recordarei aqui o menu e as cerimônias, pois não há necessidade disso e tampouco é de utilidade a nosso fim. Tudo era perfeito, além de qualquer medida, por em cima de qualquer arte ou destreza humana; e não é nas bebidas nas quais penso ao escrever estas palavras. Esta comida foi a última e a mais elogiável de quantas participei.

Depois do ágape tiraram com rapidez as mesas e dispuseram em círculo uns preciosos assentos. Do mesmo modo que o Rei e a Rainha, sentamo-nos neles junto ao ancião, as damas e as virgens. Logo, um belo pajem abriu o livro admirável que já mencionara. Atlas colocou-se no centro do círculo e falou da seguinte maneira:

Sua Majestade Real não esquecera em modo algum, nem nossos méritos, nem a diligência com que desempenhamos nossas funções; para nos recompensar fazia a todos, sem exceção alguma, Cavaleiros da Pedra de Ouro. Era indispensável, pois, que não só prestássemos juramento uma vez mais a Sua Majestade Real, mas sim nos comprometêssemos, além disso, a observar os pontos seguintes. Desta forma, Sua Majestade Real poderia decidir de novo de que maneira deveria comportar-se a respeito de seus aliados. Nesse momento Atlas fez que o pajem lesse os pontos seguintes:

I. Senhores Cavaleiros, têm que jurar que não submeterão sua Ordem a nenhum espírito ou demônio, mas sim a colocação constantemente sob a única custódia de Deus, seu criador, e de sua servidora a Natureza.

II. Devem repudiar qualquer prostituição, vício e impureza e nunca mancharão sua ordem com esta podridão.

III. Socorrerão com seus dons a todos os necessitados e dignos deles.

IV. Não desejarão lhes servir da honra de pertencer à Ordem para lhes beneficiar da consideração mundana ou o luxo.

V. Não viverão mais tempo que o que Deus disponha.

Este último artigo nos fez sorrir longamente e sem lugar a dúvidas estava para isto.

Fora o que fosse, tivemos que jurar sobre o cetro real. Depois fomos recebidos Cavaleiros com a solenidade costumeira; junto com outros privilégios concedeu-nos poder atuar contra a ignorância, a pobreza e a enfermidade, conforme acreditássemos conveniente. Estes privilégios confirmaram-nos a seguir em uma pequena capela a que nos levaram em procissão. Ali demos graças a Deus e eu pendurei meu Vellocino de Ouro e meu chapéu para glorificar ao Senhor; deixei-os ali em comemoração eterna.

E como nos pediu a assinatura de cada um de nós, escrevi:

Summa Scientia nihil scire

Fr. Christian Rosacruz,

Eques aurei Lapidis

Anno 1459. (8)

Meus companheiros escreveram outras coisas, cada qual segundo sua própria conveniência. Logo levaram-nos de novo à sala; convidando-nos a sentarmos e a decidir claramente os desejos que queríamos formular. O Rei e os seus partiram da sala; depois, cada um foi chamado a ela em separado para expor ali sua petição, por isso, desconheço as de meus companheiros. Pensava que o mais elogiável seria honrar minha Ordem dando prova de uma virtude, e pareceu-me que a melhor seria a do agradecimento. Apesar de que poderia desejar algo mais agradável, dominei meus impulsos e resolvi liberar a meu benfeitor, o guardião, embora fosse perigoso para minha integridade. Quando entrei me perguntaram se não reconhecia ou suspeitara quem era o malfeitor, já que tinha lido a petição. Então, sem nenhum medo, relatei detalhadamente o que tinha passado e de que forma tinha pecado por ignorância, declarando-me disposto a padecer a pena que por aquilo merecia.

Esta tradicional afirmação é a "*douta ignorância*" de tantos místicos, parece haver sido tomada também por Enrique Cornelio Agrippa que escrevia que "*Nihil scire, est veta felicissima*" (Não saber nada, é a vida mais feliz). Entretanto, este "nada" que terá que saber, que conhecer, é muito importante para os Filósofos Herméticos. Para o Pernety (Op. cit.) este "nada" é "a primeira matéria de todas as coisas, relatório, como no caos antes da determinação que Deus lhe deu para que se convertesse em tal ou tal coisa existente..." Raimundo Lulio, em sua Teoria, Cap. III, escreve que "Assim terá que compreender esta matéria, como se não houvesse nada que compreender".

O Rei e outros senhores ficaram surpresos por esta inesperada confissão; pediram-me que me fora uns instantes e quando me chamaram de novo, Atlas indicou que Sua Majestade Real estava a causar pena por ver-me neste infortúnio, a mim, a quem Ele queria mais que a todos; mas que Lhe era impossível quebrantar Seu velho costume e que portanto, não encontrava outra solução que liberar o guardião e me transmitir a carga, esperando ao mesmo tempo que outro fora apressado para que eu pudesse voltar a entrar. Não obstante, não se podia esperar nenhuma liberação antes das festas nupciais de seu filho por vir.

Aniquilado com esta sentença, amaldiçoei mil vezes minha boca charlatã por não haver podido calar os fatos; por fim consegui recuperar minha valentia e, resignado à evidência, expliquei como este guardião me entregara uma insígnia e recomendando-me ao guardião seguinte; que graças a sua ajuda fui submetido à prova da balança e desta forma pude participar de todas as honras e nas alegrias; que portanto, justo era mostrar-me agradecido a meu benfeitor e que, já que não podia trocar, agradecia-lhe pela sentença. Pelo resto, faria essa tarefa desagradável em sinal de agradecimento para quem me tinha ajudado a conseguir o resultado. Mas, como ficava por formular ainda o desejo, queria voltar a entrar, com o que liberaria ao guardião e meu desejo, a sua vez, liberaria-me.

Responderam-me que este desejo não era possível, já que do contrário me houvesse bastado solicitado a liberação do guardião. Não obstante, Sua Majestade Real estava contente ao ver que tudo se resolveu com presteza; mas que Ela temia que ignorasse ainda em que miserável condição me tinha posto minha audácia. Naquele momento o bom homem foi liberado e eu tive que me retirar com tristeza. Logo foram chamados meus companheiros e todos retornaram alegres, o qual me entristeceu ainda mais se couber, já que estava convencido de que terminaria meus dias guardando a porta. Meditei sobre as ocupações que me ajudariam a passar o tempo nela; finalmente pensei que, tendo em conta minha avançada idade, não ficavam por viver mais que uns poucos anos e que a pena e a aflição acabariam com minha vida em breve espaço de tempo com o que também se terminaria logo minha guarda; não demoraria muito em poder desfrutar de um sonho prazeroso em minha tumba. Pensamentos deste tipo agitavam meu cérebro; tão logo estava irritado pensando nas formosas coisas que tinha visto e das quais seria privado, como me alegrava ter participado, em que pese a tudo, em tantas sortes antes de meu fim, assim como de não ter sido expulso de forma vergonhosa. Enquanto isso, estando eu perdido em minhas reflexões retornou da habitação do Rei o último de meus companheiros; haviam-lhe desejado uma boa noite ao Rei e aos senhores e foram conduzidos a seus aposentos.

Mas eu, pobre de mim, não tinha ninguém que me acompanhasse; inclusive riram de mim e, para que não ficasse dúvida alguma de que sua função me tinha sido atribuída, puseram-me no dedo o anel que antes levava o guardião. Por fim, e já que não devia vê-lo mais em sua forma atual, o Rei insistiu a conformar-me com a minha vocação e a não atuar contra minha Ordem.

Logo, abraçou-me e beijou-me, com o que acreditei entender que a guarda devia começar no dia seguinte.

Não obstante, quando todos se dirigiram a mim com algumas palavras amigáveis e estenderam a mão, recomendando-me ao amparo de Deus, fui conduzido por dois anciões, Atlas e o senhor da torre, a um alojamento maravilhoso (1), ali, esperavam-nos três leitos e descansamos. Passamos ainda quase dois...

Faltam aqui aproximadamente dois *fólios in-4°*; acreditando ser guardião da porta no dia seguinte, ele (o Autor disto) entrou em sua casa. Ver II Coríntios V- 1.

NOTA À SÉTIMA JORNADA

1- Notemos que a cor amarela corresponde simbolicamente ao Ouro e ao Sol, ou seja, a incorruptibilidade. O amarelo é a cor da eternidade em seu aspecto abstrato, como o ouro é o metal da eternidade em seu aspecto mais concreto.

2- *Ars Nature Ministra*. A Arte é Servidor da Natureza. Esta máxima hermética aparece em quase todos os autores. O trabalho da Arte é prosseguir o da Natureza, ir mais além dos limites que esta alcançou e que por si só não poderia superar. Recordemos somente a Dom Belin que em seu *Apologie du Grand Oeuvre* escreve: "A Grande Obra dos Sábios ocupa o primeiro lugar entre as coisas belas; a Natureza sem a Arte não pode acabá-la; a Arte sem a Natureza não a compreende..."

3- *Tempore Natura Ficta*. A Natureza é filha do tempo. Alguns autores atribuem este adágio a Enrique Cornelio Agrippa. Como todos os filhos de Saturno-Cronos, o Tempo, também a natureza é devorada por este; isto o vemos em que todas suas produções estão submetidas à corrupção e não são eternas. Tal parece ser o significado deste dito que, à luz do anterior, recorda-nos que para transcender o tempo, ou seja, entrar no sobrenatural, o natural precisa da Arte e, portanto da Graça. Entretanto, cabe outra interpretação um pouco mais livre. A Natureza, além disso, do conjunto de produções naturais que conhecemos e a força ou inteligência que as forma, era, no Hermetismo, o que se conhece por "O Sol do Coração". "O Guia pessoal supra-sensível" ou "A Natureza Perfeita". Um muito belo tratado místico iraniano declara que "o primeiro que tem que fazer para ti mesmo, é meditar com atenção sua entidade espiritual que te governa e que está associada a teu astro, ou seja, sua Natureza Perfeita, aquela que o sábio Hermes menciona em

seu livro quando diz: quando o microcosmos que é o homem volta-se perfeito de natureza, sua alma se encontra então homologada ao sol fixo no Céu, e por seus raios ilumina todos os horizontes" (Chamado pelo Henry Corbin. *L'Homme do Lumière...* op. Cit., pág. 34).

4- O simbolismo dos doze signos zodiacais e dos sete planetas referia-se originariamente, a Grande Obra de regeneração. Dom Pernety, em seu Dicionário Mito hermético (Paris 1787) associa as doze fases da Obra aos doze signos do Zodíaco. Não é casual que no estandarte de Christian Rosacruz apareça o signo de Libra. Regido por Vênus que, como vimos, é a deusa do Amor, este signo é o do Matrimônio, ou seja, o das "*Bodas Alquímicas*". Libra recebe em francês o nome de "*O Balanço*", a *Balança*; recordemos a curiosa cerimônia que aparece na terceira jornada na qual os assistentes às Bodas são pesados em uma balança.

5- Para muitos autores o "Tesouro Hermético" está em um cofre que, em certo modo é seu aspecto exterior. Tratar-se-ia da "*cajita*" com que nos encontramos em um grande número de tratados, assim como em muitos contos populares.

6- A Água e o Sal poderiam simbolizar dois aspectos da Matéria prima da Grande Obra. Em certo modo, a Água, de origem celeste, corresponde à Rosa (recordemos a "Rosa dos Ventos") e o Sal, cujo ideograma alquímico é uma cruz dentro de um círculo, corresponde à cruz. Notemos como na vida de cada dia o sal comum fica impregnada pela umidade do meio ambiente. Antigamente, tanto a água como as cinzas, que contêm sais, serviam para lavar.

7- O sentido iniciático deste jogo é pouco conhecido. Assinalemos unicamente que nele aparecem os mesmos elementos que nas "Bodas": Rei, Rainha, Cavaleiros, Soldados, Loucos (em francês o Bispo recebe o nome de Louco).

8- *A CIÊNCIA SUPREMA É NÃO SABER NADA.*

Irmano Christian Rosacruz.

Cavaleiro da Pedra de Ouro.

Ano 1459.

O CANTO DA PÉROLA

Ao longo de todo este livro, tanto na introdução como nas notas, fomos obrigados a fazer alusão ao "Canto da Pérola". Este muito belo ode é um fragmento que parece ter sido acrescentado, aos Atos de Tomás, um texto cristão do século IV, sendo uma história independente do resto da obra. Conhecem-se duas versões dos Atos de Tomás, uma síria e outra grega. A tradução que oferecemos ao leitor procede da versão grega, cuja tradução publicou Bonnet (*Ata Apostolarum Apocrypha*) em 1883. O leitor não deixará de relacionar tanto a pérola que guarda o dragão devorador com o manto de ouro com o Vellocoino da lenda dos Argonautas.

Quando eu era menino, no palácio de meu Pai, vivendo na riqueza e o luxo os quais me alimentavam, do Oriente, minha pátria, meus pais abasteceram de provisões e enviaram-me. Impuseram-me um fardo tirado das riquezas de seus tesouros, precioso, mas ligeiro e que só eu podia levar.

Fardo composto de ouro e do que está no céu, prata de grandes tesouros, gemas, calcedônias da Índia, pérolas do Kushan. Armaram-me com diamante, deram-me uma vestimenta de malha de ouro e constelado de pedras preciosas que fizeram para mim porque me amavam e um adorno dourado a minha medida.

Concluíram um acordo comigo e o inscreveram em meu coração para que não o esquecesse. Disseram-me:

"Se baixas ao Egito e traz dali a pérola que se encontra nesta terra junto a um dragão devorador, revestirá de novo os vestidos de pedras preciosas e o adorno que os acompanha. E estará com seu irmão, o herdeiro de nosso reino que Vive junto a nós".

Vim do Oriente com dois guias por um caminho difícil e temível, E não fui posto a prova enquanto o percorria.

Passei pelas fronteiras do Mosani onde situam-se os mercados do Oriente, e alcancei o país dos Babilônios.

Mas quando entrei no Egito os guias que caminhavam comigo me abandonaram, fui para o dragão pelo caminho mais rápido e o expulsei de seu antro, e como estava sozinho, troquei meu aspecto e apareci a meu povo como um estrangeiro. Ali vi um parente do oriente, livre, menino cheio de graça e de beleza, filho de príncipes.

Veio para mim e habitou comigo.

Fiz dele meu companheiro, meu amigo, anunciando-lhe minha viagem. Adverti-lhe que se guardasse dos egípcios e que não tomasse parte nas coisas impuras.

Vesti-me como eles para não parecer um estrangeiro vindo de outra parte e dar procuração da pérola sem que os egípcios despertassem o dragão para me combater. Mas ignoro como souberam que não era de seu país.

Tenderam-me uma armadilha com malícia e gostei de seu alimento. Após esqueci que era filho do rei e fui escravo de seu rei. Esqueci a pérola em busca da qual meus pais me enviaram, e embrutecido por sua comida caí em um profundo sonho.

Mas quando isso me ocorreu, meus pais penaram por mim e se inquietaram. Uma proclama publicou-se em nosso reino para que todos pudessem vê-la sobre as portas.

E então o rei dos partos, os funcionários e os personagens de alta classe lá no Oriente, tomaram uma decisão a meu respeito, para que não fora abandonado no Egito. Os príncipes escreveram revelando-me isto:

De parte de seu Pai, Rei dos Reis, e de sua mãe que reina no Oriente e de você irmão, o segundo entre nós, a nosso Filho que está no Egito, paz; acordada de você sonho e te levante, escuta o conteúdo de nossa carta; você que aceitaste o jugo da escravidão, recorda que é filho de reis, recorda a pérola pela que foste enviado ao Egito, recorda seu vestido tecido em ouro. O nome que recebeste em nosso reino está inscrito no livro da vida junto com o de seu irmão.

O rei selou a carta com a mão direita, por causa dos inimigos, filhos de Babilônia e dos demônios tirânicos do Labirinto.

E eu, escutando o que me dizia esta voz, despertei de meu sonho.

Agarrei a carta, beijei-a e a li.

O que ali estava escrito era o que estava gravado em meu coração; recordei de repente que era filho de reis, que meu berço exigia que estivesse em liberdade.

Recordei também a pérola pela qual tinha sido enviado ao Egito.

Fui com dons mágicos para o terrível dragão.

E o abalo pronunciado sobre o nome de meu Pai, e o nome de que é o segundo, e o nome de minha mãe, reina no Oriente. Dei procuração da pérola e fui para levá-la a meus pais.

Despojei-me do vestido imundo e o deixei em seu país, e tomei rápido o caminho do Oriente luminoso, minha pátria. No caminho encontrei a carta que me despertara. Como se tivesse voz, ela me elevava quando dormia, e me guiava com a luz que dela emanava.

O real vestido de seda brilhava às vezes ante meus olhos.

Arrebatado e empurrado por seu amor atravessei o Labirinto. Deixei a minha esquerda Babilônia e cheguei ao Maishan, a grande, junto as bordas do mar.

Sendo ainda um menino perdera a lembrança de seu esplendor quando a deixei, no reino de meu Pai.

Como se fora um espelho, vi de repente o vestido sobre mim, vi-o inteiramente sobre mim, vi-me e me reconheci através dele; tínhamos estado separados, de novo éramos o mesmo. Vi que os intendentess que me traziam o vestido eram dois, mas tinham o mesmo aspecto e uma só insígnia real os cobria. O vestido maravilhoso estalava de cores distintos, constelados de ouro, de pedras preciosas e das mais belas pérolas do Oriente. A imagem do Rei de Reis refletia-se em todo ele, suas cores diferentes recordavam a safira.

De novo vi que dariam moções para a conhecer (1) a quem foram falar. Escutei que se dizia: "Venho daquele que é mais valente que todos os homens, em interesse de quem fui enviado pelo mesmo Pai". Vi que crescia minha estatura em concordância com o que ele dizia, e que em seu real movimento se aproximava de mim, se precipitava, estendendo a mão para quem queria aferrar-se dela, e meu desejo me lançou a seu encontro para tomá-la.

Aqui jaz para recebê-la e ser embelezado com esplêndidas cores, e me cobri inteiramente com meu vestido real que supera qualquer beleza.

Quando o tive revestido me encontrei em lugar de adoração e salvação, inclinei a cabeça e prosternei ante o esplendor do Pai que me enviara para isso, conforme suas promessas, porque eu completara seus mandamentos. E introduzi-me nas portas do palácio que existe desde o começo. Ele alegrou-se por mim e acolheu-me com ele em seu palácio, onde todos seus servidores o elogiam com vozes melodiosas, prometeu-me que serei enviado com ele à porta do rei, para aparecer ante o rei com meus presentes e minha pérola.

A lenda do Vellochino de Ouro e o simbolismo mesmo deste Tosão parecem ter atraído a menção de muitos Filósofos Herméticos. Só citando por Miguel Maier, Dom Pernety ou Salomão Trismosin, temos um bom exemplo de autores alquímicos que utilizaram em suas obras um motivo tão sugestivo. Em "*As Bodas Alquímicas*" menciona-se também este Vellochino, dando por certo que o leitor está familiarizado não só com a lenda, mas também, com seu significado hermético. Isto nos levou a propor ao leitor, a grandes rasgos, o tema desta alegoria. Acrescentamos também uma das numerosas interpretações que a fábula do Vellochino de Ouro recebeu, com a intenção de ilustrar, no possível, seu sentido alquímico.

A lenda conta que o rei Atamás teve de sua esposa Nefele um filho que foi chamado Frixos e uma filha chamada Helle. Este rei contraiu segundas núpcias com uma mulher, chamada Ino, que lhe deu dois filhos mais, aos quais puseram os nomes Learcos e Melicertes. Ciumenta de seus enteados, Ino planejou que morreram: convenceu às mulheres do país para que torrassem os grãos que tinham que semear-se, de tal forma que não houve colheita, por isso o povo morria de fome. O rei enviou mensageiros ao Oráculo de Delfos para perguntar sobre a causa da epidemia, mas a perversa mulher subornou aos enviados para que explicassem como resposta do Oráculo que a esterilidade da terra não acabaria até que os filhos do Nefele fossem sacrificados ao Zeus. Quando o rei obteve esta resposta mandou procurar o Helle e Frixos, que estavam jogando com um rebanho. Então, um carneiro, que tinha o velo de ouro, abriu os beiços e, falando como um homem, advertiu aos meninos do perigo. Estes montaram sobre o carneiro, que voou com eles por cima da terra e do mar. Quando sobrevoavam o mar, no lugar que hoje recebe o nome do *Hellesponto*, Helles se inclinou e caiu, mas Frixos pôde chegar ao país da Cólquida, onde reinava um filho do Sol, Aetes. Frixos se casou com a filha deste rei, e teve um filho, Cytisoro e sacrificou seu carneiro ao Zeus.

Frixos deu de presente o velo do carneiro a seu sogro, que o pendurou em um carvalho custodiado por um dragão dormindo, filho de Tufão, que arrojava fogo por sua boca. Este é o começo da Lenda dos Argonautas. Jasão, filho do Esón, rei do Tolcos, empenhou-se em reconquistar o prezado vellochino e, com este fim armou a nave Argos, cuja construção tinha presidido Minerva e cujo mastro, que estava feito com um carvalho fatídico de Dodona, pronunciava oráculos. Depois de muitas tribulações e aventuras, Jasão chegou à Cólquida, onde

ganhou o afeto e o amparo da Medea, uma poderosa maga, filha do rei Aetes. Medea revelou todos os perigos pelos quais se veria ameaçado e deu a conhecer os meios que lhe fariam triunfar em sua empreitada.

Graças às artes de Medea, Jasão pôde aproximar-se do dragão que custodiava o vellocino. Dormiu com uma beberagem mágica, matou-o e roubou-lhe o tesouro. Antes de fazer-se com ele teve, que lavrar o campo de Marte e semear nele os dentes do dragão, embora ajudado novamente pela arte da maga, conseguiu domar dois touros de pés e hastes de bronze que vomitavam chamas e com eles pôde lavrar dois campos consagrados a Marte. Logo semeou os dentes do dragão e deles nasceram homens armados que lhe atacaram, mas Jasão arrojou uma pedra em meio deles e estes arrojaram suas armas contra si mesmos. Jasão pôde realizar sua façanha graças aos quatro presentes de Medea, ou seja: um unguento que o preservaria do veneno do dragão e do fogo dos touros; uma beberagem mágica com o que adormeceria ao dragão; uma água limpa com a qual pode apagar o fogo dos touros; e uma medalha mágica em que se viam representados o Sol e a Lua. (2) Segundo o lexicógrafo grego Suidas (século X), avaliado tempos depois pelo alquimista Jacobus Tollius (século XVIII), o Tosão de Ouro seria um livro escrito em pergaminho o qual encerraria toda a Arte Hermética, ou seja, o segredo da fabricação do ouro. Se tomarmos esta afirmação ao pé da letra, isto seria inexato, mas do ponto de vista simbólico destes autores poderiam ter razão, embora para a maioria dos Filósofos Herméticos a lenda dos Argonautas não é mais que uma alegoria da Grande Obra, ao fim da qual é a obtenção da Medicina Hermética.

Começamos assinalando que a palavra "*Jasón*" significa "médico". Efetivamente, *Iason* procede do verbo *Isomai*, que quer dizer curar, sanar. Segundo Dom Pernety, (3) Jasón teve dois professores: Silêncio e Medea. "O primeiro lhe deu as primeiras instruções e a teoria; a segunda o guiou na prática com seus conselhos. Sem seu auxílio, um artista não triunfaria nunca e iria de engano em engano"... "o carvalho que se utilizou na construção do navio é a mesma com a que Cadmo matou à serpente". (4) Quando Jasão empreendeu sua viagem, fez escala no Lemnos "para que Vulcano o fora favorável". Já sabemos quem é este deus. (5) Conta a lenda que as mulheres desta ilha faltaram ao respeito a Vênus e que esta, para as castigar, enviara-lhes "um aroma insuportável que as fez desprezíveis aos olhos dos homens". Para os alquimistas, Vulcano

é o fogo da corrupção e da putrefação tão necessário ao princípio da Obra, enquanto que o aroma das mulheres do Lemnos é o da matéria quando está em putrefação.

Jasão, que representa aos que obrem, tinha que passar por ali para poder chegar ao Vellocoino, ou seja, a pedra vermelha.

Por isso, respeita ao dragão que defendia o prezado Vellocoino, não é o mesmo que guardava a pérola preciosa do Canto da Pérola?

Poucos são os Filósofos Herméticos que não utilizaram a lenda do dragão em seus escritos. Segundo uma expressão de Raimundo Lúlio, este dragão é um fogo que recebe denominações como "Dragão Ígneo" ou "Dragão Apaziguado", dependendo do estado que se encontre. Não é estranho, pois, que o dragão da lenda vomite fogo pela boca. Seus dentes são a semente do Ouro Filosófico, que têm que ser semeados no campo de Marte, o qual tem que ser lavrado com a ajuda de dois touros que também arrojam fogo.

Alguns autores opinam que o Vellocoino era branco; outros, púrpura. Os dois são cores da matéria em dois estados diferentes da Obra. Tem-se que recordar que toda a aventura começa graças à nave Argos (*Ar g ou a* procede do *Ar g e n n ou a*, branco, cândido), símbolo da matéria desencarnada e acaba com o purpúreo Vellocoino, que representa matéria completamente fixada.

A ALEGORIA DO MERLÍN (6)

Que contém por completo o muito profundo Oculto da Pedra Filosofal.

Certo rei que queria superar a outros capitalistas preparou-se para guerrear contra eles. Quando se dispunha montar a cavalo pediu a um de seus soldados que desse a beber a água que ele amava tanto. O soldado disse: "Senhor, que água é a que deseja?" E o rei lhe respondeu: "A água que eu procuro é a que mais desejo, e esta mesma água me deseja mais que qualquer outra". O soldado, meditando alternativamente, partiu em seguida e a trouxe para o rei. O rei tomou, bebeu-a e voltou a beber até que todos seus membros saciaram-se dela, até que se encheram dela todas suas veias, e então, seu corpo trocou fortemente de cor. Depois disto, seus soldados lhe disseram: "Senhor, eis aqui um cavalo, monte se assim o deseja". E o rei respondeu: "Já sabem que não posso montar". Os soldados inquiriram: "por que não pode montar?" O rei respondeu: "Porque me sinto pesado e a cabeça me chocalha, sinto-me como se me quebrassem todos os membros, um depois do outro. Ordeno-lhes que me ponham em uma habitação luminosa

e situada em um lugar quente e seco, e que esteja à mesma temperatura durante um dia e uma noite; assim suarei e secará em mim a água que bebi, com o qual serei liberado". Os soldados fizeram o que lhes tinha ordenado o rei. Quando transcorreu um certo tempo abriram a habitação e acharam-no quase morto.

Os parentes foram em seguida ver os mais famosos médicos egípcios e de Alexandria e, imediatamente, levaram-nos junto ao rei e contaram o acontecido. Os médicos, depois de havê-lo examinado, disseram que poderia ser liberado com toda segurança.

Os pais perguntaram: "Qual de vós será o professor?" Os Alexandrinos disseram: "Nós, se assim o desejarem". Os Egípcios responderam: "Nós não o desejamos, mas queremos ser os professores. Posto que embora pareçamos mais jovens, somos mais velhos que vós". Os Alexandrinos foram do mesmo parecer.

Diz-se então que os professores lavaram o rei e o despedaçaram em partes pequenas, e que o moeram e mesclaram com grande quantidade de seus remédios úmidos, dispondo-o assim em sua habitação, em um lugar quente e seco como antes, durante um dia e uma noite. Passado este tempo o retiraram quase meio morto embora possuindo ainda um pouco de vida.

Quando o viram seus parentes gritaram: "Ai!, o rei está morto". Os médicos disseram aos parentes que não estava morto. E por esta razão o agarraram e o levaram de novo para lavá-lo com água doce até que se desvaneceu o aroma dos medicamentos.

Então seus parentes gritaram mais forte dizendo: "Ai! O Rei está morto". Os médicos ao responder, disseram-lhes, para explicar estes fatos: "Matamo-lo para que no dia do julgamento, depois da ressurreição, seja melhor e mais forte do que havia sido neste mundo". Mas até seus pais acreditaram que eram uns enganadores quando assim ouviram-lhes e tiraram seus remédios e jogaram-no no reino.

Logo falaram um e outro considerando o que é o que se devia fazer com este corpo envenenado e mortal. E se reuniram para enterrá-lo, para que não se apodrecesse e para que seu mau aroma não danificasse.

Quando se inteiraram, os médicos da Alexandria se dirigiram a eles e disseram:

"Nos dêem a graça de não enterrá-lo porque nós o voltaremos mais são e mais formoso e mais capitalista que antes".

Os parentes começaram a rir, dizendo: "Querem nos enganar como os outros? Devem saber que, a menos que cumpram sua promessa, não poderão escapar de nossas mãos".

E, como se comprometeram a isso, os médicos lavaram ao rei morto. Trituraram-lhe como os outros, abandonaram-no e não se ocuparam dele até que não ficou nada dos remédios anteriores. Então o dissecaram.

Logo lavaram uma parte de sal amônia e dois de nitro da Alexandria e as mesclaram com as cinzas do morto, impregnaram a mescla com um pouco de azeite de linho e a puseram em uma câmara feita em forma de crisol por debaixo do que foi cavado. E sem o outro buraco, puseram o outro copo feito como um crisol, e os deixaram ali durante uma hora. Logo o recobriram com fogo e sopraram até que se desagregou completamente caindo em outro crisol colocado em um buraco mais abaixo. Depois, voltando assim o rei da morte à vida, gritou com voz forte e disse:

"Onde estão os inimigos? Que saibam que os matarei a todos se não acudirem imediatamente ante mim para me obedecer". Enquanto escutavam isto, vieram junto ao rei dizendo: "Senhor, aqui estamos dispostos a tudo por vós, ordenastes que se vos obedença". Por isso, é pelo que desde esse momento, igual anteriormente, honraram-lhe e temeram-lhes todos os capitalistas das outras regiões. E quando queriam lhe surpreender, punham uma onça de extrato de mercúrio benéfico em um crisol e arrojavam também em cima uma medida de unhas ou de cabelos, ou de seu sangue, defumavam com carvão, abandonavam com o carvão uma vez esfriada, e encontravam a pedra tal como eu sei. Atiravam um pouco desta pedra sobre Saturno desencarnado e rapidamente seu aspecto se transformava como eu sei.

A seguir punham uma parte desta pedra sobre dez de Vênus e era inteiramente de uma cor, e bom. O mesmo no outro caso. Recolhiam triturada a pedra da qual se falou, mesclavam-na com o sal e, como antes, fundiam-na ao sol, e arrojavam sais das chamadas dissolvidas sobre um soro de carvalho, que se voltava melhor para tudo. Este pai era levado a um guardião e era todo preservado porque a lúbia é melhor entre tolos do que entre os sábios. Efetivamente, é o caminho dos reis de três dias que desejam obter muito proveito sem suportar muitos esforços. Ponhamos nossa confiança nas bonanças do Criador que inspirou e insinuou a seus fiéis um grande sentido da gratuidade; os atos se afastam transformados em substâncias, em tanto que na potência se ocultam as coisas; o homem muito sábio é forte para que lhe chame a atuar.

A Confissão

Um dos fatos mais curiosos que aparece algumas vezes ao longo das "*Bodas Alquímicas*" é a repulsão de seu autor para os maus livros, causa de desorientação para muitos buscadores. Não se podia deixar de adicionar à presente edição o décimo segundo capítulo da *Confissão*, no qual este tema recebe um tratamento parecido.

"Acabando nossa confissão, tem-se que recordar diligentemente que é necessário proscrever a maioria, senão a totalidade, das obras dos falsos alquimistas que se deleitam abusando de forma inútil da Santa e gloriosa Trindade, enganando às pessoas com figuras maravilhosas, obscuros e ocultos propósitos, tirando dinheiro da gente simples.

Nesta época sofremos de uma proliferação de obras deste tipo. O inimigo do bem do homem as mescla com o bom grão com a esperança de diminuir o crédito à verdade: a verdade é simples, poda e plaina, enquanto que a mentira é imponente, fastuosa e majestosa, rodeada da estranha auréola que lhe emprestam a sabedoria divina e a sabedoria humana.

Homens sutis, rechacem estas obras, evitem-nas, dirigi para nós que não desejamos seu dinheiro e que, bem ao contrário, oferecemo-lhes com nossa gentileza grandes tesouros. Não corremos atrás de seus bens inventando tinturas de enganador, desejamos fazer-lhes participar de nossos bens. Não lhes falamos de forma sentenciosa, mas sim queremos lhes iniciar em uma interpretação, uma explicação, uma ciência secreta, que seja simple, inteiramente compreensível, mas, convidamo-os à nossas moradas, melhores que hotéis ou palácios reais. Saibam que não obramos segundo nossa vontade própria; é o espírito divino o que nos incita e insiste a fazê-lo assim, e nosso pai amado o dispôs que esta forma no testamento inviolável que nos legou; as condições e intenções deste século obrigam a assim fazê-lo.

NOTA AO APÊNDICE

- 1- Aqui o texto original é ininteligível.
- 2- Ver a Quarta Jornada, nota 4.
- 3- Ver Dom Pernety, *Fables Egyptiennes et Grecques dévoilées...* Tomo I. pág. 457. Paris 1786.
- 4- Ver *A Entrada Aberta...* op. cit., pág. 38 e 39.
- 5- Ver Terceira Jornada, nota 4.
- 6- *MERLIN, Allegoria. Profondissimum Philosophici Lapidis Arcanum perfectecontinens.* In

Johann Jacobi MANGET Bibliotheca Chemica, *rerum ad Alchimiam pertinentium Thesaurus instructissimus; in-fólio*. Colônia 1702, 2 Volumes 2°Volume - sectio prima- X. Pág. 191.

MERLIN, Allegoria. Profundissimum Philosophici Lapidis Arcanum perfecte continens.